

SOTERIOLOGIA



Faculdade de Teologia e Ciências

CURSO DE TEOLOGIA

MÓDULO XII

Soteriologia

SUMÁRIO

A DOCTRINA DA SALVAÇÃO.....	9
Soteriologia.....	9
I. Provisões feitas.....	11
A. A morte de Cristo.....	11
B. A ressurreição de Jesus Cristo.....	27
C. Ascensão e exaltação de Jesus Cristo.....	40
II. A aplicação das provisões.....	45
A. Eleição.....	45
B. Arrependimento.....	50
C. Fé.....	59
D. Justificação.....	66
E. Regeneração.....	76
F. Adoção.....	85
G. Santificação.....	89
H. Certeza.....	101
I. A segurança do Crente.....	112
Estágio supervisionado.....	121
Trabalhos monográficos.....	124
Avaliação final (Provão).....	136
Bibliografia.....	138

Copyright © 2010 by editora FATEC



Faculdade de Teologia e Ciências

“Educando para transformar vidas”

Diretor Geral

Prof. Dr. Marcos Palácio

Diretor Técnico Executivo

Pr. Otoniel Palácio

Diretora Pedagógica

Profª Mayra Branco

Secretária Executiva

Profª Sueli Galisteu

Corpo Docente

Prof. Valdeir José Ferreira – Bacharel em Teologia
Profª Isabel Martis Gelio Coleta – Pós-graduação em Sexualidade Humana
Prof. Jânio Aparecido Ciritelli – Bacharel em Teologia
Prof. Marcos Valério Fernandes – Bacharel em Direito
Prof. David Moreira Lima – Pós-graduação em Gestão Empresarial
Prof. Ciuderlei Mateus Vieira – Bacharel em Teologia
Prof. Odair José de Oliveira – Mestrado em Liderança
Profª Mayra Branco – Pós-graduação em Psicopedagogia
Prof. Marcos de Matos Palácio – Doutor em Psicanálise
Prof. Otoniel de Matos Palácio – Mérito Internacional em Teologia
Profª Ednise Rosa Rodrigues – Pós-graduação em Psicopedagogia

Coordenação Editorial

Prof. Dr. Marcos Palácio

Projeto gráfico de capa e miolo

Profª Sueli Galisteu

Revisão

Profª Ednise Rosa Rodrigues

Produção e assessoria gráfica

Profª Mayra Branco

Todos os direitos desta obra em língua portuguesa reservados por:



Editora FATEC

Rua José Sanches Peres, 3040 – Votuporanga-SP – CEP. 15501-210

Fone (17) 3421-5653 – www.fatecc.com.br

secretaria@fatecc.com.br

APRESENTAÇÃO

TEOLOGIA: esta é uma palavra que ainda provoca as mais diversas reações nos evangélicos de nossos dias. Os motivos são numerosos. A Teologia, dependendo da denominação, é vista como uma parceira, uma ferramenta importante que, também, capacita a Igreja Cristã a realizar a missão que Jesus lhe confiou. Há ainda segmento no qual a Teologia é exatamente o oposto: um obstáculo à espiritualidade da comunidade de fé uma vez que o “**apego**” à letras (os textos bíblicos) sufoca a poderosa manifestação do Espírito Santo; neste caso presume-se, indevidamente, que o saber anula o poder. Há também a ala dita evangélica que quer libertação plena da Teologia; há razão para tanto; a Teologia bíblica coerente jamais aprovará seus disparates, praticados em nome de Deus, portanto é melhor repudia-la.

Mas a teologia é essencial na formação de Líderes, Professores, Pastores e interessados no tema, o Dr. Wander de Lara Proença explica que a idéia de preparar vocacionados se reporta aos tempos da Antiguidade; menciona, a título de exemplo, a formação de profetas mediante o monitoramento (1 Rs 19.19; 2 Rs 2.9-14), sistema de internato para profetas (2 Rs 4.38), e possivelmente, sacerdotes (1 Sm 19-28).

Em o Novo Testamento, nos dias de Jesus, os essênicos formavam uma comunidade monástica no deserto, onde mantinham uma escola para a formação de profetas; conta-se que João Batista adquiriu, nessa escola, a credencial de legitimidade para o exercício de seu ministério profético (Mt 21.23,27); o mesmo fez Jesus (Mt 3.15), que também constituiu uma escola para a formação teológica/ministerial de seus discípulos (Mc 3.13-19).

OBJETIVOS DO CURSO

Com base na justificativa social e eclesial para a existência do curso, pode-se afirmar que os objetivos gerais deste são:

- Promover a reflexão e discussão bíblico-histórica sobre a fé cristã;
- Promover a reflexão teológica acerca dos problemas atuais das comunidades eclesiais e sociais;
- Elaborar o saber teológico, verdadeiramente inserido no contexto brasileiro, contribuindo para a produção de subsídios para as comunidades eclesiais, pára - eclesiais e sociais em sua ação no mundo;
- Criar e gerenciar projetos eclesiásticos e sociais fundamentados na fé cristã evangélica.

MÉTODO ADOTADO

- **Educação presencial** a educação presencial sempre teve e terá seu espaço no processo educativo, é um sistema tradicional, que não dispensa a presença do professor e alunos, desenvolvendo o processo educacional através da difusão destes conhecimentos, o professor é a principal ferramenta de transmissão do conhecimento, a interação entre professor e aluno ocorre na educação presencial através da moderação com participação na retirada de dúvidas.
- **Educação a distância (EaD)**, também chamada de **teleducação**, por vezes designada erradamente por *ensino à distância*, é a modalidade de ensino que permite que o aprendiz não esteja fisicamente presente em um ambiente formal de ensino-aprendizagem, assim como, permite também que faça seu auto estudo em tempo distinto. Diz respeito também à separação temporal ou espacial entre o professor e o aprendiz.

A EaD deve ser vista como possibilidade de inserção social, propagação do conhecimento individual e coletivo, e como tal pode ajudar na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. É nesta direção que a FATEC vê a possibilidade de formar cidadãos conscientes de seu papel sócio político, ainda que vivam em regiões onde a oportunidade de ensino de qualidade seja remota ou que a vida contemporânea reduza a disponibilidade para investir nos estudos.

A interligação (conexão) entre professor e aluno se dá por meio de tecnologias, principalmente as telemáticas, como a Internet, em especial as hipermídias, mas também podem ser utilizados o correio, o rádio, a televisão, o vídeo, o CD-

ROM, o telefone, o fax, o celular, o iPod, o *notebook*, entre outras tecnologias semelhantes.

Na expressão *ensino a distância* a ênfase é dada ao papel do professor (como alguém que ensina a distância). O termo *educação* é preferido por ser mais abrangente, embora nenhuma das expressões, segundo o professor, seja plenamente completa.

FILIAÇÃO FIRMADAS

Com o objetivo de colaborar de forma relevante nas profundas e imprescindíveis transformações que norteiam a valorização do acadêmico, a FATEC tem firmado algumas parcerias com Instituições idôneas representantes de classes, proporcionando ao aluno e docentes grandes vantagens de acesso ao conhecimento.

Entre elas podemos citar: CFT (Conselho Federal de Teologia), ABEP (Associação de Ensino de Psicologia).

CONFISSÃO DOUTRINÁRIA

A FATEC professa a fé Cristã alicerçada fundamentalmente nas Escrituras Sagradas (Bíblia), como se segue:

1. Em um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo (Dt 6.4; Mt 28.19; Mc 12.29).
2. Na inspiração verbal da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé normativa para a vida e o caráter cristão (2 Tm 3.14-17).
3. Na concepção virginal de Jesus, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal dentre os mortos e sua ascensão vitoriosa aos céus (Is 7.14; Rm 8.34 e At 1.9).
4. Na pecaminosidade do homem que o destituiu da glória de Deus, e que somente o arrependimento e a fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo é que pode restaurá-lo a Deus (Rm 3.23 e At 3.19).
5. Na necessidade absoluta do novo nascimento pela fé em Cristo e pelo poder atuante do Espírito Santo e da Palavra de Deus, para tornar o homem digno do Reino dos Céus (Jo 3.3-8).

6. No perdão dos pecados, na salvação presente e perfeita e na eterna justificação da alma recebidos gratuitamente de Deus pela fé no sacrifício efetuado por Jesus Cristo em nosso favor (At 10.43; Rm 10.13; 3.24-26 e Hb 7.25; 5.9).
7. No batismo bíblico efetuado por imersão do corpo inteiro uma só vez em águas, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, conforme determinou o Senhor Jesus Cristo (Mt 28.19; Rm 6.1-6 e Cl 2.12).
8. Na necessidade e na possibilidade que temos de viver vida santa mediante a obra expiatória e redentora de Jesus no Calvário, através do poder regenerador, inspirador e santificador do Espírito Santo, que nos capacita a viver como fiéis testemunhas do poder de Cristo (Hb 9.14 e 1Pd 1.15).
9. No batismo bíblico no Espírito Santo que nos é dado por Deus mediante a intercessão de Cristo, com a evidência inicial de falar em outras línguas, conforme a sua vontade (At 1.5; 2.4; 10.44-46; 19.1-7).
10. Na atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja para sua edificação, conforme a sua soberana vontade (1 Co 12.1-12).
11. Na Segunda Vinda premilenial de Cristo, em duas fases distintas. Primeira - invisível ao mundo, para arrebatá-la sua Igreja fiel da terra, antes da Grande Tribulação; segunda - visível e corporal, com sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (1Ts 4.16. 17; 1Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5 e Jd 14).
12. Que todos os cristãos comparecerão ante o Tribunal de Cristo, para receber recompensa dos seus feitos em favor da causa de Cristo na terra (2Co 5.10).
13. No juízo vindouro que recompensará os fiéis e condenará os infiéis (Ap 20.11-15).
14. E na vida eterna de gozo e felicidade para os fiéis e de tristeza e tormento para os infiéis (Mt 25.46).

A DOCTRINA DA SALVAÇÃO

Soteriologia

INTRODUÇÃO

"Soteriologia" deriva de duas palavras gregas, *soteria* e *logos*.

A primeira significa "salvação" e a última, "palavra, discurso ou doutrina". Depois de ter tratado da doutrina da teologia, onde enfatizamos a santidade de Deus, e tendo visto o fracasso e o pecado da humanidade no estudo da antropologia e hamartologia, somos obrigados a compreender a absoluta necessidade de um plano de salvação suficiente para cobrir o imenso abismo entre estes dois extremos infinitos, a pecaminosidade do homem e a santidade de Deus. Felizmente, para todos os interessados, Deus previu tudo o que teria lugar na queda do homem e planejou exatamente a salvação necessária antes da fundação da terra. Antes do primeiro pecado cometido no universo, antes da terrível crise provocada pelo homem rebelde, que fora feito à imagem de Deus, o Senhor planejou e proveu um meio de fuga das armadilhas e condenação do pecado. Nosso Deus não foi apanhado de surpresa. Ele previu a queda e pré-ordenou o plano de resgate.

O plano da salvação de Deus é tão simples que o menor dentre os filhos dos homens pode entendê-lo o bastante para experimentar o seu poder transformador. Ao mesmo tempo, é tão profundo que nenhuma imperfeição jamais foi descoberta nele. De fato, os que o conhecem melhor ficam continuamente Espantados com a idéia de que um e apenas um plano de salvação seja necessário para satisfazer as inúmeras carências espirituais em meio às variações quase ilimitadas das necessidades dos homens em cada raça, cultura e situação entre as nações deste mundo.

O ponto nevrálgico do plano da salvação de Deus se concentra no cargo e função de um mediador - alguém que pudesse colocar-se entre um Deus ofendido

e uma criatura pecadora e sem esperança, o homem. só sentiu a necessidade de alguém assim quando se encontrou (pelo menos é o que pensava) afastado de Deus. "Porque ele não é homem, como eu, a quem eu responda, vindo juntamente a juízo. Não há entre nós árbitro que ponha a mão sobre nós ambos" (Jó 9:32,33).

Esta é a posição que Cristo veio preencher em seu sacrifício substitutivo. "Porquanto há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem" (1 Tm 2:5).

Esta é a razão para a encarnação da segunda pessoa da divindade; a fim de ser o mediador para Deus, Ele deve ser Deus; a fim de representar a humanidade, Ele deve ser homem. A penalidade pelos pecados humanos, que precisa ser cancelada caso o homem deva ter comunhão com Deus, era a morte. Mas em vista de Deus não poder morrer - o espírito não pode morrer - Ele precisa ter um corpo, portanto, "o Verbo se fez carne, e habitou entre nós" Jo1:14). Note igualmente as seguintes explicações ampliadas:

"Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse a todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida. Pois ele, evidentemente, não socorre a anjos, mas socorre a descendência de Abraão. Por isso mesmo convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas cousas referentes a Deus, e para fazer propiciação pelos pecados do povo" (Hb 2:14-17).

Tudo isto se tornou possível mediante a morte, sepultamento e ressurreição de Cristo Jesus.

No estudo da doutrina da salvação teremos dois títulos: (1) as provisões feitas: incluindo morte, sepultamento, ressurreição, ascensão e exaltação de Jesus Cristo; e (2) a aplicação dessas provisões: incluindo arrependimento, fé, justificação, regeneração, adoção, santificação, confiança e segurança.

I. PROVISÕES FEITAS

A. A MORTE DE CRISTO.

Ao estudar a vida de Cristo, ficamos surpresos com as inúmeras obras maravilhosas realizadas por Ele. O alimento dado ao povo, a transformação da água em vinho, a cura dos doentes, fazer os coxos andarem, os surdos ouvirem e os cegos verem, foram todas elas evidências que apontaram para o fato de que Ele era o Filho de Deus. Mediante estas obras prodigiosas, Ele deu ampla evidência de ser em verdade tudo o que afirmava ser. Todavia, sua obra não terminou com os milagres realizados durante a sua vida, as grandes verdades que pregou e por ser uma bênção para o povo de sua época. Seu propósito principal ao vir a este mundo foi trazer salvação para as almas dos homens. Quando o anjo de Deus falou a José sobre o filho que nasceria de Maria, disse: "Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles" (Mt 1:21). Nosso enfoque presente será então o método pelo qual Jesus salvaria seu povo dos seus pecados. Isto leva ao estudo de sua morte.

1. Importância da morte de Cristo

Myer Pearlman declara: "O evento destacado e a doutrina principal do Novo Testamento podem ser resumidos nas palavras: 'Cristo morreu (o evento) pelos nossos pecados (a doutrina)' (1 Co 15:3)."¹ O cristianismo difere de todas as outras religiões no que diz respeito à posição dada à morte de seu fundador. Todas as demais religiões baseiam suas afirmativas de grandeza na vida e ensinamentos de seus fundadores, enquanto o Evangelho de Jesus Cristo se concentra na pessoa de Jesus Cristo, incluindo especialmente sua morte no Calvário. É dito freqüentemente que toda religião contém algo de bom. Pode ser verdade que existe algum valor ético em muitos ensinamentos, mas só no cristianismo temos a redenção do pecado, sendo isto realizado mediante a morte substitutiva do próprio Filho de Deus.

a) A importância dada a ela nas Escrituras

(1) No Antigo Testamento - a morte de Cristo é prevista no Antigo Testamento inteiro em inúmeros tipos e profecias. Só alguns dos mais importantes podem ser mencionados aqui.

(a) Tipos:

As vestimentas de peles - "Fez o Senhor Deus vestimenta de peles para Adão e sua mulher, e os vestiu" (Cn 3:21).

A oferta de Abel - "Abel, por sua vez, trouxe das primícias do seu rebanho, e da gordura deste. Agradou-se o Senhor de Abel e de sua oferta" (Cn 4:4).

A oferta de Isaque (Cn 22).

O cordeiro da páscoa (Êx 12).

O sistema sacrificial levítico (Lv 1-7).

A serpente de bronze (Nm 21; Jo 3:14).

O cordeiro imolado - "Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos. Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha, muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a sua boca" (Is 53:6,7).

(b) Profecias:

A semente da mulher - "E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar" (Gn3:15, IBB). Isto foi chamado de novo evangelho, "o primeiro evangelho".

A cena da crucificação (SI 22). O sofrimento vicário (Is 53).

O Messias morto - "Depois de sessenta e duas semanas será morto o Ungido, e já não estará" (Dn 9:26a). O pastor ferido - "Se alguém lhe disser: Que feridas são essas nos teus braços? responderá ele: São as feridas com que fui ferido na casa dos meus amigos. Desperta, ó espada, contra o meu pastor e contra o homem que é o meu companheiro, diz o Senhor dos Exércitos; fere o pastor, e as ovelhas ficarão dispersas; mas volverei a minha mão para os pequeninos" (Zc 13:6,7).

Em Sua conversa com os dois discípulos no caminho de Emaús, na tarde da sua ressurreição, Jesus declarou que Moisés, e, na verdade, todos os profetas e todas as Escrituras falaram de sua morte. "Porventura não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória? E, começando por Moisés, discorrendo por todos os profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras" (Lc 24:26,27). Fica claro, em 1 Pe 1:10,11, que os sofrimentos de Cristo foram o grande tema diligentemente investigado e sondado pelos profetas do Antigo Testamento: "Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada, investigando atentamente qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo, e sobre as glórias que os seguiriam." Quando Moisés e Elias apareceram com Cristo no monte da Transfiguração, o assunto de que falaram foi a morte do Salvador. "Eis que dois varões falavam com ele, Moisés e Elias. Os quais apareceram em glória e falavam da sua partida, que ele estava para cumprir em Jerusalém" (Lc 9:30,31).

(2) No Novo Testamento - Torrey diz que a morte de Jesus Cristo é mencionada diretamente mais de 175 vezes no Novo Testamento. Desde que existem 7.957 versículos no Novo Testamento, isto significa que um entre cada 45 versículos se refere a este assunto. Thiessen afirma: "Os três últimos dias da vida terrena do Senhor ocupam um quinto das narrativas nos quatro evangelhos."?

b) Sua relação com a encarnação. Este assunto foi tratado na seção de teologia que fala de Jesus Cristo. Mas algumas Escrituras pertinentes serão repetidas aqui para enfatizar a importância da sua morte. Jesus participou de carne e sangue a fim de poder morrer. "Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue., destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo" (Hb 2:14). "Sabeis também que ele se manifestou para tirar os pecados" (1 Jo 3:5). Cristo veio a este mundo com o propósito expresso de entregar-se como resgate pelos nossos pecados. "Tal como O Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Mt 20:28). "Agora, porém, ao se cumprirem os tempos, se manifestou uma vez por todas, para aniquilar pelo sacrifício de si mesmo o pecado" (Hb 9:26). Thiessen diz muito bem: "Sua morte não foi uma reflexão tardia ou um acidente, mas o cumprimento de um propósito divino ligado à encarnação. A encarnação não é um fim em si mesmo, mas um meio para obter um fim, e esse fim é a redenção dos perdidos mediante a morte do Senhor na cruz."

c) Uma das verdades fundamentais do evangelho.

Note como Paulo enfatiza a morte, o sepultamento e a ressurreição de Cristo como constituindo o evangelho.

"Irmãos, venho lembrar-vos o evangelho que vos anunciei ... que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras" (1 Co 15:1-4). O Evangelho é as "boas novas" da salvação, o perdão de pecados através da morte, sepultamento e ressurreição de Jesus Cristo.

d) Sua necessidade para a salvação do homem.

Muitas escrituras indicam a absoluta necessidade da morte de Cristo para que Deus pudesse perdoar o pecado e garantir ao homem a sua salvação. Note quantas vezes a palavra *importa* (ou termos sinônimos) Ocorre nas seguintes passagens:

"E do modo porque Moisés levantou a serpente no deserto, assim *importa* que o Filho do Homem seja levantado" (Ia 3:14). "Desde esse tempo, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que *lhe era necessário* seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto, e ressuscitado no terceiro dia" (Mt 16:21). "Mas *importa* que primeiro ele padeça muitas coisas e seja rejeitado por esta geração" (Lc 17:25).

Ouçã o testemunho dos anjos no túmulo vazio: " ... Lembrai-vos de como vos preveniu, estando ainda na Galiléia, quando disse: *Importa* que o Filho do homem seja entregue nas mãos de pecadores e seja crucificado e ressuscite no terceiro dia" (Lc 24:6,7). Estas expressões expõem e demonstram "*ter sido necessário* que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos" (At 17:3).

A única base sobre a qual um Deus santo poderia perdoar o pecado era fazendo seu Filho suportar o castigo da culpa do pecador. Ele não poderia simplesmente perdoar mediante o arrependimento do pecador, mas só quando a penalidade tivesse

sido inteiramente paga. Deus não perdoa os pecadores, como alguns pregam, porque os ama. Seu amor o levou a dar seu Filho unigênito como resgate pelo pecado, a fim de que o pecador possa ser perdoado.

George Herbert Morrison escreveu belissimamente:

"Permitam que diga que a cruz não é necessária e incluída por causa da má vontade de Deus em perdoar. Em nenhum ponto do Novo Testamento a cruz é mostrada como transformando um Deus recalcitrante em voluntário, como uma compulsão sobre um Deus relutante. Ela não é a causa do amor, mas a sua conseqüência; é a fonte do amor, é o seu transbordar, e isso é freqüentemente esquecido. Lemos no Novo Testamento sobre Cristo sendo oferecido como propiciação pelos nossos pecados, e nossos pensamentos se reportam às religiões pagãs, onde os homens tentavam apaziguar seus deuses zangados; mas a tremenda diferença é que em todas elas o homem tinha de prover a propiciação; na fé cristã é Deus quem a provê. Ele não pede um sacrifício expiatório por parte dos homens; Ele oferece o sacrifício, e o dá porque ama o mundo e não quer que ninguém pereça. Por estar tão ansioso para perdoar é que Deus enviou seu Filho para morrer.

Por que então a cruz foi necessária se Deus é eternamente amor? Para mim a velha resposta é a única - Deus é mais do que uma pessoa; é o soberano moral do universo. Um pai perdoa completamente seu filho se este se mostrar arrependido; mas se o pai for um juiz, ele não pode perdoar desse mesmo modo um criminoso, embora este seja seu filho. Seu dever é manter e administrar a lei de acordo com os maiores interesses do estado, e, se perdoasse o criminoso com base no seu arrependimento, o país cairia na ilegalidade e no caos.

Ou, de novo, se o pai for um professor e o filho um aluno da escola, poderá ele agir como professor do mesmo modo que age como pai, perdoando porque o filho expressa tristeza? Isso não iria desintegrar e destruir a disciplina e baixar constantemente a moral da escola inteira, levando inevitavelmente à permissividade?

Esses são exemplos imperfeitos, mas sugerem o dilema de Deus: como perdoar, como seu coração se inclina a fazer, e ao mesmo tempo ser o 'juiz de toda a terra'; como perdoar, ao menor sinal de arrependimento, e continuar mantendo aquela lei que vive nele a fim de que os homens possam viver na confiança segura e esplêndida de que 'justiça e direito são o fundamento do teu trono ...' (SI 89:14).

Havia um problema 'digno de Deus', como Martinho Lutero e Thomas Chalmers costumavam dizer: de que forma cancelar o pecado e tratá-lo como se não existisse, mantendo e justificando todavia a sua justiça. O Novo Testamento com repetição invariável nos diz que Deus resolveu este problema dando seu Filho unigênito para morrer pelo pecado. Qualquer perdão divino que menosprezasse a lei tornaria este mundo um lugar intolerável para se morar; mas quando Deus deu seu Filho para morrer pelo pecado, 'a justiça e a paz se beijaram' (5185:10)."

2. Mal-entendidos relativos à morte de Cristo

A fim de apreciar melhor o verdadeiro ensino bíblico concernente à morte de Cristo, seria bom examinar brevemente algumas das falsas teorias que foram apresentadas no correr dos anos.

a) A teoria do acidente. Este conceito vê Cristo simplesmente como um homem e, portanto, sujeito à morte como qualquer outro ser humano. Ele morreu às mãos de uma multidão que não concordou com seus ensinamentos. Sua morte foi completamente imprevista e não teve qualquer significado para quem quer que fosse. Este ponto de vista é defendido pelos racionalistas extremos que desconsideram os ensinamentos claros das Escrituras.

Esta idéia radical é facilmente refutada pelo fato de que a morte de Cristo foi prevista através de todo o Antigo Testamento, como vimos (5122; Is 53; Zc 11). Além disso, Jesus falou repetidamente de sua morte futura e de como ela seria: Mt 16:21; Mc 9:30-32; Mt 20:17-19; Lc 22:19-20. João 10:17,18 contradiz diretamente esta falsa teoria: "Por isso o Pai me ama, porque eu dou a minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de mim, pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la. Este mandato recebi de meu Pai."

b) A teoria do mártir. Esta teoria afirma que a morte de Cristo não foi mais que a morte de um nobre mártir, como Huss ou Policarpo. Seu único valor para a humanidade está no exemplo deixado por Jesus em ser fiel ao que cria e ensinava, chegando ao ponto de estar disposto a morrer por suas convicções. Foi algumas vezes chamada de "teoria do exemplo". O homem pode ser salvo pelo

arrependimento e reforma, apenas.

Esta idéia ignora completamente o ensino bíblico de que a morte de Cristo foi uma propiciação em relação à ira de Deus e uma expiação do pecado do homem.

"Sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus; a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus" (Rm 3:24-26).

Esta teoria deixa de considerar a atitude de Jesus ao pedir que o cálice não lhe fosse dado a beber, bem diferente da de um mártir (Mt 26:42).

c) A teoria da influência moral, ou amor de Deus. Esta teoria afirma que o sofrimento e a morte de Jesus foram apenas os resultados naturais de ele se tornar humano e sofrer com as suas criaturas, e não por elas. Quanto a este conceito, Thiessen diz: "Os sofrimentos e a morte de Cristo são semelhantes aos do missionário que passa a viver numa colônia de leprosos para sempre, a fim de salvá-los."

Ele ressalta ainda que a teoria ensina que "o amor de Deus, manifesto na encarnação, nos sofrimentos e na morte de Cristo, tem como propósito abrandar os corações humanos e levá-los ao arrependimento".⁷ Não há aqui então qualquer idéia de fazer propiciação face à ira de Deus, nem de Cristo morrer como um substituto pelos nossos pecados.

É verdade que "Deus amou ao mundo de tal maneira que deu seu filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3:16), e que "Deus prova seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores" (Rm 5:8). Essas passagens enfatizam o amor de Deus, mas também tornam claro aquilo que o amor de Deus fez. O amor de Deus não salvou os pecadores; levou Deus a dispor-se a dar seu Filho para morrer por nós e satisfazer assim as justas demandas de sua santidade. Citando Thiessen novamente: "*Nesta teoria, é difícil explicar como os crentes do Antigo Testamento foram salvos, desde que eles não tinham esta lição objetiva do amor de Deus.*"

d) A teoria governamental. O pensamento principal por trás desta teoria

é que Deus deu um exemplo de Cristo nos seus sofrimentos, para manifestar ao homem seu desprazer com o pecado. O governo do mundo por parte de Deus necessitava de que Ele mostrasse sua ira contra o pecado. Só desse modo Ele poderia manter o respeito por sua lei. À medida que a humanidade compreende a atitude de Deus em relação ao pecado, exposta nos sofrimentos de Cristo, os homens são movidos ao arrependimento, que é necessário para a salvação. A principal objeção que este ensinamento faz surgir é esta: por que foi então necessária a encarnação? E por que o sofredor deve ser um inocente? Por que a ira de Deus não poderia ser manifestada contra um pecador qualquer, em lugar de seu Filho unigênito?

3. O verdadeiro significado da morte de Cristo

A fim de compreender a plena extensão do que foi realizado através da morte de Jesus Cristo, várias palavras podem ser usadas e seu sentido captado plenamente. O pecado do homem era tão grande. a santidade de Deus tão pura, que o abismo a ser fechado entre eles exigiu um feito surpreendente por parte do Senhor. Mediante sua morte, Ele satisfaz completamente cada necessidade do pecador relativa ao pecado, capacitando-o a gozar de comunhão eterna com Deus. AC' mesmo tempo, Cristo satisfaz plenamente cada exigência necessária para que um Deus reto e justo perdoasse livremente o pecado e recebesse o homem de volta à sua comunhão. Em época alguma, através de toda a eternidade, qualquer homem, diabo ou anjo, poderá desafiar a perfeita e completa provisão da grande salvação de Deus. Vamos considerar a morte de Cristo, como ela é revelada em cinco palavras diferentes.

a) Ela é vicária - uma substituição. A palavra vicária vem de "vigário", que significa um substituto, alguém que toma o lugar de outrem e age como se fosse ele. "Todos nós andávamos desgarrados Como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos" (Is 53:6). "Tal como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Mt 20:28). "Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Co 5:21). "C.negando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos aos pecados, vivamos para a justiça" (1 Pe 2,2⁴). "Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus" (1 Pe 3:18). Com base nessas e em muitas outras Escrituras (veja 1 Co 15:3; Rm 5:8; Io 10: 11; GI 2:20), fica claro que Cristo foi o nosso substituto ao carregar nossos pecados na cruz. É evidente que Ele não carregou seus próprios pecados. "O qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em Sua boca" (1 Pe 2:22). "Quem dentre Vós me convence de pecado?" (Io 8:46). Quando morreu, Ele morreu pelo pecado de outros.

Argumentou-se ser imoral Deus punir um inocente pelo culpado, e portanto a

idéia de substituição seria insuportável. Devemos dizer, em primeiro lugar, que Deus não cogita de punir o inocente pelo culpado. Jesus tomou sobre si nosso pecado, a fim de assumir nossa culpa. Segundo, não é legal que um juiz pague ele mesmo a pena imposta. Cristo é verdadeiramente Deus; e teve, portanto, o direito de pagar pela penalidade do nosso pecado. Terceiro, isso só poderia ser considerado imoral se Jesus fosse obrigado a sacrificar-se por nós, mas se Ele tomou voluntariamente essa decisão, não houve qualquer injustiça. Foi isso que Ele fez. "Por isso o Pai me ama, porque eu dou a minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la. Este mandato recebi de meu Pai" (Jo 10:17,18). É necessário compreender muito bem que não somos salvos pelo assassinato de um homem, mas por alguém que se ofereceu voluntariamente por nós.

b) É uma expiação. A palavra "expiação" é usada de um modo geral e também particular. Popularmente empregada, ela se refere à provisão completa da salvação feita por Deus para os pecadores, mediante o sacrifício do Senhor Jesus Cristo. Este é o sentido usado de modo geral. Todavia, o termo tem um significado específico na Escritura, ou seja, "uma cobertura". Trata-se de uma palavra do Antigo Testamento. A única vez que ela ocorre no Novo Testamento é na tradução inglesa KJV, em Romanos 5:11: "E não isto apenas, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por intermédio de quem acabamos agora de receber a expiação." Esta é universalmente reconhecida como uma tradução inadequada. A palavra deveria ser reconciliação, como todas as demais traduções interpretam.

No Antigo Testamento devia ser feita uma expiação pelas transgressões individuais. "Quando alguma pessoa pecar, e cometer ofensa contra o Senhor ... E por sua oferta pela culpa trará ao Senhor ... E o sacerdote fará expiação por ele diante do Senhor, e será perdoado de qualquer de todas as coisas que fez ... " (Lv 6:2-7). Era também possível fazer expiação nacional pelos pecados da nação:

"Mas se toda a congregação de Israel pecar ... e forem culpados ... então a coletividade trará um novilho como oferta pelo pecado, e o apresentará diante da tenda da congregação. Os anciãos da congregação porão as mãos sobre a cabeça do novilho perante o Senhor; e será imolado o novilho perante o Senhor ... e o sacerdote por eles fará expiação, e eles serão perdoados" (Lv 4:13-20).

Quando os anciãos impunham as mãos, os pecados de Israel eram transferidos para o animal e ele era imolado como seu substituto. A expiação fornecia a cobertura da

culpa do verdadeiro criminoso e a tornava invisível aos olhos de um Deus santo. Este pensamento é sugerido em escrituras como as seguintes: "Esconde o teu rosto dos meus pecados, e apaga todas as minhas iniquidades" (SI 51:9); " .. .lanças te para trás de ti todos os meus pecados" (Is 38: 17); " .. .lançará todos os nossos pecados nas profundezas do mar" (Mq 7:19). Como foi dito, a palavra "expição" pertence ao Antigo Testamento, pois em Cristo temos mais do que uma cobertura para os nossos pecados. Eles são perdoados - são completamente removidos. O sangue dos animais sacrificados, levados pelo adorador, só seria suficiente para cobrir os pecados do homem até que o precioso sangue de Cristo fosse derramado para removê-los. "Porque é impossível que sangue de touros e de bodes remova pecados. Por isso, ao entrar no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste, antes corpo me formaste ... nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas" (Hb 10:4-10).

c) É uma propiciação

"A quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, p-or ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos" (Rm 3:25).

"E ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro" (1 Jo 2:2).

"Por isso mesmo convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus, e para fazer propiciação pelos pecados do povo" (Hb 2:17).

A palavra "propiciação" significa adequadamente afastar a ira mediante um sacrifício. Ela indica então a idéia de apaziguar. "A idéia da ira de Deus está obstinadamente arraigada no Antigo Testamento, onde é mencionada 585 vezes."? Ela é também citada várias vezes no Novo Testamento: "O que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus" (103:36). "A ira de Deus se revela do céu contra toda a impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça" (Rm 1:18). "Ninguém vos engane com palavras vãs, porque por estas coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência" (Ef 5:6). (Veja também Rm 2:5; 5:9; 1 Ts 1:10; Hb 3:11; Ap 15:15.)

Nas passagens citadas acima vemos que Paulo considera a morte de Cristo como o meio de remover a ira de Deus (Rm 5:9). O paradoxo surpreendente é que o próprio Deus tenha provido os meios de remover sua ira. Também observamos: o amor do Pai "

... enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados" (1 [o 4:10); a razão de Cristo tornar-se um sumo sacerdote misericordioso e fiel foi para fazer propiciação pelos pecados do povo (Hb 2:17), e sua propiciação abrange o mundo inteiro (1 [o 2:2). Segundo Leon Morris: "O ponto de vista bíblico consistente é que o pecado do homem incorreu na ira de Deus. Essa ira só é evitada pela oferta expiatória de Cristo. Deste ponto de vista sua obra salvadora é adequadamente chamada de propiciação. "

d) É uma reconciliação. A necessidade de reconciliação é evidente por causa da inimizade entre Deus e o homem, provocada pelo pecado deste. Através do sacrifício de Jesus Cristo, esta condição de inimizade pode ser mudada para outra de paz e comunhão. Esta é uma das maiores bênçãos da salvação pessoal. Esta nova relação engrandece a graça de Deus, pois homem algum pode reconciliar a si mesmo com Deus. Foi o próprio Deus quem operou esta reconciliação para nós através de Cristo. Somos reconciliados com Deus mediante a morte de seu Filho. "Porque se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida" (Rm 5:10). "E a vós outros também que outrora éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras malignas, agora, porém, vos reconciliou" (Cl 1:21). Colossenses 1:20 nos diz que isto foi realizado através do sangue da sua cruz: "E que, havendo feito a paz pelo sangue da Sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas."

A Escritura aplica esta palavra de reconciliação tanto a Deus como ao homem: "Ora, tudo provém de Deus que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo, e nos deu o ministério da reconciliação. De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus" (2 Co 5:18,20). Thiessen explica:

"A idéia é mais ou menos esta: a princípio Deus e o homem estavam face a face. Ao pecar, Adão voltou as costas a Deus. A seguir, Deus voltou as costas a Adão. A morte de Cristo satisfaz as exigências de Deus e Ele voltou novamente o rosto em direção ao homem. Resta ao homem fazer meia volta e olhar para Deus. Desde que Deus foi apaziguado pela morte de seu Filho, o homem é agora convidado a reconciliar-se com Deus. "

e) É um resgate ou redenção. A palavra "redenção" significa libertação do cativo, escravidão ou morte, pelo pagamento de um preço, chamado de resgate. Assim sendo, o termo tem um sentido duplo: significa tanto o pagamento de um preço como a libertação do cativo. A morte de Cristo na cruz é vista na Escritura como o preço pago por Jesus pela libertação do pecador. "Tal como o Filho do homem que duplo: significa tanto o pagamento de um preço como a libertação do cativo. A morte de

Cristo na cruz é vista na Escritura como o preço pago por Jesus pela libertação do pecador. "Tal como o Filho do homem que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Mt 20:28). A libertação que Jesus obteve é chamada de redenção. "Não por meio de sangue de bodes e de bezerras, mas pelo seu próprio sangue, entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção" (Hb 9:12).

Segundo o Novo Testamento, temos redenção:

(1) Da penalidade da lei - Paulo chama isto de "maldição da lei". "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar, porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro" (Gl 3:13).

(2) Da lei propriamente dita - "Assim, meus irmãos, também vós morrestes, relativamente à lei, por meio do corpo de Cristo" (Rm 7:4). Estamos agora sob a graça. "Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei e, sim, da graça" (Rm 6:14.)

(3) Do pecado como um poder em nossa vida - "Sabendo isto, que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos" (Rm 6:6). "Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?" (Rm 6:2). (Veja também Tt 2:14; 1 Pe 1:18,19; Rm 6:12-14.)

(4) De Satanás - "Livrando-se eles dos laços do diabo, tendo sido feitos cativos por ele, para cumprirem a sua vontade" (2 Tm 2:26). "Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse a todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida" (Hb 2:14,15).

(5) De todos os males, inclusive nosso presente corpo mortal "O qual se entregou a si mesmo pelos nossos pecados para nos desarraigar deste mundo perverso, segundo a vontade de nosso Deus e Pai" (Gl 1:4). "O qual é o penhor da nossa herança até ao resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória" (Ef 1:14). "E não somente ela, mas também nós aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo" (Rm 8:23). Esta consumação final de nossa redenção será

realizada na volta do Senhor. "Ora, ao começarem estas cousas a suceder, exultai e erguei as vossas cabeças; porque a Vossa redenção se aproxima" (Lc 21:28).

Para resumir os benefícios da morte de Cristo: quando falamos dela como vicária, pensamos em substituição; quando falamos de expiação, pensamos em cobertura; como propiciação, pensamos em apaziguamento; como reconciliação, pensamos em reatamento da amizade; e como resgate, pensamos em redenção.

4. Por quem Cristo morreu?

Esta é uma pergunta vital por causa de inúmeras teorias defendidas na igreja cristã. A teoria calvinista de uma "expiação limitada" ensina que Cristo morreu apenas pelos eleitos a quem Ele escolhera previamente. Vejamos o que a Bíblia ensina.

a) Pela igreja. Não há dúvida de que Cristo morreu pelos crentes que são membros do seu corpo, a igreja.

"Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito" (Ef 5:25-27). "Assim como o Pai me conhece a mim e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas" (Jo 10:15).

"É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus ... Pai santo, guarda-os em teu nome, que me deste, para que eles sejam um, assim como nós" (Jo 17:9-11).

b) Pelo mundo inteiro. Existe um número ainda maior de passagens para mostrar que Cristo morreu pelo mundo inteiro, por cada indivíduo. "Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós" (Is 53:6). "Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (Jo 1:29). "O qual a si mesmo sedeu em resgate por todos" (1 Tm 2:6). "Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro" (1 Jo 2:2). Talvez o versículo mais forte contra a doutrina de uma expiação limitada seja 2 Pe 2:1: "Assim como no meio do povo surgiram falsos profetas, assim também haverá entre vós falsos mestres, os quais introd uzirão dissimuladamente heresias destruidoras, até ao ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição." É dito aqui claramente que Cristo resgatou aqueles que são na verdade falsos profetas e

que vão ser destruídos. Note também a nítida declaração, nos dois versículos seguintes, de que Cristo morreu por alguns, embora eles venham a perecer: "Se por causa de comida o teu irmão se entristece, já não andas segundo o amor fraternal. Por causa da tua comida não faças perecer aquele a favor de quem Cristo morreu" (Rm 14: 15). "E assim, por causa do teu saber, perece o irmão fraco, pelo qual Cristo morreu" (1 Co 8: 11). Nem um só indivíduo, homem, mulher ou criança, será excluído das bênçãos oferecidas na expiação. "Vemos, todavia, aquele que, por um pouco, tendo sido feito menor que os anjos, Jesus, por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todo homem" (Hb 2:9).

A pergunta surge naturalmente: se Cristo morreu por todos, por que todos não são salvos? A resposta está no simples fato de que cada um deve crer que Cristo morreu por ele antes de poder participar dos benefícios de sua morte-. Em João 8,24 Jesus disse. "Porque se não crederdes que eu sou, morrereis nos vossos pecados." Lewis Sperry Chafer declar., "A condição indicada por Cristo, sobre a qual eles (os incrédulos) podem evitar morrer nos seus pecados, não se baseia no fato de ele não morrer a seu favor, mas sim em colocarem nele a sua fé ... o valor da morte de Cristo, por mais maravilhosa e completa que seja, não se aplica aos não regenerados até que venham a crer. "12 Esta questão de necessidade é uma aplicação pessoal, pela fé, da graça salvadora de Jesus Cristo, como ilustrado pelos detalhes da noite da páscoa. A família israelita deveria matar um cordeiro e aspergir o sangue sobre as ombreiras e a verga das portas de Suas casas e os moradores deveriam então permanecer nelas. Deus disse", "O sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes: quando eu vir o sangue, passarei por vós, e não haverá entre vós praga destruidora, quando eu ferir a terra do Egito" (~x 12'13). Deus não olharia no quintal onde o cordeiro fora morto, mas nas portas de cada casa. Quando visse ali o sangue, o anjo da morte não pararia. Deve haver Uma aplicação pessoal, pela fé, do sangue precioso que foi derramado por nós no Calvário.

William Evans resume o assunto admiravelmente quando diz:

"A expiação é suficiente para todos; ela é eficiente para aqueles que crêm em Cristo. A expiação propriamente dita, à medida que coloca a base para o trato redentor de Deus com os homens, é ilimitada; a aplicação da expiação é limitada àqueles que crêm verdadeiramente em Cristo. Ele é o salvador em potencial de todos os homens; mas efetivamente só dos crentes. 'Ora, é para esse fim que labutamos e nos esforçamos sobremodo, porquanto temos posto a nossa esperança no Deus vivo, salvador de todos os homens, especialmente dos fiéis' (1 Tm 4:10)."

c) E as crianças? A graça de Deus cobre as crianças até que cheguem à idade da

razão ou da responsabilidade moral? Se Jesus morreu de fato por todos, parece então que esses pequeninos devem estar incluídos na sua expiação. Se Cristo morreu por todos os homens, os pecados de todos foram potencialmente cobertos ao ser vertido o seu precioso sangue. Mas existe um pecado especial que Jesus disse que o Espírito Santo condenaria: o pecado da incredulidade. "Quando ele vier convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo; do pecado porque não crêem em mim" (Jo 16:8,9). O Espírito Santo dá uma dimensão completamente nova ao pecado. A incredulidade é um pecado do qual a consciência jamais convencerá o homem. Ao não crer em Jesus Cristo, e rejeitar assim a sua salvação, o homem deixa de tirar proveito do perdão provido com a sua morte. Desse modo, toda a culpa do pecado humano cai sobre o próprio indivíduo. Este pecado não é possível para uma criança antes que chegue à idade da razão; portanto, a graça salvadora de Jesus Cristo ainda atua a favor dela. É impossível saber quando uma criança atingirá este ponto de responsabilidade. Para algumas o prazo é, às vezes, de apenas três ou quatro anos, para outras pode chegar aos cinco ou seis anos de idade.

Verificação de aprendizagem:

1) Explique qual foi a importância da morte de Cristo?

2) Dê dois exemplos de tipos em relação a Cristo. Explique.

3) O que é a teoria do acidente? Explique.

4) Qual o verdadeiro significado da morte de Cristo?

5) O que quer dizer morte Vicária. Explique e fundamente biblicamente.

6) Dê dois exemplos de redenção segundo o Novo Testamento.

7) Cristo morreu pela Igreja? Explique e fundamente biblicamente.

8) Como ficam as crianças na obra expiatória de Cristo?

B. A RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO

Parece quase incrível que uma boa parte da igreja cristã não dê grande significado à ressurreição de Jesus Cristo, a não ser no que diz respeito a Ele enquanto ser humano. Ao prosseguirmos neste estudo, veremos quão essencial e glorioso é o fato da ressurreição do Senhor.

1. Importância da ressurreição de Cristo

a) Trata-se de uma das principais doutrinas do evangelho.

"Irmãos, venho lembrar-vos o evangelho que vos anunciei ... que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras" (1 Co 15:1-4). É impossível e inútil tentar, delinear o que é mais importante, Sua morte ou sua ressurreição, pois uma sem a outra jamais seria suficiente para a salvação dos homens. Se Cristo tivesse permanecido na sepultura, sua morte não teria sido mais que a de um mártir da fé cristã. Ele não nos teria dado nada melhor do que uma filosofia. No entanto, sem o sacrifício vicário da Sua morte, sua ressurreição não teria possuído poder salvador.

Foi a Sua ressurreição que demonstrou ser Ele o Filho de Deus.

"Com respeito a seu Filho, o qual, segundo a carne, veio da descendência de Davi, e foi poderosamente demonstrado Filho de Deus, segundo o espírito de santidade, pela ressurreição dos mortos, a saber, Jesus Cristo, nosso Senhor" (Rm 1,3-4). Sua ressurreição prova que sua morte teve valor suficiente para Deus, a fim de cobrir todos os nossos pecados, pois seu sacrifício foi o sacrifício do Filho de Deus.

b) Foi a pedra fundamental sobre a qual a igreja se ergueu. Os apóstolos lhe deram o lugar mais importante. Na famosa passagem de I Co 15,13-19, lemos "uma das Suposições negativas mais poderosas que pode ser feita em relação à fé cristã".¹⁴ Paulo cita cinco fatos negativos que, se fossem verdadeiros, iriam despojar o evangelho de todo o seu poder e bênção:

(1) Nossa pregação é vã - "É vã a nossa pregação" (v. 14). Nosso evangelho perde Sua nota de alegria e se transforma em lamento fúnebre. Ele se tornaria um evangelho de morte, uma simples biografia de alguém que leve uma vida extraordinária, mas cuja morte foi comum, embora ignóbil - "morte de cruz". Nosso evangelho ficaria vazio de poder. A não ser que Jesus obtivesse uma vitória no Calvário, como evidenciado pela sua ressurreição, sobre a morte, o inferno e a sepultura, então ainda seríamos vítimas. Foi necessária a vitória do túmulo vazio e o poder do Senhor ressurreto para dar validade ao evangelho.

(2) A fé é vã - "É vã a vossa fé" (v.14). Tudo o que você aceitou pela fé como um dom gratuito de Deus, através de Jesus Cristo _ filiação divina, vida eterna, justificação, santificação, glorificação e um lar nos céus, na verdade não recebeu. Se Cristo não ressuscitou essas coisas não são suas. Paulo repete isso no v.17. A fé é impotente, a não ser que o seu objeto lhe conceda poder.

(3) Os apóstolos são testemunhas falsas - " ... e somos tidos por falsas testemunhas de Deus, porque temos asseverado contra Deus que ele ressuscitou a Cristo, ao qual ele não ressuscitou, se é certo que os mortos não ressuscitam" (v.15). Uma qualificação essencial do apostolado era o indivíduo ser testemunha ocular da ressurreição de Cristo. "É necessário, pois, que, dos homens que nos acompanharam todo o tempo que o Senhor Jesus andou entre nós, começando no batismo de João, até ao dia em que dentre nós foi levantado às alturas, um destes se torne testemunha conosco da sua ressurreição" (At 1:21,22). Ao escolher um sucessor para Judas, um dos pré-requisitos era que ele fosse uma testemunha da ressurreição de Cristo. Esses homens seriam testemunhas falsas se Cristo não tivesse ressuscitado. Os apóstolos da verdade se transformariam em apóstolos da falsidade. Se Cristo não ressuscitou, toda a textura da autenticidade bíblica se rompe e nos deixa sem um traço de autoridade escriturística.

(4) Os crentes continuam em seus pecados - "Ainda permanecéis em vossos pecados" (v.17). "Porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos" (At4:12). "E lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles" (Mt 1:21). Mas, se Cristo não ressuscitou, Ele não possui poder salvador maior do que o de qualquer outro grande

personagem da história. Foi necessária a ressurreição de Jesus Cristo para mostrar o valor justificador da sua morte.

(5) Os que morreram pereceram - "E ainda mais: os que dormiram em Cristo, pereceram. se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens" (vv. 18,19). É melhor sofrer como aqueles que não têm esperança do que como aqueles que têm uma falsa esperança. A esperança que sustentou os mártires em seu sacrifício e que sustentou as multidões que morreram desde então na fé era falsa, "se Cristo não ressuscitou". Ponham de lado este pensamento, porém, pois Paulo declara em triunfo: "Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem" (1 Co 15:20).¹⁵

Não podemos deixar de ficar impressionados, ao ler os primeiros capítulos de Atos, com o lugar proeminente dado pelos apóstolos à verdade da ressurreição de Jesus Cristo. O primeiro sermão pregado depois que o Espírito Santo foi derramado no dia de Pentecostes se baseia quase inteiramente sobre o tema da ressurreição de Jesus (At 2:22-36). O segundo grande sermão registrado, que Pedro pregou no templo, no pórtico de Salomão, menciona novamente este fato grandioso:

"Dessarte mataste o Autor da vida, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, do que nós somos testemunhas" (At 3:15). Ao falar mais tarde perante o Sinédrio, Pedro não permite que a oportunidade passe sem dar testemunho de que Jesus ressuscitou. "Tornai conhecimento vós todos e todo o povo de Israel de que, em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, a quem vós crucificastes, e a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, sim, em seu nome é que este está curado perante vós" (At 4: 10). Dificilmente uma mensagem era pregada, seja a um indivíduo ou a uma multidão, sem mencionar a ressurreição de Cristo. Atos 4:33 resume todo o início do ministério dos apóstolos: "Com grande poder os apóstolos davam o testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça." Veja os seguintes exemplos disto no ministério dos apóstolos e de Paulo: At 2:24,32; 3:15,26; 4:10; 10:40; 13:30-37; 17:31; Rm 4:24,25; 6:4,9; 7:4; 8:11; 10:9; 1 Co 6:14; 2 Co 4:14; Gl 1:1; Ef 1:20; Cl 2:12; 1 Ts 1:10; 2 Tm 2:8; 1 Pe 1:21.

2. Natureza e modo da ressurreição

a) Sua ressurreição foi obra da Trindade inteira

(1) Por Deus Pai - "E qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos, segundo a eficácia da força do seu poder; o qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos" (Ef 1:19,20). "Ao qual, porém, Deus ressuscitou, rompendo os grilhões da morte; porquanto não era possível fosse ele retido por ela" (At 2:24). "A este ressuscitou Deus no terceiro dia, e concedeu que fosse manifesto" (At

10:40). "Mas Deus o ressuscitou dentre os mortos" (At 13:30). (Veja Rm 10:9; Cl2:12; Rm 6:4.)

(2) Pelo seu próprio poder - "Por isso o Pai me ama, porque eu dou a minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la" (Ia 10:17,18). Quando fala de seu próprio corpo através da imagem de um templo, Ele apresenta a sua restauração como obra pessoal: "Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei" (Ia 2:19). Isto não significa que Jesus agiu em separado do Pai, mas mostra que neste grande milagre Ele não permaneceu passivo. Pense no fato de um homem morto ressuscitar a si mesmo.

(3) Pelo poder do Espírito Santo - "Pois também Cristo morreu uma única vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito" (1 Pe 3:18). "Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos, vivificará também os vossos corpos mortais, por meio do seu Espírito que em vós habita" (Rm 8:11).

b) Foi uma ressurreição real. Jesus morreu verdadeiramente. A teoria do desmaio, de que Ele simplesmente desmaiara na cruz e mãos piedosas o retiraram, pensando que morreria, e o ar fresco do túmulo em que foi colocado o reavivou, de modo que surgiu como se tivesse realmente ressuscitado dentre os mortos, é evidentemente pura falsidade. Ele apareceu aos discípulos em plena saúde e força, de outro modo não poderia ter sobre eles o efeito que teve. Os resultados de ficar pendurado numa cruz por seis horas deixavam o corpo humano em tal condição física que não poderia recuperar-se em apenas três dias. Note as seguintes provas de sua morte real:

(1) Os soldados viram que Ele estava morto - "Chegando-se, porém, a Jesus, como vissem que já estava morto, não lhe quebraram as pernas" (Jo 19:33). Aqueles eram soldados romanos profissionais, acostumados a realizar crucificações, e não podiam ser enganados, caso seu trabalho não estivesse terminado.

(2) O centurião confirmou a sua morte - O centurião encarregado da crucificação levou seu relatório pessoal a Pila tos. Ele garantiu ao governador romano que Jesus estava de fato morto. "Mas Pilatos admirou-se de que ele já tivesse morrido. E, tendo chamado o centurião, perguntou-lhe se havia muito que morreria. Após certificar-se, pela informação do comandante, cedeu o corpo a José" (Me

15:44,45).

(3) Sangue e água saíram do seu lado - A fim de assegurar que não havia a menor possibilidade de qualquer vida permanecer no corpo de Jesus, um dos soldados furou o seu lado com uma lança. Autoridades afirmaram que o fluxo de sangue e água é uma evidência fisiológica de que seu coração se romperá, e que a morte seria praticamente instantânea.¹⁶ "Mas um dos soldados lhe abriu o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água" (Jo 19:34).

(4) José de Arimatéia acreditou que Ele estava morto - "Vindo José de Arimatéia, ilustre membro do Sinédrio, que também esperava o reino de Deus, dirigiu-se resolutamente a Pila tos e pediu o corpo de Jesus" (Mc 15:43).

(5) As mulheres junto à cruz acreditaram que Ele morrerá Logo depois do sábado, elas levaram especiarias para ungir um corpo morto. "Passado o sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram aromas para irem embalsamá-lo" (Mc 16:1).

(6) Jesus disse que havia morrido. Jesus, que é "a verdade". declarou que morrerá. "Estive morto, mais eis que estou vivo" (Ar 1:18). Temos assim toda a razão para crer que a ressurreição de Jesus foi uma ressurreição autêntica de alguém que estivera de fato morto.

c) Foi uma ressurreição corporal. A palavra "ressurreição", como usada a respeito do Senhor Jesus Cristo cerca de doze vezes diferentes no Novo Testamento, só pode significar a ressurreição de corpo. Ela jamais é ligada ao espírito, pois o espírito não morre. Existe prova abundante de que o corpo do Senhor voltou literalmente à vida.

(1) Seu corpo ressurreto era composto de "carne e ossos". Não se tratava de um fantasma. "Falavam ainda estas coisas quando Jesus apareceu no meio deles e lhes disse: Paz seja convosco. Eles, porém, surpresos e atemorizados acreditavam estarem vendo um espírito. Mas ele lhes disse: Por que estais perturbados? e por que sobem dúvidas aos vossos corações? Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho" (Lc 24:36-39).

(2) Seu corpo ressurreto podia ser tocado e sentido.

"Correram a anunciá-lo aos discípulos. E eis que Jesus veio ao encontro delas, e disse: Salve! E elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés, e o adoraram" (Mt 28:9). "Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai" (Lc 24:39). "E logo disse a Tomé: Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; chega também a tua mão e põe na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente" (Jo 20:27).

(3) Ele comeu diante deles. "E, por não acreditarem eles ainda, por causa da alegria, e estando admirados, Jesus lhes disse: Tendes aqui alguma coisa que Comer? Então lhe apresentaram um pedaço de peixe assado [e um favo de mel]. Ele comeu na presença deles" (Lc 24:41-43).

(4) Os discípulos e seus seguidores o reconheceram. É natural supor que eles o reconheceram por Sua aparência física. "Então se lhes abriram os olhos, e o reconheceram; mas ele desapareceu da presença deles" (Lc 24'31). "Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, lhe disse, em hebraico: Raboni! que quer dizer, Mestre ... Então saiu Maria Madalena anunciando aos discípulos: Vi o Senhor! e contava que ele lhe dissera estas coisas" (Jo 20:16,18). "Aquele discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: É o Senhor" (Jo 21:7).

(5) Ele apareceu no mesmo corpo em que os cravos haviam sido pregados e a lança enfiada. "Dizendo, isto, mostrou-lhes as mãos e os pés" (Lc 24:40). "E, dizendo, isto, lhes mostrou as mãos e o lado" (Jo 20:20). A Escritura indica que esses mesmos ferimentos serão visíveis em seu corpo quando Ele voltar: "Olharão para mim, a quem traspassaram" (Zc 12: 10); "Se alguém lhe disser: Que feridas são essas nos teus braços? responderá ele: São as feridas com que fui ferido na casa dos meus amigos" (Zc 13:6); "Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram" (Ap 1:7).

(6) O próprio Jesus predissera sua ressurreição física. "Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei ... Ele, porém, se referia ao Santuário do seu corpo. Quando, pois, Jesus ressuscitou dentre os mortos, lembraram-se os seus discípulos de que ele dissera isto; e creram na Escritura e na palavra de Jesus" (Jo 2:19-22).

(7) Davi, através do Espírito, profetizara que seu corpo

seria ressuscitado. "Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção" (SI 16:10). Os judeus, da mesma forma que outros no Oriente, acreditavam que a corrupção do corpo se iniciava no quarto dia após a morte. Jesus foi ressuscitado no terceiro dia. Isto dá sentido às palavras de Marta, com respeito a seu irmão Lázaro: "Senhor, já cheira mal, porque já é de quatro dias" (Jo 11:39).

d) Foi uma ressurreição única. Oito incidentes de corpos humanos sendo levantados dentre os mortos são registrados nas Escrituras: o filho da viúva de Sarepta (1 Rs 17:17-24); o filho da sunamita (2 Rs 4:17-27); o homem colocado sobre os ossos de Eliseu (2 Rs 13:21); a filha de Jairo (Me 5:22-43); o jovem de Naim (Lc 7:11-17); Lázaro (Jo 11); Tabita (At 9:36-43); Êutico (At 2:7-12). Temos toda a razão para crer que essas pessoas não foram ressuscitadas num corpo imortal, mas que morreram novamente. A ressurreição de Jesus foi mais do que uma inversão da sua morte. Em 2 Timóteo 6:16 lemos que Ele é "o único que possui imortalidade". Paulo declara: "Sabedores que havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre: a morte já não tem domínio sobre ele. Pois, quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus" (Rm 6:9-10). Jesus disse: "Eu sou ... aquele que vive; estive morto, mais eis que estou vivo pelos séculos dos séculos" (Ap 1:18).

Embora o corpo ressuscitado do túmulo de José fosse o mesmo em que Jesus vivera e ministrara, era um tanto diferente. Era um corpo espiritual, não limitado fisicamente. Ele podia entrar num recinto em que as portas estivessem fechadas. "Ao cair da tarde naquele dia, o primeiro da semana, trancada as portas da casa onde estavam os discípulos, com medo dos judeus, veio Jesus, pôs-seno meio ... Passados oito dias, estavam outra vez ali reunidos os seus discípulos e Tomé com eles. Estando as portas trancadas, veio Jesus, pôs-se no meio" (Jo 20:19,26).

O corpo ressurreto de Jesus era também único por não ser às vezes reconhecível. Note o incidente dos dois discípulos no caminho de Emaús (Lc 24:13-16; Mc 16:12), o episódio junto ao túmulo, em que Maria o confundiu com o jardineiro (Jo 20:14,15), e os discípulos na Galiléia depois de uma noite de pesca infrutífera ao 21:4,5).

3. Provas da ressurreição de Cristo

a) O túmulo vazio. O anjo deu testemunho de que o túmulo estava vazio. "Ele não está aqui: ressuscitou como havia dito. Vinde ver onde ele jazia" (Mt 28:6). As mulheres encontraram o túmulo vazio. "Mas, ao entrar, não acharam o corpo do Senhor Jesus" (Lc 24:3). Maria Madalena atestou a mesma coisa: "Então correu e foi ter com Simão Pedro e Com o outro discípulo a quem Jesus amava, e disse-lhes:

Tiraram do sepulcro o Senhor e não sabemos onde o puseram" (Jo 20:2). A história de seu corpo ter sido roubado da sepultura foi contada pelos soldados só depois

de terem sido subornados.

"Reunindo-se eles em conselho com os anciãos, deram grande soma de dinheiro aos soldados, recomendando-lhes que dissessem: Vieram de noite os discípulos dele e o roubaram, enquanto dormíamos. Caso isto chegue ao conhecimento do governador, nós o persuadiremos, e vos poremos em segurança. Eles, recebendo o dinheiro, fizeram como estavam instruídos. Esta versão divulgou-se entre os judeus até ao dia de hoje" (Mt 28:12-15).

Um tal acontecimento seria inteiramente improvável. Os discípulos estavam tão cheios de desânimo e timidez que é duvidoso que tivessem a coragem de praticar tal ato. Em 1879, um édito romano foi encontrado, declarando ser ilegal, sob pena de morte, roubar um túmulo ou mudar um corpo de um lugar para outro. Os discípulos seriam então passíveis de morte. É surpreendente que os inimigos de Cristo tivessem lembrado o que os discípulos haviam esquecido. "No dia seguinte, que é o dia depois da preparação, reuniram-se os principais sacerdotes e os fariseus e, dirigindo-se a Pilatos, disseram-lhe: Senhor, lembramo-nos de que aquele embusteiro, enquanto vivia, disse: Depois de três dias ressuscitarei. Ordena, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança até ao terceiro dia, para não suceder que, vindo os discípulos, o roubem, e depois digam ao povo: Ressuscitou dos mortos; e será o último embuste pior que o primeiro" (Mt 27:62-64). Note como o corpo fora bem protegido. Uma grande pedra fora colocada para fechar a porta do sepulcro, sendo selada com o selo oficial de Roma e guardada pelos soldados romanos. Os guardas teriam posto em risco suas vidas se permitissem que o corpo viesse a ser roubado. Além disso, se estavam dormindo (v.13), como saberiam o que havia acontecido?

b) A mortalha. "E (João) abaixando-se, viu os lençóis de linho; todavia não entrou. Então Simão Pedro, seguindo-o, chegou e entrou no sepulcro. Ele também viu os lençóis, e o lenço que estivera sobre a cabeça de Jesus, e que não estava com os lençóis, mas deixado num lugar à parte" (Jo 20:5-7). Era costume dos judeus enrolar longas tiras de tecido em redor do corpo, do pescoço aos pés, preparando-o para o sepultamento. Lemos a respeito de Lázaro: "Saiu aquele que estivera morto, tendo os pés e as mãos ligados com ataduras, e o rosto envolto num lenço" (Jo 11:44). Essas tiras de tecido ficavam impregnadas com a grande quantidade de aromas usada para o embalsamamento (Jo 19:39,40), de forma que o todo se assemelhava a uma espécie de casulo. O corpo de Jesus aparentemente saiu dele, deixando as roupas intactas. Só o lenço sobre o rosto foi removido - possivelmente para que pudesse ser visto que seu corpo não estava mais ali dentro. Quem quer que tentasse roubar o corpo estaria com tal

pressa que não teria tempo de tirar os panos que envolviam o cadáver e depois repô-los no lugar. Além disso, por que alguém desejaria um corpo morto e nu?

Se a mentira fosse verdade, e os discípulos tivessem realmente roubado o corpo do Senhor, é incrível que fossem inspirados e estivessem dispostos a dedicar suas vidas à propagação de uma enorme mentira. Cada um dos discípulos, com a possível exceção de João, é tido como tendo sofrido martírio por causa da mensagem proclamada. É concebível que, se os discípulos ficassem reunidos num grupo, tivessem a coragem de apoiar-se mutuamente e concordar em morrer por uma mentira. Mas cada um deles se achava sozinho quando selou a sua fé com o seu sangue.

c) Ela não foi refutada no primeiro século. Segundo Fitzwater:

"Os apóstolos pregaram a ressurreição de Cristo imediatamente após a mesma ter ocorrido, na própria região em que teve lugar. Eles colocaram a culpa da morte de Jesus Cristo exatamente sobre aqueles que cometeram o ato. Se Cristo não houvesse ressuscitado realmente dentre os mortos, isso poderia ser e teria sido provado; mas não existe insinuação alguma na história, sagrada ou profana, de qualquer pessoa ter refutado esse fato pregado pelos apóstolos."

Tudo o que seria necessário para eles teria sido a apresentação do corpo morto do Senhor.

d) Três efeitos que exigem uma causa:

(1) O Dia do Senhor - O fato de os primeiros discípulos, embora sendo judeus, terem mudado seu dia de adoração do sábado, reverenciado há tanto tempo, para o primeiro dia da semana, e que o costume prevalecesse até nossos tempos, é um efeito que deve ter tido uma grande causa. A mudança foi efetuada para celebrar o fato de o Senhor ter ressuscitado no primeiro dia da semana (At 20:7; 1 Co 16:2).

(2) A Igreja Cristã - Jamais houve outra instituição na história que tenha produzido tantos benefícios nesta vida, prometendo também a vida eterna. A igreja cristã é única! "A verdadeira evidência histórica para a ressurreição é o fato de ela ter sido aceita, pregada e propagada, tendo produzido o seu fruto e efeito nos novos fenômenos da igreja cristã muito antes de qualquer dos evangelhos ter sido escrito."!"

(3) O Novo Testamento - Este é o livro da ressurreição de Jesus Cristo. Se não fosse por este evento, o livro jamais teria sido escrito. Evans conclui: "Se Jesus Cristo tivesse permanecido sepultado no túmulo, a história da sua vida e morte teria sido enterrada com ele. A ressurreição não brota da linda história da sua vida, mas a linda história da sua vida surgiu do fato da sua ressurreição."

4. Resultados ou benefícios da sua ressurreição

a) Ela fornece uma base firme para a nossa fé. Primeiro, em Deus: "Que, por meio dele, tendes fé com Deus, o qual o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória, de sorte que a vossa fé e esperança estejam em Deus" (1 Pe 1:21). Só Deus pode ressuscitar os mortos. Ele provou ser Deus quando ressuscitou Jesus.

Segundo, em Jesus Cristo. Sua ressurreição é uma afirmação clara de que Ele é tudo que declarou ser - o Filho de Deus. "E foi poderosamente demonstrado Filho de Deus, segundo o espírito de santidade, pela ressurreição dos mortos" (Rm 1:4). Cristo não foi feito Filho de Deus pela sua ressurreição, mas sim declarado como sendo. Se Cristo tivesse permanecido no túmulo não haveria razão para crer que Ele fosse diferente de todos os que morreram antes. Os judeus pediram duas vezes a Jesus que lhes mostrasse um sinal pelo qual pudessem crer. Em cada caso, Ele deu um sinal que apontava para a sua morte e ressurreição. O primeiro foi o de Jonas que ficou três dias e três noites no ventre do peixe (Mt 12:38-40). O segundo indicava a destruição e a reconstrução do templo do seu corpo (Jo 2:18-21).

b) Ela fornece uma garantia do perdão de pecados. Os que creem nele podem ter a segurança do perdão de pecados. "Se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo" (Rm 10:9). A justificação do pecador é confirmada pela ressurreição de Jesus Cristo. "O qual foi entregue por causa das nossas transgressões, e ressuscitou por causa da nossa justificação" (Rm 4:25). Só pela sua ressurreição o crente pode confiar em que Deus se agradou do sacrifício feito por Cristo a seu favor. De fato, é dito que o novo nascimento se realizou por causa da sua ressurreição. "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos" (1 Pe 1:3).

c) Temos um sumo sacerdote compreensivo, misericordioso e fiel nos céus. "Por isso mesmo convinha que, em todas as coisas, se tomasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus, e para fazer propiciação pelos pecados do povo"

(Hb 2:17). "Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu, ou antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós" (Rm 8:34). "Por isso também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles" (Hb 7:25).

d) Ela assegura ao crente todo poder necessário para a

vida e o serviço. O apóstolo Paulo expressou o maior desejo de sua vida quando disse: "Para o conhecer e o poder da sua ressurreição e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte" (Fp 3:10). O grande milagre que sempre estimulou a fé dos seguidores de Deus nos dias do Antigo Testamento foi a libertação dos filhos de Israel do Egito. Vez após vez, os profetas estimulavam a fé das pessoas, fazendo-as lembrar o que Deus realizara a favor de seus pais no Mar Vermelho. A maior demonstração do poder de Deus no Novo Testamento é a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos. Este parece ser de fato o padrão pelo qual o poder de Deus é medido. Paulo ora para que os santos em Éfeso possam conhecer " ... qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos, segundo a eficácia da força do seu poder; o qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos" (Ef 1:19,20). Este foi o poder que derrotou a morte. Note novamente em Efésios 1:19 que a "suprema grandeza do seu poder" é "para com os que cremos". Isto basta para cada dia e para cada emergência.

e) O crente tem a segurança da ressurreição e da imortalidade:

"Pois se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará juntamente em sua companhia os que dormem" (1 Ts 4:14). "Sabendo que aquele que ressuscitou ao Senhor Jesus, também nos ressuscitará com Jesus, e nos apresentará convosco" (2 Co 4:14). "Porque eu vivo, vós também vivereis" (Jo 14:19). (Veja também Jo 5:28,29; 6:40; Rm 8:11; 1 Co 15:20,23.)

Em Romanos 5:14 lemos: " ... reinou a morte desde Adão até Moisés ... " Como um monarca terrível num trono sepulcral, a morte continuava reinando sobre os filhos dos homens. Cada geração sucessiva se levantava cheia de esperança, apenas para ser abatida pelo mesmo inimigo mortal. Em Oséias 13: 14, Deus fizera um desafio: "Onde estão, ó morte, as tuas pragas? Onde está, ó inferno, a tua destruição?" Mas a morte continuava reinando. Agora, porém, na ressurreição de Jesus, a morte foi vencida! Cristo venceu a morte, não por evitá-la, mas suportando-a e conquistando-a. Através da morte, Ele destruiu " ... aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo" (Hb 2:14). O "poder da ressurreição" dominou o "poder da morte". Em uma das últimas descrições do Salvador, Ele tem "as chaves da morte e do inferno" (A P 1:18).

"E quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então se Cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a

morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Graças a Deus que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Co 15:54-57).

f) Ela garante a certeza de um dia de juízo. Haverá um dia de juízo tanto para os fiéis como para os ímpios. "Porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos" (At 17:31). Evans declara: "A ressurreição de Cristo é testemunho infalível de Deus sobre o fato de um dia de juízo vindouro. Uma coisa é tão certa quanto a outra. "" (Veja A t 10'42; i o 5'22,25-29.)

Verificação de aprendizagem:

1) Qual a importância da ressurreição de Cristo?

2) Qual o principal fundamento e prova de ser Cristo o filho de Deus?

3) Os que morreram em Cristo pereceram? Explique.

4) Faça uma breve explanação sobre a natureza e modo da ressurreição.

5) A ressurreição de Cristo foi corporal?

6) A ressurreição de Cristo foi única?

7) Dê duas provas da ressurreição de Cristo. Fundamente biblicamente.

8) Dê exemplos de benefícios da ressurreição de Cristo?

C. ASCENÇÃO E EXALTAÇÃO DE JESUS CRISTO

1. Sua ascensão

Por ascensão de Cristo nos referimos àquele evento em que Ele partiu desta terra em seu corpo ressurreto e foi visivelmente levado aos céus. Marcos e Lucas são os únicos escritores dos evangelhos que falam disso. "De fato, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu, e assentou-se à destra de Deus" (Mc 16:19). "Então os levou para Betânia e, erguendo as mãos, os abençoou. Aconteceu que, enquanto os abençoava, ia se retirando deles, sendo elevado para o céu" (Lc 24:50,51). "Ditas estas palavras, foi Jesus elevado às alturas à vista deles, e uma nuvem o encobriu dos seus olhos" (At 1:19).

Jesus predisse o evento da sua ascensão. "Que será, pois, se virdes o Filho do homem subir para o lugar onde primeiro estava?" (Jo 6:62). Paulo ensinou sobre a ascensão de Cristo: "Por isso diz: Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativo, e concedeu dons aos homens. Ora, que quer dizer subiu, senão que havia também descido até as regiões inferiores da terra? Aquele que desceu é também aquele que subiu acima de todos os céus, para encher todas as cousas" (Ef 4:8,10). (Veja também Jo 20:17; 13:1; 16:10,16,28; Hb 4:14; 7:26; 1 Tm 3:16.)

Se colocarmos juntas as palavras "subiu acima de todos os céus" (Ef 4:10) com "feito mais alto do que os céus" (Hb 7:26) e "penetrou nos céus" (Hb 4:14), a idéia parece ser que existem vários céus, possivelmente o atmosférico e o astronômico, pelos quais Jesus passou a caminho do Pai. William Evans sugere: "Isto significa que Ele venceu todas as potestades e principados do mal que habitam estes céus (Ef 6) e que sem dúvida fizeram o máximo para impedi-lo de passá-los, a fim de apresentar sua obra terminada ao Pai. "21 Myer Pearlman nos lembra: "A ascensão se torna assim a linha divisória entre dois períodos da vida de Cristo: do nascimento à ressurreição, Ele é o

Cristo da história humana, aquele que viveu uma vida humana perfeita sob condições terrenas. A partir da ascensão, Ele é o Cristo da experiência espiritual, que vive nos céus e toca os homens através do Espírito Santo. "22

2. Sua exaltação

a) O significado da exaltação de Cristo. Por exaltação de Cristo nos referimos ao lugar de honra e poder à destra do Pai, dado por Deus ao Filho ressuscitado e que subiu aos céus. Esta verdade é ensinada em muitos pontos do Novo Testamento.

Por Lucas: "Exaltado, pois, à destra de Deus" (At 2:33); "Deus, porém, com a sua destra, o exaltou a Príncipe e Salvador" (At 5:31).

Por Pedro: "O qual, depois de ir para o céu, está à destra de Deus, ficando-lhe subordinados anjos, e potestades, e poderes" (1 Pe 3:22).

Por Paulo: "É Cristo Jesus quem morreu, ou antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus" (Rm 8:34); "O qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos, e fazendo-o sentar à sua direita nos lugares celestiais" (Ef 1:20); "Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus" (Cl 3:1); "Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus" (Hb 10:12).

Jesus deixou implícito em Mt 22:41-46, e ensinou claramente em Ap 3:21: "Ao vencedor dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci, e me sentei com meu Pai no seu trono."

Estevão viu o Senhor glorificado pouco antes de sua morte, e gritou: "Eis que vejo os céus abertos e o Filho do homem em pé à destra de Deus" (At 7:56). "À destra de Deus" indica uma posição de honra e poder. "Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai" (Fp 2:9-11).

b) Resultados da exaltação de Cristo

(1) Ele é agora nosso sumo sacerdote - Ele se apresenta diante do Pai por nós. "Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus" (Hb 9:24). "Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão" (Hb 4:14).

(2) Temos a certeza do acesso a Deus - Ela assegura aos crentes o livre acesso à presença de Deus. "Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como o grande sumo sacerdote ... Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a

fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna" (Hb 4:14,16). "Porquanto há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem" (1 Tm 2:5).

(3) Cristo, cabeça da igreja - "E pôs todas as coisas debaixo dos seus pés e, para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja" (Ef 1:22). "Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia" (Cl 1:18).

(4) Derramamento do Espírito - Ele derramou o Espírito Santo sobre aqueles que crêem. "Mas eu vos digo a verdade: Convém-vos que eu vá, porque se eu não for, o Consolador não virá para vós outros. Se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei" (Jo 16:7). "E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco" (Jo 14:16). "Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis" (At 2:33).

(5) Ele concedeu dons aos homens e à igreja - 1 Co 12:8-10; Ef 4:8-13.

(6) Ele está preparando um lugar para os seus - "Pois vou preparar-vos lugar" (Jo 14:2).

(7) Ele prometeu voltar - "E quando eu for, e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também" (Jo 14:3).

3. Os valores práticos das doutrinas da ascensão e da exaltação

Myer Pearlman nos deu os cinco valores seguintes, muito práticos e inspiradores, para compreender que nosso Senhor e Salvador subiu aos céus e está assentado num lugar de honra à direita do Pai:

a) Um incentivo à santidade - A consciência da ascensão de Cristo, a quem esperamos ver um dia, é um incentivo à santidade (Cl 3:1-4). O olhar para cima contrabalançará o empurrão para baixo.

b) Um conceito correto da igreja - O conhecimento da ascensão ajuda a obter um conceito correto da igreja. A crença num Cristo simplesmente humano fará

com que as pessoas considerem a igreja como apenas uma sociedade humana, útil para propósitos filantrópicos e morais, mas sem possuir qualquer poder ou autoridade sobrenatural. Por outro lado, o conhecimento do Cristo que subiu aos céus resultará no conhecimento da igreja como um organismo, um organismo sobrenatural derivando vida divina de seu cabeça glorioso.

c) Uma atitude correta para com o mundo - A consciência do Cristo que subiu aos céus produzirá uma atitude correta em relação ao mundo e às coisas mundanas. "Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo" (Fp 3:20).

d) Um profundo senso de responsabilidade pessoal A fé na ascensão de Cristo inspirará um profundo senso de responsabilidade pessoal. A crença na ascensão de Cristo implica o conhecimento de que um dia teremos de prestar contas a Ele (Rm 14:7-9; 2 Co 5:9,10). O senso de responsabilidade para com um mestre no céu age como um impedimento para o pecado e um incentivo para a justiça (Ef 6:9).

e) A alegre esperança da sua volta - A fé na ascensão de Cristo está ligada à esperança alegre e bendita da sua volta. "E quando eu for, e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo" (Jo 14:3).²³

Verificação de aprendizagem:

1) A ascensão se refere a que evento relacionado a Cristo?

2) Qual o significado da exaltação de Cristo?

3) Quais são os resultados da exaltação de Cristo?

4) Quais são os valores práticos das doutrinas da ascensão e exaltação?

II. A APLICAÇÃO DAS PROVISÕES

A. Eleição

A doutrina da eleição é uma das mais controvertidas de toda a teologia. Através dos séculos ela vem dividindo os cristãos em vários campos. Alguns livros sobre teologia sistemática nem sequer ensinam este assunto.

Ela tem sido apresentada de maneira tão extremista que faz parecer que os eleitos serão inevitavelmente salvos, sem levar em conta sua resposta ao evangelho e seu estilo de vida. Por outro lado, os escolhidos para se perderem padecerão eternamente, não obstante qualquer empenho em aproximar-se de Deus mediante a fé em Cristo.

Esta posição radical baseia-se nas doutrinas chamadas de "eleição incondicional" (os eleitos são escolhidos completamente em separado de qualquer arrependimento e fé da parte deles); e "expição limitada" (que Cristo não morreu por toda humanidade, mas apenas por aqueles a quem Ele escolheu). Ela se apóia também no ensino de que o chamado geral de Deus para os homens se entregarem a Cristo não é um "chamado sincero", de que Ele só "chama verdadeiramente" (tencionando fazer isso) aqueles a quem elegera previamente para salvação. Foi mostrado pelas Escrituras, sobre "A morte de Cristo" (seção I, A, deste capítulo), que Cristo morreu por toda humanidade e que Ele chama todos os cansados e sobrecarregados para se aproximarem dele.

O que é eleição? Thiessen diz que, no seu sentido redentivo, eleição é "o ato soberano de Deus, pela graça, através do qual ele escolheu em Cristo Jesus, para salvação, todos aqueles que previu que o aceitariam".

A eleição é um ato soberano de Deus porque, por ser Deus, Ele não tem de consultar nem pedir a opinião de quem quer que seja. Desde que a Escritura ensina que a eleição teve lugar "antes da fundação do mundo" (Ef 1:4), não havia ninguém a quem Deus pudesse consultar. Todos os homens pecaram e são culpados diante de Deus,

portanto, Ele não se achava sob qualquer obrigação de salvar ninguém.

A eleição é um ato de Deus, pela graça, em vista da mesma razão. Toda humanidade pecou e não merece coisa alguma além da condenação. O homem pecador não pode fazer nada por si mesmo, a fim de ser considerado digno de salvação. Assim sendo, qualquer oferta de vida eterna deve ser pela graça.

Ela é "em Cristo Jesus", porque só Ele poderia prover a justiça de que o homem necessitava. Deus não pode escolher o homem em si, de modo que o escolheu em Cristo.

A eleição é sempre tida como sendo de acordo com a presciência de Deus:

"Sabemos que todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou" (Rm 8:28-30).

"Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos eleitos que são forasteiros da Dispersão no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia, e Bitínia, eleitos, segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo" (1 Pe 1:1,2).

Devemos distinguir claramente entre a presciência de Deus e a sua predestinação. Não é certo dizer que Deus previu todas as coisas porque arbitrariamente decidiu fazer com que elas ocorressem. Deus, em sua presciência, vê os eventos futuros praticamente como vemos os passados. A presciência não muda a natureza dos eventos futuros mais do que o conhecimento posterior pode mudar um fato histórico. Existe uma diferença entre o que Deus determina executar e o que Ele simplesmente permite que aconteça. Thiessen afirma:

"Certamente poucos que defendem o conceito da 'eleição incondicional' ensinariam que Deus é a causa eficiente do pecado: praticamente todos concordariam em que Deus simplesmente permitiu que o pecado entrasse no universo, e todos admitiriam que Ele previu que entraria antes de ter criado qualquer coisa. Se, então, Deus pôde prever que o pecado entraria no universo sem decretar efetivamente que entraria, Ele

pode então prever também como os homens agirão sem decretar efetivamente como eles vão agir. "

Efésios 1 :3-5 torna bem claro que os crentes são escolhidos "em Cristo Jesus":

"Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo, assim como nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade."

Ao escolher os que são seus "em Cristo", Deus não estava olhando para o homem em si, mas como ele é em Cristo. Os que foram escolhidos são aqueles que estavam em Cristo, pela sua presciência Deus já os viu ali quando fez a escolha. Os que estão em Cristo são pecadores que creram no sangue redentor de Cristo, através do qual eles foram unidos a Ele, como membros do seu corpo.

Não existe qualquer virtude nesta fé. Os homens não são salvos por crerem, mas através da crença. Os crentes foram vistos antecipadamente em Cristo quando Ele os escolheu. Como chegaram ali? Através da fé em seu amado Filho. Ele não determinou quem deveria achar-se ali, mas simplesmente os viu ali em Cristo ao elegê-los.

A Bíblia não ensina seleção, mas eleição. Em ponto algum a Bíblia ensina que alguns são predestinados à condenação. Isto seria desnecessário, desde que todos são pecadores e estão a caminho da condenação eterna.

"Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência; entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como também os demais ... naquele tempo, estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo" (Ef 2:1-3,12).

Não é a falta da eleição do homem que o leva à ruína eterna; é o seu pecado e

falha em aceitar Jesus Cristo. Todo homem é livre para aceitar Cristo como seu salvador pessoal, caso assim o deseje. Ele não é apenas convidado, mas instado a isso. Cristo fez toda sorte de provisões para ele. "Vemos, todavia, aquele que, por um pouco, tendo sido feito menor que os anjos, Jesus, por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todo homem" (Hb 2:9). "Ora, não levou Deus em conta os tempos de ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos em toda parte se arrependam" (At 17:30).

Muitos dos problemas surgidos na igreja sobre esta doutrina da eleição foram causados porque alguns a aplicaram aos não salvos. Ela é verdadeira para quem já se encontra em Cristo. Reconhece-se universalmente no corpo de crentes que a epístola de Paulo aos Romanos é a exposição mais ordenada do plano da salvação que temos na Bíblia. Deve-se notar que o apóstolo não trata do assunto da eleição até ultrapassar o capítulo 8, que conclui com a verdade de que não há separação de Cristo.

A história tem sido constantemente contada como a parábola de um homem subindo com dificuldade uma ladeira, levando às costas seu pecado e condenação. Ele vê a porta da salvação à sua frente, e sobre ela está escrito: "Quem quiser, venha." Ele se alegra ao entrar e seu fardo é retirado. Uma vez dentro do portão da salvação, ao olhar do lado interno do arco, ele descobre as palavras "escolhidos nele antes da fundação do mundo". Que verdade gloriosa para ser descoberta depois de alguém encontrar a paz do perdão de pecados, por ter posto a sua fé no sacrifício redentor de Jesus Cristo!

Não permita que qualquer idéia com relação a esta doutrina da eleição impeça a pregação do evangelho a toda a humanidade. A grande comissão continua sendo um dever da igreja de Jesus Cristo:

"Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer, e for batizado será salvo; quem, porém, não crer, será condenado" (Me 16:15,16).

A eleição, por ser inteiramente uma doutrina da soberania de Deus, deve ser seguida daqueles passos exigidos do pecador em relação à experiência da salvação pessoal, ou seja, arrependimento e fé. Cada uma dessas coisas será considerada nas seções seguintes.

Verificação de aprendizagem:

1) O que é eleição incondicional?

2) A eleição é um ato soberano de Deus?

3) Devemos distinguir presciência de Deus e predestinação? Explique.

4) O que leva o homem a ruína?

B. ARREPENDIMENTO

O arrependimento é um assunto raramente pregado em nossas igrejas hoje. Alguns chegaram até a ensinar que ele não é necessário, que estamos vivendo numa dispensação diferente que não o exige.

Essas pessoas citam as palavras de Paulo à pergunta do carcereiro filipense, "Senhores, que devo fazer para que seja salvo?" A resposta de Paulo foi, "Crê no Senhor Jesus, e serás salvo tu e tua casa" (At 16'30,31). Em vista de Paulo não ter mencionado o arrependimento, é nos dito que tudo o que devemos fazer é crer, a fim de sermos salvos hoje. O arrependimento tem relação com o desviar-se do pecado, e infelizmente a "pecaminosidade" do pecado é algo poucas vezes enfatizado em nossos dias. Se a pessoa nasceu de novo duvidamos que não compreenda perfeitamente que a questão do seu pecado já foi tratada pelo Senhor Jesus Cristo. Muitos estão sendo convidados a se aproximarem de Cristo simplesmente com base nas bênçãos a serem recebidas e na alegria a ser experimentada. Jesus Cristo tratou da questão do pecado para nós e é da maior importância que nos afastemos do pecado antes de crermos nele como nosso salvador.

1. Definição

O significado original de "arrependimento" é uma mudança de opinião ou propósito. É uma "mudança sincera e completa de opção e disposição com respeito ao pecado". Ela envolve uma mudança do ponto de vista, do sentimento e do propósito. Podemos dizer, então, que contém três elementos: o intelectual, o emocional e o voluntário.

a) O elemento intelectual. Isto envolve uma mudança de ponto de vista. É uma mudança de ponto de vista com relação ao pecado, a Deus e ao "eu". O pecado vem a ser reconhecido não a penas como uma fraqueza, um acontecimento infeliz, ou um erro, mas uma culpa pessoal. "Pois eu conheço as minhas transgressões e o meu pecado está sempre diante de mim" (5151:3); "... pela lei vem o pleno conhecimento do pecado" (Rm 3'20). Além disso, o pecado é reconhecido Como uma transgressão Contra Deus. Do ponto de vista humano, o pecado de Davi foi Contra Bate-Seba e Urias, seu marido. Mas Davi veio a compreender que ele era também contra as leis de Deus. Ele clamou: "Pequei contra ti, Contra ti somente, e fiz o que é mal perante os teus olhos" (SI 51,4).

O pecado é também reconhecido em sua relação com o nosso "eu". Ele não só é considerado como culpa diante de Deus, mas também como algo que contamina e corrompe o "eu". Reconhecendo isto, Davi ora:

"Purifica-me com hissopo e ficarei limpo, lava-me e ficarei mais alvo que a neve" (5151 :7). Ao receber uma nova visão de Deus, Ió disse: "Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem. Por isso me abomino, e me arrependo no pó e na cinza" (Ió 42:5,6). Este elemento intelectual do arrependimento é muito importante, mas, se não for seguido pelos dois elementos seguintes, só poderá trazer medo do castigo sem um ódio real do pecado.

b) O elemento emocional. O arrependimento tem sido muitas vezes definido como "uma tristeza segundo Deus pelo pecado". Ao escrever sua segunda carta aos coríntios, Paulo disse: "Agora me alegre, não porque fostes contristados, mas porque fostes contristados para arrependimento; pois fostes contristados segundo Deus, para que de nossa parte nenhum dano sofrêsseis. Porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação que a ninguém traz pesar; mas a tristeza do mundo produz morte" (2 Co 7:9-10). Em Lucas 18:13 Jesus descreveu o publicano batendo no peito: "O publicano, estando em pé, longe, não ousava ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: 6 Deus, sê propício a mim, pecador!" Não existem meios de medirmos quanta emoção é necessária no arrependimento sincero, mas existe com certeza um despertar real do coração quando o indivíduo é levado a enfrentar seu terrível pecado. As lágrimas quase sempre acompanham um coração arrependido. Todavia, é preciso diferenciar entre a verdadeira tristeza pelo pecado cometido e o simples sentimento de vergonha por causa dele. Existe uma vasta diferença entre remorso e arrependimento. A pessoa pode ficar simplesmente triste por ter sido apanhada no ato de pecar, não estando verdadeiramente arrependida por causa de seu pecado. Isto seria o simples remorso. A tristeza pelo pecado deve ser seguida pelo elemento voluntário.

c) O elemento voluntário. Billy Sunday costumava dizer: "A religião não é para seu lenço, mas para a sua espinha dorsal." É preciso que a vontade seja exercitada para que o arrependimento seja verdadeiramente eficaz. Isto significa um afastamento interior do pecado e uma entrega completa a Cristo para obter perdão. Uma das palavras usadas para "arrependimento" significa "voltar". Isto é ilustrado na história do filho pródigo que disse: "Levantar-me-ei e irei ter com meu pai... E levantando-se, foi para seu pai" (Lc 15:18,20).

Quando o arrependimento toca a vontade, ele resultará em:

(1) Confissão do pecado - "Confesso a minha iniquidade: suporto tristeza por causa do meu pecado" (5138:18). "Pequei contra o céu" (Lc 15:21).

(2) Abandono do pecado - "O que encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia" (Pv 28:13). "Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo os seus pensamentos ... " (Is 55:7).

(3) Volta para Deus - "Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo os seus pensamentos; converta-se ao Senhor ... " (Is55:7). Não devemos apenas abandonar o pecado, mas voltar-nos para Deus (1 Ts 1:9; At 26:18).

d) Não é algo meritório. O arrependimento jamais deve ser tido como meritório - uma "obra" a ser feita para que Deus possa conceder a salvação. Thiessen salienta que não somos salvos para nos arrependermos, mas se nos arrependermos. A versão Douai traduz a palavra "arrependimento" como "fazer penitência". Assim sendo, a igreja católica romana considera o arrependimento como uma satisfação que o pecador apresenta a Deus. Esta é uma tradução falsa e descreve o pecador como capaz de fazer algo para a sua salvação, em lugar de compreender sua incapacidade e perceber que a sua salvação é inteiramente provida por Deus através de sua maravilhosa graça.

2. Importância do arrependimento

A importância deste assunto é enfatizada pelo lugar de destaque dado a ele nas Escrituras, tanto no Antigo como no Novo Testamento, assim como no ministério de Jesus e dos primeiros pregadores do Evangelho.

a) No Antigo Testamento. O Antigo Testamento focaliza o lugar que o

arrependimento deveria ter na relação entre Israel e Deus nas seguintes passagens:

" ... se deres ouvidos à voz do Senhor teu Deus, guardando os seus mandamentos e os seus estatutos, escritos neste livro da lei, se te converteres ao Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda tua alma" (Dt 30:10).

"Voltai-vos dos vossos maus caminhos, e guardai os meus mandamentos e os meus estatutos, segundo toda a lei que prescrevi a vossos pais e que vos enviei por intermédio dos meus servos, os profetas" (2 Rs 17:13).

"Eu escutei e ouvi; não falam o que é reto, ninguém há que se arrependa da sua maldade, dizendo: Que fiz eu? Cada um corre a sua carreira como um cavalo que arremete com ímpeto na batalha" (Jr 8:6).

"Portanto dize à casa de Israel: Assim diz o Senhor Deus: Convertei-vos e apartai-vos dos vossos ídolos; e dai as costas a todas as vossas abominações" (Ez 14:6).

"Portanto, eu vos julgarei, a cada um segundo os seus caminhos, ó casa de Israel, diz o Senhor Deus. Convertei-vos e desviai-vos de todas as vossas transgressões; e a iniquidade não vos servirá de tropeço" (Ez 18:30). "Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, orar e me buscar, e se converter dos seus maus caminhos, então eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra" (2 Cr 7:14).

b) No Novo Testamento:

(1) João Batista - O arrependimento era a nota máxima na pregação de João Batista: "Naqueles dias apareceu João Batista pregando no deserto da Judéia, e dizia: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus" (Mt 3:1,2). João Batista veio como precursor de Jesus, a fim de preparar o coração do povo de Israel para a chegada do seu Messias. O preparo exigido era o arrependimento, e continua assim para o coração de cada pecador.

(2) Jesus - O arrependimento ocupou um lugar importante na pregação de Jesus. "Daí por diante passou Jesus a pregar e a dizer:

Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus" (Mt 4:17). "Não vim chamar justos, e, sim, pecadores (ao arrependimento]" (Mt 9:13). "Passou, então, Jesus, a increpar as cidades nas quais ele operara numerosos milagres, pelo fato de não se terem arrependido" (Mt 11:20). "Ninivitas se levantarão no juízo com esta geração e a condenarão; porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis aqui está quem é maior do que Jonas" (Mt 12:41).

(3) Os discípulos - Os doze discípulos pregaram arrependimento. "Então, saindo eles, pregavam ao povo que se arrependesse" (Mc 6:12).

(4) A grande comissão - "E que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados, a todas as nações, começando de Jerusalém" (Lc 24:47).

(5) Pedro - Pedro pregou o arrependimento. "Respondeu-lhes Pedro: Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado" (At 2:38). (Veja também At 3:19; 5:31; 8:22; 11:18.)

(6) Paulo - Paulo pregou o arrependimento. "Testificando tanto a judeus como a gregos o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo" (At 20:21). (Veja também: At 26:20; 2 Co 12:21; 2 Tm 2:25.)

c) A vontade de Deus é que todo homem se arrependa."O Senhor ... é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento" (2 Pe 3:9).

(1) A ordem do Senhor - O Senhor ordena que todos se arrependam. "Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos em toda parte se arrependam" (At 17:30).

(2) A desobediência resultará na morte eterna - Os homens perecerão eternamente caso não se arrependam. "Não eram, eu vo-lo afirmo; se, porém, se não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis" (Lc 13:3).

(3) Produz alegria no céu - O arrependimento de pecadores na terra provoca grande alegria no céu. "Digo-vos que assim haverá maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento" (Lc 15:7,10).

3. A maneira como se produz o arrependimento

Jesus ensinou que os milagres, por si mesmos, não produzirão arrependimento.

"Passou, então, Jesus a increpar as cidades nas quais ele operara numerosos milagres, pelo fato de não se terem arrependido. Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido com pano de saco e cinza" (Mt 11:20,21).

O Senhor ensinou que nem mesmo a volta de alguém dentre os mortos iria, por si mesma, produzir arrependimento. "Mas ele insistiu:

Não, pai Abraão, se alguém dentre os mortos for ter com eles, arrepender-se-ão. Abraão, porém, lhe respondeu: Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tão pouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos" (Lc 16:30,31).

a) É um dom de Deus. "Logo também aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento para vida" (At 11:18). " ... disciplinando com mansidão os que se Opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade ... " (2 Tm2:25). (Veja também At 5:31.) O arrependimento não é uma coisa que a pessoa possa produzir por si mesma. O indivíduo que julga poder viver para si mesmo e para o mundo e depois arrepender-se e converter-se a Deus quando decidir está redondamente enganado. Muitos pecadores foram para a eternidade gritando: "É tarde demais!", quando os entes queridos e ministros insistiam em que se arrependessem de seu pecado e se voltassem para o Senhor. Se alguém sentir necessidade de arrepender-se do seu pecado e aproximar-se do Senhor, deve fazer isso sem demora. Pode chegar a hora em que deseje fazê-lo, mas não possa! "Nem haja algum impuro, ou profano, como foi Esaú, o qual, por um repasto, vendeu o seu direito de primogenitura. Pois sabeis também que, posteriormente, querendo herdar a bênção, foi rejeitado, pois não achou lugar de arrependimento, embora, com lágrimas, o tivesse buscado" (Hb 12:16,17).

b) Mediante meios divinamente ordenados (1) Em relação aos não salvos:

(a) Através da fé na Palavra de Deus - "Os ninivitas creram em Deus; e proclamaram um jejum, e vestiram-se de panos de saco, desde o maior até o menor. Chegou esta notícia ao rei de Nínive; ele levantou-se do trono, tirou de si as vestes reais, cobriu-se de pano de saco, e assentou-se sobre cinza" (Jn 3:5,6) .

(b) Através da pregação do evangelho - "Ouvindo eles estas coisas, compungiu-se-lhes o coração e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, irmãos?" (At 2:37). "Ninivitas se levantarão no juízo com esta geração, e a condenarão; porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis aqui está quem é maior do que Jonas" (Mt 12:41).

(c) Através da bondade de Deus - "Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?" (Rm 2:4). "Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento" (2 Pe 3:9).

(2) Em relação ao cristão:

(a) Através da censura e correção de Deus

"Porque o Senhor corrige a quem ama, e açoita a todo filho a quem recebe ... Pois eles nos corrigem por pouco tempo, segundo melhor lhes parecia; Deus porém nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade. Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça" (Hb 12:6,10,11).

A correção de Deus leva ao arrependimento: "Eu repreendo a quantos amo. Sê, pois, zeloso, e arrepende-te" (Ap 3:19).

(b) Através de uma nova visão de Deus - "Eu te conhecia só de ouvir, mas agora meus olhos te vêem. Por isso me abomino, e me arrependo no pó e na cinza" (Jó 42:5,6).

(c) Através da censura bondosa de um irmão- "Ora, é necessário que o servo do Senhor não viva a contender e, sim, deve ser brando para com todos,

apto para instruir, paciente, disciplinando com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade, mas também o retorno à sensatez, livrando-se eles dos laços do diabo, tendo sido feitos cativos por ele, para cumprirem a sua vontade" (2 Tm 2:24-26).

4. Frutos do arrependimento

Uma última palavra deve ser dita com respeito aos resultados do arrependimento. Ele levará definitivamente a:

a) Confissão do pecado. "O publicano, estando em pé, longe, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador!" (Lc 18:13).

b) Além disso, uma atitude de arrependimento sincero levará o indivíduo a restituir o que quer que tenha tomado indevidamente, na medida do possível. "Entrementes, Zaqueu se levantou e disse ao Senhor: Senhor, resolvo dar aos pobres a metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais" (Lc 19:8). Isso, porém, não constitui arrependimento, sendo, na verdade, fruto do arrependimento.

Verificação de aprendizagem:

1) Defina arrependimento segundo a Bíblia.

2) Quais são os três elementos do arrependimento. Explique.

3) Quando o arrependimento toca a vontade ele resultará em que?

4) Faça uma breve explanação do arrependimento segundo o Novo Testamento.

5) Como se produz o arrependimento?

6) Como se opera o arrependimento em relação ao Cristão?

7) Quais são os frutos do arrependimento?

C. FÉ

O segundo elemento essencial, necessário para receber a salvação, juntamente com o arrependimento, é a fé. Não se sabe ao certo qual deles tem precedência. É duvidoso que a pessoa possa realmente arrepender-se a não ser que tenha fé; e é questionável se alguém pode verdadeiramente crer para a salvação sem arrepender-se sinceramente do pecado. João Calvino disse certa vez: "Quando John Smith a travessa uma porta, quem vai primeiro, John ou Smith?" Assim sendo, é difícil saber qual vem primeiro, o arrependimento ou a fé. Sabemos que ambos são necessários.

Thiessen observa: "Como no caso do arrependimento, assim acontece no da fé, a doutrina não recebe a atenção merecida. Grande ênfase é colocada sobre a conduta; a crença do homem é considerada como sem significado. Todavia, a vida do ser humano é governada por aquilo em que ele acredita e, na religião, pela pessoa em quem crê."

1. Importância da fé

É provavelmente impossível enfatizar demasiado a importância da fé na vida cristã. A fé é o único caminho de acesso a Deus. É necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam" (Hb 11:6). Sem fé não é possível agradar a Deus: "De fato, sem fé é impossível agradar a Deus" (Hb 11:6). Tudo o que o crente recebe de Deus é recebido pela fé.

a) Salvação através da fé.

"Pela graça sois salvos, mediante a fé" (Ef 2:8). "Quem crer e for batizado será salvo" (Me 16:16). "Crê no Senhor Jesus e serás salvo" (At 16:31).

"Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; a saber: aos que crêem no seu nome" (Jo 1:12).

"Mas ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica ao ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça" (Rm4:5).

"Justificados, pois, mediante a fé, tenhamos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo" (Rm 5:1). "Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma" (Hb 10:39).

"Em verdade, em verdade vos digo: Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida" (Jo 5:24).

b) A plenitude do Espírito Santo mediante a fé. "A fim de que recebêssemos pela fé o Espírito prometido" (Gl 3:14). "Isto ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem" (Jo 7:39).

c) Santificação pela fé. "E não estabeleceu distinção alguma entre nós e eles, purificando-lhes pela fé os corações" (At 15:9). "A fim de que recebam eles remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim" (At 26:18).

d) Segurança pela fé. "Sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé" (1 Pe 1 :5). "Bem! pela sua incredulidade foram quebrados; tu, porém, mediante a fé estás firme. Não te ensoberbeças, mas teme" (Rm 11:20). "Não que tenhamos domínio sobre a vossa fé, mas porque somos cooperadores de vossa alegria; porquanto pela fé já estais firmados" (2 Co 1:24).

e) Paz perfeita pela fé. "Tu, Senhor, conservarás em perfeita paz aquele cujo propósito é firme; porque ele confia em ti" (Is 26:3). "Nós, porém, que cremos, entramos no descanso" (Hb 4:3).

f) Cura mediante a fé. "E a oração da fé salvará o enfermo e o Senhor o levantará" (Tg 5:15). "Esse homem ouviu falar Paulo, que, fixando nele os olhos e vendo que possuía fé para ser curado ... " (At 14:9).

g) Vitória sobre os adversários pela fé. Os principais adversários do cristão podem ser resumidos como: o mundo, a carne e o diabo.

h) O mundo vencido pela fé. " ... esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé" (1 Jo 5:4).

i) A carne vencida pela fé. "Assim também vós considerai-vos" - um ato de

fé - "mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus" (Rm 6:11).

j) O diabo vencido pela fé. "Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo ... abraçando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar os dardos inflamados do maligno" (Ef 6:11,16). "Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo. Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça ... " (Lc 22:31,32).

k) A vida cristã inteira vivida através da fé. Lemos quatro vezes na Escritura: "O justo viverá por fé" (Hc 2:4; Rm 1:17; Gl 3:11; Hb 10:38). "Esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim" (Gl 2:20). A fé é a própria atmosfera em que se desenrola a vida cristã. Os cristãos são chamados de crentes porque suas vidas demonstram fé contínua. Fica então claro que ela deve ter uma parte importante no recebimento inicial da salvação.

2. O significado da fé

Muitos eruditos bíblicos crêem que a Bíblia não dá uma definição real da fé. Todos concordam, porém, que Hebreus 11:1 (IBB) é provavelmente a passagem que mais se aproxima dessa definição:

"Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova de coisas que se não vêem." O valor deste versículo como uma definição de fé é mais evidente quando examinamos de perto o uso de várias palavras. A fé é dita como sendo firme fundamento. "Fundamento" refere-se àquela relação de aliança de amor mútuo entre o Senhor e o crente, a qual é a base da nossa esperança. Ter fé não significa andar às apalpadelas no escuro, mas a convicção firme, nascida de amor e da relação comprovada, de que a Palavra de Deus revelada é verdadeira. A fé é mais que uma simples esperança; ela é fundamento, termo que no terreno legal era traduzido como "direito de posse". Aquele que crê divinamente, em cujo coração o amor significa persuasão, tem o "direito de posse" à plena provisão de Deus. A fé é uma convicção quando se aplica ao que é invisível. As realidades do reino de Deus são por natureza realidades invisíveis, isto é, invisíveis ao olhar natural. A fé é aquela faculdade pela qual as realidades espirituais são percebidas como sendo reais, e capazes de serem realizadas. O indivíduo que possui fé tem olhos para o que é espiritual. Para o cristão a fé é "evidência" real. Ele não necessita de qualquer outra evidência a fim de proceder de acordo com a vontade revelada de Deus. No grego clássico, a palavra para evidência é muitas vezes traduzida como "prova". A fé é um "fundamento" e uma "prova".

3. Os elementos da fé

A fé, como o arrependimento, possui três elementos: o intelectual, o emocional e o volitivo ou voluntário.

a) O elemento intelectual.

A fé não é um salto cego no escuro. Ela foi erroneamente chamada de "um passo no escuro que leva para a luz". Pelo contrário, ter fé é andar na luz - a Luz da Palavra de Deus. É absolutamente inseguro dar sequer um passo na escuridão. O indivíduo poderia estar na beirada de um precipício profundo e um passo o faria mergulhar para a morte. A fé deve ser baseada no conhecimento. Ninguém pode acreditar em algo que não conhece. Não se pode crer numa pessoa desconhecida para nós. É impossível crer em alguma coisa sem evidência. A fé necessária para a salvação se baseia na melhor das evidências, a Bíblia, como a Palavra de Deus. "E assim, a fé vem pela pregação e a pregação pela palavra de Cristo" (Rm 10:17). Precisamos conhecer o evangelho para cremos em Cristo como nosso salvador.

b) O elemento emocional.

Este elemento é algumas vezes visto na alegria que acompanha o primeiro contato Com a bondade de Deus, ao prover as nossas necessidades. Ele é ilustrado pela experiência de Israel, como descrito no Salmo 106:12: "Então creram nas suas palavras e lhe cantaram louvor." Infelizmente a emoção da alegria logo passou, pois nos vv. 24 e 25 lemos: "E não deram crédito à sua palavra; antes, murmuraram em suas tendas, e não acudiram à voz do Senhor." Jesus descreveu essas pessoas: "Semelhantemente são estes os semeados em solo rochoso, os quais, ouvindo a palavra, logo a receberam com alegria. Mas eles não têm raiz em si mesmos, sendo antes de pouca duração; em lhes chegando a angústia ou perseguição por causa da palavra, logo se escandalizam" (Mc 4:16,17).

O Dr. A.T. Pierson disse: "Esta é uma seqüência! O fato vem primeiro. A seguir vem a fé com seus olhos fixos no fato. O sentimento com os olhos na fé vem por último. Tudo vai bem quando esta ordem é observada. Mas, no momento em que a fé volta as costas ao fato e olha para o sentimento, a progressão vacila."²⁹

Este elemento da fé também inclui uma aquiescência da mente à verdade recebida. Os escribas responderam à explicação de Jesus sobre o maior mandamento: "Muito bem, Mestre, e com verdade disseste ... " (Me 12:32,33).

Thiessen resumiu bem esta seção como segue: "Podemos definir o elemento emocional da fé como o despertar da alma para as suas necessidades pessoais e para a aplicação pessoal da redenção provida em Cristo, juntamente com uma concordância imediata com essas verdades."³⁰

c) O elemento voluntário.

Depois de saber o que Deus prometeu e consentir com a verdade dessa promessa, a fé se amplia então e se apropria do que foi

provido. O conhecimento não basta por si mesmo. O indivíduo pode ter o conhecimento de que Cristo é divino e, todavia, rejeitá-lo como salvador. O conhecimento afirma a realidade dessas coisas, mas não as aceita nem rejeita. A aquiescência também não é suficiente. Existe uma aquiescência mental que não abrange a rendição do coração, e é "... com o coração que se crê para a justiça" (Rm 10:10). A verdadeira fé fica na esfera da vontade. Ela se apropria. Ela conquista. A fé contém a idéia de ação. "A fé tem pernas." É a alma saltando para abraçar a promessa. "Estando plenamente convicto de que ele era poderoso para cumprir o que prometera" (Rm 4:21).

Assim sendo, esta fase da fé abrange dois elementos: (1) render o coração a Deus e (2) apropriar-se de Cristo como salvador. Provérbios 23:26 ilustra esta última condição: "Dá-me, filho meu, o teu coração." Também Mateus 11:28,29: "Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tornai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas." Romanos 10:9 diz: "Se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor ... " Isto transmite a idéia de render-se ao senhorio do Senhor Jesus sobre toda a vida. A apropriação de Cristo como salvador significa receber plenamente tudo o que Ele fez no Calvário para a redenção da sua alma: "Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; a saber: aos que crêem no seu nome".

Isto ilustra a importante verdade de que salvação é receber Jesus Cristo. Esta apropriação pessoal é uma necessidade básica. Não basta Jesus ter morrido. Devo reconhecer que Ele morreu por mim. É verdade que Ele morreu por todos, mas devo aceitá-lo individualmente como meu salvador. A água é fornecida a todos, mas morrerrei de sede se não beber do fluxo de vida. O ar é provido para todos, mas preciso respirá-lo individualmente a fim de sobreviver. É necessário que haja um compromisso pessoal da alma com Cristo, e uma aceitação pessoal dele como Salvador e Senhor .

Uma família cristã estava passando uma tarde praticando esportes de inverno num lago gelado perto de sua casa. Uma das meninas avançou demais sobre o gelo e caiu na água gelada. Agarrada na beira do buraco onde caíra, ela pediu socorro. O pai, ouvindo seus gritos de aflição, foi a seu encontro com todo o cuidado. Engatinhando até o lugar onde o gelo se partira, ele estendeu o braço e pegou uma das mãos da filha. Mas, por mais que se esforçasse, não conseguia puxá-la para fora, pois a menina se segurava com a outra mão na beirada. Finalmente ele disse a ela: "Dê-me as duas mãos." Isto significava que teria de soltar-se da borda firme do gelo e entregar-se completamente aos cuidados do pai, apoiando-se apenas nele. Só assim é que ele pôde colocá-la em um lugar seguro. A salvação só pode ser realizada quando nos desprendemos de tudo quanto é apoio material e damos a Ele as duas mãos em completa entrega e compromisso. Só Ele pode salvar.

4. A fonte da fé

Embora muitas outras bênçãos relativas à vida cristã, que são recebidas pela fé, tenham sido sugeridas nesta seção sobre a fé, interessamo-nos aqui especialmente pela parte da fé na experiência da salvação, e como esta fé salvadora é recebida. Os indivíduos são muitas vezes confrontados com o evangelho e informados que tudo o que têm a fazer é crer; e respondem então: "Mas é tão difícil crer." Quando a pessoa está tentando acreditar baseada na sua fé ou em algo que esteja fazendo, é difícil; pois nem a sua fé nem as suas obras são suficientes, e ela compreende isto. Mas a fé se baseia no que Deus fez e no que Ele prometeu, e não em nada que pertença ao homem. Fé é simplesmente crer na Palavra de Deus. Ela se baseia inteiramente na obra acabada de Cristo como revelada na Escritura. Em outras palavras, ela está firmada na Palavra de Deus. "E assim, a fé vem pela pregação e a pregação pela palavra de Cristo" (Rm 10:17). A NIV contém a leitura: "Em consequência, a fé vem por ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida através das palavras de Cristo." Desse modo, a fé vem por ouvir a palavra de Cristo. "Muitos, porém, dos que ouviram a palavra a aceitaram" (At 4:4). Nada produzirá mais fé do que ler e estudar a Bíblia, a Palavra de Deus, familiarizando-se assim com o que Deus prometeu. Ter fé é simplesmente crer no que Deus disse. É aceitar a sua Palavra.

" A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração; isto é, a palavra da fé que pregamos. Se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo" (Rm 10:8,9). "Em verdade, em verdade, vos digo: Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida" (J05:24). "Crê no Senhor Jesus, e serás salvo, tu e tua casa" (At 16:31).

É certo que o evangelho da graça de Deus ao homem pecador parece bom demais para ser verdadeiro. Mas, quando consideramos que foi planejado e prometido por Deus, não deve ser difícil aceitar o que Ele diz. Isto é fé!

Verificação de aprendizagem:

1) Qual o segundo elemento essencial para obter a salvação?

2) O que o Cristão recebe pela fé?

3) Defina o significado da fé.

4) Cite e explique os três elementos da fé.

5) Comente sobre a fonte da fé.

D. JUSTIFICAÇÃO

1. Definição

A justificação pela fé é a verdade fundamental da provisão de Deus para a salvação dos pecadores culpados e perdidos. Essa foi a grande verdade que a Reforma protestante restituiu à igreja cristã. É freqüentemente mencionada nas Escrituras, sendo no entanto uma das doutrinas mais negligenciadas e mal interpretadas em toda teologia evangélica. Sua natureza é tão extensa e surpreendente que muitos temem ensiná-la e crer nas declarações bíblicas pertinentes. Ela deve ser, porém, compreendida, caso devamos tomar ciência dela e compreender por completo a "tão grande salvação" (Hb 2:3) que Deus ofereceu graciosa e livremente.

A regeneração e a justificação são doutrinas intimamente relacionadas. A regeneração está ligada ao que acontece no coração do crente. A justificação refere-se à posição dele diante de Deus. A regeneração diz respeito à doação da vida; a justificação, ao homem ser declarado justo aos olhos de Deus. A regeneração é a resposta divina ao problema da morte espiritual; a justificação é a resposta divina ao problema da culpa. Justificação é um termo legal que descreve o pecador diante do tribunal de Deus para receber condenação pelos pecados que cometeu. Mas, em vez de ser condenado, ele é judicialmente pronunciado inocente, sendo declarado justo por Deus. A justificação tem sido definida como "o ato de Deus pelo qual Ele declara justo aquele que crê em Cristo". Observe que não é o pecador que é justo, mas ele é *declarado* justo com base em sua fé no sacrifício do Senhor Jesus Cristo. "Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça" (Rm4:3). Justificação é mais que perdão, ou perdão de pecados e a remoção da culpa e condenação. Essas coisas são negativas - o afastamento do pecado. A justificação é também positiva - o cálculo ou colocação, em nossa conta, da justiça perfeita de Cristo. "Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou da parte de Deus sabedoria, e justiça ... " (1 Co 1:30). "Aquele que não conheceu pecado, ele o fez

pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Co 5:21). A justificação inclui a libertação do crente em relação à ira divina e também sua aceitação como justo aos olhos de Deus. Ao justificar o pecador, Deus o coloca na posição de um justo. É como se ele nunca tivesse pecado.

Perto da cidade de Kingston, Ontário, no Canadá, há alguns anos, um homem entrou pela porta da cozinha e começou a se aproximar da dona da casa quando ela preparava o jantar. Ela gritou pelo marido, que estava em outro aposento da casa, e este imediatamente foi socorrê-la, agarrando o homem pelo colarinho e atirando-o porta a fora. De manhã, quando saía de casa, o marido encontrou, para sua surpresa, o intruso caído morto nos degraus. Jamais ficou determinado se o homem morreu com o impacto da queda, ou se apenas desmaiou e morreu enregelado pelo frio da noite de inverno. O fazendeiro, homem honesto, imediatamente foi à cidade e se entregou à polícia. Dias mais tarde realizou-se um inquérito. Toda evidência que pôde ser reunida foi apresentada e devidamente registrada pelo escrivão da corte. Depois de ouvidas as testemunhas, e todos os registros completamente transcritos e considerados, o juiz virou-se para o fazendeiro e disse: "Aos olhos deste tribunal você está justificado." Isso significa que cada traço de evidência reunido durante o interrogatório devia ser destruído. Se alguém fosse a Kingston hoje, não encontraria evidência alguma desse caso. Todos os registros foram cancelados.

Quando Deus justifica o pecador, que confia na graça salvadora de Jesus Cristo, toda evidência do seu pecado e culpa é completamente apagada. "Naqueles dias, e naquele tempo, diz o Senhor, buscar-se-á a iniquidade de Israel, e já não haverá; os pecados de judá, mas não se acharão; porque perdoarei aos remanescentes que eu deixar" (Jr 50:20). Esta é uma declaração notável, pois certamente os reinos de Israel e Judá possuíam inúmeros pecados, cuja culpa estava sobre eles. Mas quando Deus perdoa, Ele esquece. "Esta é a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei nos seus corações as minhas leis, e sobre as suas mentes as inscreverei... Também de nenhum modo me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades, para sempre" (Hb 10:16,17). Isto é espantoso em si mesmo, pois Ele é o Deus onisciente. Ele sabe de todas as coisas. A única coisa que nos é dito que Deus esquece são os pecados daquele que confia na sua grande salvação. Deus não vê assim os crentes como pecadores perdoados, mas sim como aqueles que nunca pecaram.

2. O que está envolvido na justificação?

a) Perdão ou remissão de pecados. "Tomaí, pois, irmãos, conhecimento de que se vos anuncia remissão de pecados por intermédio deste; e por meio dele todo o que crê é justificado de todas as cousas das quais vós não pudestes ser justificados pela lei de Moisés" (At 13:38,39). "No qual temos a redenção pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da Sua graça" (Ef 1:7). "E a vós

outros, que estáveis mortos pelas vossas transgressões, e pela incircuncisão da vossa carne, vos deu vida juntamente com ele, perdoadando todos os nossos delitos" (Cl 2:13). Em vista de os pecados do crente serem totalmente perdoados, segue-se que a culpa e o castigo desses pecados são também removidos.

b) Restauração ao favor de Deus. O pecador não incorreu simplesmente numa penalidade, mas perdeu também o favor de Deus, estando assim sujeito à Sua ira. " ... O que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus"

(Jo 3:36). "A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens" (Rm 1:18). Através da justificação tudo isto mudou. "Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira" (Rm 5:9). Um dos grandes problemas na sociedade de hoje tem a ver com a reabilitação dos que foram presos por terem cometido um crime. Embora tenha pago seu débito com a sociedade, é difícil para tal pessoa entrosar-se novamente na comunidade. Ela conserva a marca do crime, não sendo bem recebida por aqueles que a conheceram antes. Este é o motivo pelo qual uma grande proporção dos que foram encarcerados voltam à companhia dos elementos marginais e são muitas vezes presos e sentenciados a outro período de prisão. Graças a Deus, por sua graça ser tão abundante, somos recebidos em seu favor como se jamais tivéssemos transgredido as suas leis.

"Justificados, pois, mediante a fé, tenhamos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo; por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriemo-nos na esperança da glória de Deus" (Rm 5:1,2). "Quando, porém, se manifestou a benignidade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor para com os homens, não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo, que ele derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador, a fim de que, justificados por graça, nos tornemos seus herdeiros, segundo a esperança da vida eterna" (Tt 3:4-7).

Esta restauração ao favor é ilustrada para nós na parábola do filho pródigo: "O Pai, porém, disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa; vesti-o, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés; trazei também e matai o novilho cevado. Comamos e regozijemo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava

perdido e foi achado. E começaram a regozijar-se" (Lc 15:22-24). Esta restauração é confirmada por P.B. Fitzwater: *I/ A partir desses textos é visto que a justificação é muito mais do que remissão ou absolvição de pecados. O homem justificado é mais que um criminoso posto em liberdade. Ele é restaurado à posição daquele que é justo. Deus o trata como se jamais tivesse pecado.'*

c) Imputação da justiça de Cristo. Thiessen diz muito bem: "O pecador não deve ser apenas perdoado de seus pecados passados, mas também provido de uma justiça positiva antes de poder entrar em comunhão com Deus. Esta necessidade é suprida na imputação da justiça de Cristo ao cristão."³² E é assim também que Davi declara ser bem-aventurado o homem a quem Deus atribui justiça, independentemente de obras: Bem-aventurados aqueles cujas iniquidades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos; bem aventurado o homem a quem o Senhor jamais imputará pecado" (Rm 4:6-8). [ames Buchanan, D.D., LL.D. Professor de Divindade, New College, Edinburgh, escreveu um livro abrangente sobre a doutrina da justificação, publicado pela primeira vez em 1867, no qual diz: "De fato, a justificação consiste parcialmente na 'não imputação' do pecado, que pertencia ao crente, e parcialmente na 'não imputação' da justiça, da qual ele se encontrava absolutamente destituído antes. O sentido de um pode ser verificado pelo sentido do outro, embora ambos sejam necessários para a expressão do pleno significado da justificação."³³ Toda comunhão com um Deus santo deve ser na base da justiça. Nos primeiros dois capítulos e meio da epístola aos Romanos, Paulo trata de todas as classes sociais e mostra que não possuem justiça própria. Ele resume sua análise com as palavras: "Ora, sabemos que tudo o que a lei diz aos que vivem na lei o diz, para que se cale toda boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus, visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado" (Rm 3:19,20). Este é um quadro sombrio, sem esperanças! Mas não é o fim da história. Paulo continua: "Mas agora, sem lei, se manifestou a justiça de Deus testemunhada pela lei e pelos profetas; justiça de Deus mediante a fé em Cristo Jesus, para todos e sobre todos os que crêem" (Rm 3:21,22). "Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Co 5:21). Este versículo sugere a dupla imputação presente na justificação: nossos pecados foram atribuídos a Cristo, que não tinha Ele mesmo pecado; a justiça de Cristo é atribuída ao crente, que não possuía qualquer justiça. A justiça é absolutamente necessária para a comunicação com Deus, mas homem algum possui justiça própria. Portanto, Deus imputa ao crente a justiça de Jesus Cristo. Muitas vezes ouvimos Romanos 1:16 citado nos testemunhos:

"Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê." Mas o testemunho geralmente para nesse ponto. Por que o evangelho é o poder de Deus para a salvação? O v.17 supre a resposta: "Visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé." A justiça de Cristo é provida,

através do evangelho, àqueles que creram nele.

Um criminoso perdoado jamais é descrito como um homem bom ou justo. Mas quando Deus justifica o pecador, Ele o declara justo aos seus olhos. "Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica" (Rm 8:33). Se Deus justificasse somente pessoas boas, não haveria então evangelho para o pecador. Mas, graças a Deus, Ele justifica os ímpios. A justiça recebida pelo pecador é nada menos que a justiça de Cristo atribuída a ele. Imputar significa "colocar na conta de". A justificação pela fé não transmite nem confere ao pecador a justiça de Cristo, de modo que se torne parte da sua natureza interior. Esse é o resultado da santificação, que consideraremos mais tarde. A justificação confere ao pecador a justiça perfeita de seu Filho. "Esta justiça - sendo mérito de uma obra e não uma simples qualidade de caráter - pode tornar-se nossa, ao ser-nos imputada, mas não tem condições de ser comunicada por transmissão. Ela deve continuar a pertencer, principalmente, e num aspecto importante, exclusivamente a Ele, por quem essa obra foi realizada." Mas como Deus pode fazer isto? Como um Deus santo e justo, que não pode tolerar o pecado, declara justo alguém nascido no pecado e portanto culpado não só pela natureza como pela prática?

3. O método da justificação

É importante compreendermos o método pelo qual Deus justifica o pecador. A justificação é a base de nossa posição diante de Deus. Não se trata de algo que pode ser simplesmente considerado como certo. Deus não pode passar por cima do pecado devido à bondade do seu coração. Ele precisa preservar sua santidade e justiça. Ele deve ser "... *justo* e o justificador daquele que tem fé em Jesus" (Rm 3:26).

Existe um meio definido pelo qual os pecadores podem ser declarados justos, e em separado deste caminho tal coisa não é possível. Uma observação estranha sobre o coração pecaminoso da humanidade é que, merecendo a condenação eterna como merece, e sendo-lhe oferecido um tão grande dom como a justificação da sua vida diante de Deus, o homem se queixa do método divino. Só há um caminho - o caminho de Deus! Vamos nos alegrar nele, tendo o cuidado de notar os detalhes que são dados na Palavra de Deus.

a) Independente de boas obras. Se há uma verdade que o Novo Testamento deixa clara é que homem algum é justificado com base em sua própria retidão - suas boas obras.

"Porque se Abraão foi justificado por obras, tem de que se gloriar, porém, não diante de Deus. Pois que dizia a Escritura? Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça. Ora, ao que trabalha, o salário

não é considerado como favor, e sim, como dívida. Mas ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica ao ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça" (Rm 4:2-5). "Assim, pois, também agora, no tempo de hoje, sobrevive um remanescente segundo a eleição da graça. E se é pela graça, já não é pelas obras; do contrário, a graça já não é graça" (Rm 11:5,6).

b) Independente do empenho em cumprir a lei

"Ora, sabemos que tudo o que a lei diz aos que vivem na lei o diz, para que se cale toda boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus, visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado ... pois todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Rm 3:19,20,23).

"Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim, mediante a fé em Cristo Jesus, também nós temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois por obras da lei ninguém será justificado" (Gl 2:16).

Em teoria, seria possível ser salvo cumprindo a lei, se alguém pudesse observá-la completamente. Mas todos quebramos a lei de Deus no passado e somos incapazes de cumpri-la perfeitamente no futuro. Paulo torna claro que não temos esperança neste sentido:

"Tantos quantos, pois, são das obras da lei, estão debaixo de maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no livro da lei, para praticá-las" (Gl 3:10).

Não que haja nada de errado com a lei em si. Paulo afirma: "A lei é santa, e o mandamento santo, justo e bom" (Rm 7:12). O problema está com aqueles que não podem cumpri-la. A lei serve para fazer os homens compreenderem que são pecadores. "Pela lei vem o pleno conhecimento do pecado" (Rm 3:20). A lei é como um despertador que tem a capacidade de acordar-nos, mas não consegue tirar-nos da cama. É como a escala de vôo de um avião que lhe diz a hora em que ele vai partir, mas não pode garantir que você vai estar no aeroporto a tempo. Romanos 8:3 diz que a lei é "enferma pela carne".

É triste ver aqueles que estão dependendo de suas boas obras ou sacrifícios, na esperança de encontrar perdão dos pecados e paz com Deus. Um missionário observou uma mãe na Índia, aproximando-se do rio sagrado com uma criança fraca e pálida em seus braços, enquanto um garoto robusto e sadio corria ao seu lado. Algum tempo mais tarde ele a viu voltando do lugar de sacrifício só com a criança

doente. "Mãe da Índia", ele perguntou, "onde está o menino sadio e bonito que a acompanhava?" Ela respondeu: "Quando sacrificamos ao nosso Deus, sempre damos o melhor."

Para que não haja qualquer mal-entendido a respeito dos ensinamentos de Paulo e Tiago, e possa ser assim imaginada uma contradição, note o seguinte: "Concluimos, pois", diz Paulo, "que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei" (Rm 3:28). "Verificais", diz Tiago, "que uma pessoa é justificada por obras, e não por fé somente" (Tg 2:24).

Não pode haver contradição entre esses dois homens porque ambos foram inspirados pelo mesmo Espírito Santo. Eles estão escrevendo sobre dois aspectos diferentes do mesmo assunto. Paulo nos diz que a salvação é pela fé somente e não pelas obras; enquanto Tiago insiste em que a fé sincera irá resultar em boas obras. Efésios 2:8-10 fala de ambos os aspectos: "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas." Assim sendo, a fé que salva sem obras produzirá boas obras. A fé é invisível. Ela só pode ser julgada por aquilo que o homem faz. Tiago diz, portanto: "Mostra-me essa tua fé sem as obras, e eu, com as obras, te mostrarei a minha fé" (Tg 2:18). A fé possuída por Abraão, "e isso lhe foi imputado para justiça" (Tg 2:23), manifestou-se "quando ofereceu sobre o altar o próprio filho, Isaque" (Tg 2:21). O ato externo demonstrou claramente a fé interior.

c) Pelo dom da graça de Deus. A justificação não pode ser obtida através de esforço próprio nem por mérito próprio. Ela só é recebida através da graça de Deus. "Sendo justificados gratuitamente por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus" (Rm 3:24). "A fim de que, justificados por graça, nos tornemos seus herdeiros, segundo a esperança da vida eterna" (Tt 3:7). O que é graça? A palavra "graça" (do grego *charis*, da qual obtivemos o nosso "carismático") significava originalmente "beleza" ou *I/* comportamento apreciado". Ela foi mais tarde usada para indicar qualquer favor concedido a outrem, especialmente quando quem o recebia não o merecia. Os escritores bíblicos tomaram de empréstimo esta palavra e, sob a orientação de Deus, a revestiram de um novo significado; de modo que no Novo Testamento ela em geral indicava o perdão de pecados concedido inteiramente pela bondade de Deus, em separado de qualquer mérito por parte da pessoa perdoada. A graça abençoa o homem em face de toda a sua falta de mérito e demérito positivo. Alguém disse: // Alimentar o vadio que me procura é favor imerecido, porém dificilmente seria considerado graça. Mas alimentar um vadio que me roubou seria graça." Graça é

favor mostrado quando existe um demérito positivo.

A graça não é apenas algo expresso por Deus. É uma expressão do que Ele é. "A graça é a atitude por parte de Deus que tem origem nele mesmo, não sendo absolutamente condicionada por qualquer coisa nos objetos do seu favor." O Dr. Henry C. Mabie é citado como tendo dito: "A graça é um benefício comprado para nós pelo tribunal que nos considerou culpados" A definição de graça pelo Dr. Fitzwater é a seguinte: "Aplicada à salvação, a graça significa que aquilo que o Deus santo e justo exige de nós foi provido por Ele mesmo ... Deus, na sua graça, não está tratando com criaturas inocentes, mas com pecadores sob uma condenação justa e reta. Na graça, o que a justiça de Deus exige Ele supre.?" A.W. Pink escreveu: "A graça é uma provisão para homens tão decaídos que não podem ajudar a si mesmos, tão corruptos que não podem mudar a sua natureza, tão inimigos de Deus que não conseguem voltar-se para Ele, tão cegos que não podem vê-lo, tão surdos que não podem ouvi-lo, tão mortos que Ele mesmo precisa abrir suas sepulturas e levantá-los para a ressurreição."

d) Através do sacrifício substitutivo de Jesus Cristo.

Deus não pode perdoar nossos pecados apenas por ser gracioso. Como um Deus de justiça, Ele não pode simplesmente ignorar nosso pecado. Seu perdão baseia-se nos termos estritos da justiça. A pena pelos nossos pecados foi paga - paga pelo próprio Senhor Jesus Cristo. Os pecados do crente são imputados a Cristo. "Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos ao pecado, vivamos para a justiça" (2 Pe 2:24). "Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós, para que nele fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Co 5:21). Deus pode perdoar pecados porque a lei foi preservada e o castigo pela sua transgressão, pago. Cristo não pagou somente a pena por nosso pecado, mas a sua perfeita obediência à lei supriu a justiça que Deus pôde imputar à nossa conta. "Porque, como pela desobediência de um só homem muitos se tornaram pecadores, assim também por meio da obediência de um só muitos se tornarão justos" (Rm 5: 19). Temos assim a surpreendente situação em que Cristo toma sobre si nosso pecado, enquanto sua justiça nos é concedida. Que troca incrível! Todavia, é exatamente isso que Deus oferece aos que quiserem crer.

e) Somente através da fé

"Sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus; a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé ... tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus" (Rm 3:24-26). "Mas ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica ao ímpio, a sua fé lhe é atribuída como

justiça" (Rm 5:1).

"Porque com o coração se crê para a justiça" (Rm 10:10).

"Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim, mediante a fé em Cristo Jesus, também nós temos crido em Jesus para que fôssemos justificados pela fé em Cristo, e não por obras da lei, pois por obras da lei ninguém será justificado" (GI 2:16).

Quando declaramos que somos justificados pela fé, devemos compreender que a fé não é algo que oferecemos meritoriamente a Deus pela nossa salvação. Ela é apenas o meio pelo qual recebemos a sua provisão graciosa. Podemos dizer sobre a fé, como dissemos sobre o arrependimento, citando Thiessen: "Não somos salvos *por* nossa fé, mas *através* da nossa fé."

Dois outros fatos devemos ter em mente: primeiro, a ressurreição de Cristo é a garantia da nossa justificação. "O qual foi entregue por causa das nossas transgressões, e ressuscitou por causa da nossa justificação" (Rm 4:25). O fato de Deus ter levantado Jesus dentre os mortos é um testemunho de que se satisfez com o sacrifício feito por Jesus, e que nossos pecados, que tomou sobre si, desapareceram. Ela é o selo de aprovação do Pai sobre a morte expiatória de Cristo.

Segundo, a justificação é completa. Não há graus na justificação. A criança em Jesus Cristo se encontra na mesma justificação que o crente de cinquenta anos. Não existe progresso na justificação.

Verificação de aprendizagem:

1) Justificação e regeneração são doutrinas relacionadas?

2) Quando Deus justifica o pecador, que confia na graça salvadora de Jesus Cristo, toda evidência do seu pecado e culpa é completamente apagada?

3) O que está envolvido na justificação?

4) Comente sobre o método da justificação.

E. REGENERAÇÃO

É da maior importância que compreendamos plenamente o que as palavras de Jesus a Nicodemos significam na íntegra: "Em verdade, em verdade, te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus" (Jo 3:3). A história da igreja mostra claramente a tendência das organizações religiosas, uma vez diminuído o reavivamento inicial, para considerar a conversão como um ato cerimonial da igreja, ou um ato voluntário da vontade humana, ao invés de um ato sobrenatural do Espírito Santo. Vamos considerar nesta seção o significado e importância do que é nascer de novo. Esta expressão está sendo amplamente usada, e aplicada de modo zombeteiro, em muitas áreas em que seu verdadeiro sentido não se aplica de forma alguma. Talvez seja bom compreender que a expressão "de novo" na passagem antes mencionada geralmente significa "do alto", de modo que muitos preferem traduzir as palavras "se o homem não nascer do alto, não pode ver o reino de Deus". Nascer uma segunda vez não iria colocar necessariamente a pessoa num plano superior.

1. O que é o novo nascimento?

a) Negativo

(1) Não é uma reforma - Quando se diz à pessoa comum que ela deve nascer de novo, o indivíduo pensa imediatamente que você está sugerindo que ele deve reformar-se, emendar seu comportamento ou virar uma nova página. O novo nascimento não é uma reforma. A reforma, na melhor das hipóteses, é de origem humana e apenas exterior em seu efeito. Ela não pode modificar o homem interior. Imagine um relógio com a mola principal quebrada. Ele é levado ao relojoeiro e este coloca um novo cristal e dá polimento à caixa. O relógio vai funcionar? Claro que não. Tudo o que ele fez foi

melhorar a parte de fora, quando o defeito é interno. O homem possui um coração enganoso: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto" (Jr 17:9), necessitando de algo que provoque uma transformação íntima do seu ser.

(2) Não é tornar-se religioso - Se você disser ao membro de igreja comum que deve nascer de novo para ver o reino de Deus, ele não fica perturbado. Sempre foi cristão. Pertence a uma determinada igreja e contribui regularmente para o seu sustento. Ele pode até ler a Bíblia todos os dias e dizer suas orações todas as noites. Procura tratar seu próximo como a si mesmo. De que mais precisa? O novo nascimento não é tornar-se religioso. Devemos lembrar-nos de que, ao falar sobre a necessidade do novo nascimento, Jesus conversava com um homem ultra-religioso, Nicodemos, um fariseu sincero e membro do conselho eclesiástico mais elevado de Israel, o Sinédrio. Se alguém pudesse alcançar o céu com base na sua religião, Nicodemos seria certamente um candidato!

(3) Não é uma mudança de coração - Embora esta expressão seja usada muitas vezes, ela não é bíblica. O novo nascimento não é a mudança de algo no homem, nem a remoção de algo do homem, mas a comunicação de algo ao homem - algo que ele jamais possuiu antes. O novo nascimento é literalmente a doação da natureza divina ao coração e à vida do pecador, o que faz dele uma nova criatura. Isso acontece mediante uma união pessoal com Jesus Cristo. "Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida" (1 Co 5:12). "Pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas para que por elas vos torneis co-participantes da natureza divina" (2 Pe 1:4). Quando nasci pela primeira vez, recebi de meus pais a sua natureza; quando nasci pela segunda vez, recebi a natureza de Deus. Nenhuma outra religião possui uma mensagem como esta. O cristianismo é a única religião que afirma tomar o homem, decaído por natureza, e regenerá-lo ao dar-lhe a vida de Deus. Ninguém jamais sonharia dizer: // Aquele que tem Buda tem a vida."

b) Positivo. Como descrito no Novo Testamento, o novo nascimento é:

(1) Um nascimento - "Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus; e todo aquele que ama ao que o gerou, também ama ao que dele é nascido" (1 Jo 5:1). João 3:8 fala do cristão como sendo "nascido do Espírito". "Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus ... os quais nasceram ... de Deus" (Jo 1:12,13).

(2) Uma purificação - "Mas segundo sua misericórdia, ele nos

salvou mediante o lavar regenerador" (Tt 3:5). Isto sugere a purificação da alma da corrupção da velha vida.

(3) Uma vivificação - Somos salvos, não só mediante o lavar "regenerador", mas também "renovador" do Espírito Santo (Tt 3:5). (Veja também Cl3:10; Rm 12:2; 5151:10.)

(4) Uma criação - "E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas" (2 Co 5:17). (Veja também Ef 2:10; 4:24; Gl6:15.)

(5) Uma ressurreição - Ao descrever o novo nascimento como uma ressurreição, devemos compreender que ele é precedido pela morte. Os crentes foram crucificados com Cristo e também ressuscitados com Ele. Ambas essas verdades se tornam uma realidade espiritual através da identificação com Cristo em sua morte, sepultamento e ressurreição. Paulo está dizendo:

"Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos? Ou, porventura, ignorais que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida. Porque se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente o seremos também na semelhança da sua ressurreição; sabendo isto, que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos; porquanto quem morreu, justificado está do pecado" (Rm 6:2-7).

Isto é simbolizado no mandamento do batismo em água, por imersão. Como resultado desta identificação com Cristo em sua morte, sepultamento e ressurreição, Paulo pôde dizer: "Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados" (Ef 2: 1). Ele acrescenta uma nova dimensão abençoada a esta identificação graciosa com Cristo quando diz: "Estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo ... e juntamente com ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus" (Ef 2:5,6).

2. A necessidade do novo nascimento

"Não te admires de eu te dizer: Importa-vos nascer de novo (do alto)" Jo 3:7). Essas são as palavras de Jesus. Todavia, admiramo-nos e ficamos imaginando. Talvez a principal pergunta que permaneça em nossas mentes seja: "Por que alguém

deve nascer do alto?" Esta é uma pergunta válida e exige uma resposta direta.

a) Porque o reino de Deus não pode ser visto sem

ele. A regeneração não é um simples privilégio, mas uma necessidade absoluta. Jesus disse: "Se alguém não nascer de novo, *não pode* entrar no reino de Deus" (Jo 3:3). Não se trata de Deus não permitir a entrada do homem não regenerado no reino de Deus, mas de uma absoluta impossibilidade. "Ora, o homem natural não aceita as coisas do espírito de Deus, porque *lhes* são loucura; e não pode entendê-las porque elas se discernem espiritualmente" (1 Co 2:14).

b) Por causa da natureza do primeiro nascimento do homem, um segundo nascimento é necessário. Todos nascemos de pais pecadores e somos, portanto, pecadores. Uma das leis indiscutíveis da natureza é que as espécies se reproduzem segundo a sua espécie.

"Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe" (SI 51:5).

"O que é nascido da carne, é carne; e o que é nascido do Espírito, é espírito" (Jo 3:6).

"Ora, as obras da carne são conhecidas e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, ira, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos declaro, como já outrora vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam" (Gl 5:19-21). "Por isso o pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar ... Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vós. E se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele" (Rm 8:7,9).

Carne é carne, e não importa quão culta ou sequer quão religiosa ela possa tornar-se, não passa de carne. O reino de Deus é espiritual e somente seres espirituais podem herdá-lo. Jesus condenou aqueles que o rejeitaram e declarou: "Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe aos desejos" (Jo 8:44). O que se ensina em toda parte hoje é a "paternidade universal de Deus, e a fraternidade do homem". A única maneira pela qual Deus pode ser considerado Pai de toda humanidade é por ser o

seu Criador. Caso contrário, a não ser que o indivíduo nasça de novo na família de Deus, ele não pode reivindicar Deus como Pai. Não é possível *juntar-se* à companhia dos santos. Você precisa *nascer* nela. A carne e o espírito são duas esferas completamente diversas, e não é possível a um pecador por natureza tornar-se filho de Deus. A vida espiritual necessária para que possamos tornar-nos filhos de Deus só é possível mediante o poder do Espírito Santo.

c) Porque o homem não seria feliz no céu sem ele. O

céu é um lugar, mas é também um estado ou condição, e possivelmente ninguém poderia ser feliz na presença do Senhor e na companhia dos remidos a não ser que a sua natureza íntima estivesse em harmonia com Deus. Se fosse possível a alguém entrar no céu sem ter nascido de novo, uma das primeiras coisas que procuraria, depois de ter satisfeito a sua curiosidade sobre a cidade celestial, seria algo que satisfizesse a sua natureza pecaminosa. Se a sua natureza não tiver sido transformada pelo poder de Deus, ele terá os mesmos desejos pecaminosos que possuía antes de chegar ao céu. A morte não operará uma transformação comparável à graça de Deus. Os que não participam agora da atmosfera espiritual da presença do Senhor e da companhia dos santos não irão apreciá-las mais tarde. Essa é a razão porque um verdadeiro teste da vida espiritual do indivíduo é: "Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos" (1 Jo 3:14).

d) Porque o homem sem o novo nascimento está

morto. O homem natural está morto em seus delitos e pecados (Ef 2: 1). Não existe qualquer vida espiritual nele e a única maneira pela qual a vida pode ser recebida é pelo nascimento. Artur W. Pink disse muito bem:

"Vamos compreender que o pecador não é ignorante, necessitado de instrução; ele não é fraco e precisa ser fortalecido; não é doente e necessitado de médico. Está morto e precisa viver. "41 A Bíblia fala que o indivíduo não regenerado está alheio à vida de Deus (Ef 4:18); "Porque o pendor da carne dá para a morte" (Rm 8:6); "Tens nome de que vives, e estás morto" (Ap 3:1); *I/* A que se entrega aos prazeres, mesmo viva, está morta" (1 Tm 5:6). Qual a diferença entre quem é cristão e quem não é? A resposta é dada em uma única palavra - *vida!* Um tem vida espiritual enquanto o outro se acha absolutamente morto.

Assim sendo, quando Jesus disse: "Se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus", Ele não estava estabelecendo um dogma teológico, nem um edito divino, mas simplesmente declarando um fato - "não pode ver o reino de Deus" (quanto mais entrar nele). Trata-se de uma impossibilidade absoluta. Sim, é preciso nascer de novo (Jo 3:3).

3. Como o novo nascimento é recebido

a) Não através do esforço humano. O homem não pode de maneira alguma, seja por qualquer virtude ou esforço próprio, colocar-se na posição de filiação divina. Assim como não há nada que a criança recém-nascida possa fazer para vir ao mundo através do nascimento natural, não há também nada que o não regenerado possa fazer por si mesmo para efetuar seu nascimento espiritual. A vida eterna é um dom de Deus. "Não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou" (Tt 3:5). "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie" (Ef2:8,9). "Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus" (Jo 1:13).

Embora seja certamente verdade que o novo nascimento é um dom de Deus, é importante compreendermos que existem certos meios e agentes envolvidos na experiência.

b) O Espírito Santo é o agente. Essa a razão de ele ser mencionado como "renovação do Espírito Santo" (Tt 3:5, IBB). Jesus, em João 3:5-8, refere-se a sermos "nascidos do Espírito". O Espírito Santo, entrando no coração do crente, concede a vida de Deus, capacitando-o assim a participar da natureza divina.

c) A Palavra de Deus desempenha um papel vital. De fato, o Espírito Santo dá testemunho da Palavra ao realizar o novo nascimento. "Pois, segundo o seu querer, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como que primícias das suas criaturas" (Tg 1:18). "Pois fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a Palavra de Deus, a qual vive e é permanente" (1 Pe 1:23). A primeira criação surgiu mediante a operação da Palavra de Deus e do Espírito: "Disse Deus ... “;” ... e o Espírito de Deus pairava ... " (Gn 1:3,2). Do mesmo modo, a criação de novas criaturas em Cristo Jesus é realizada pela Palavra e pelo Espírito.

d) É um mistério divino. O novo nascimento em si está envolto em mistério. Trata-se de um milagre de Deus e não podemos entender exatamente como ele acontece. Também não podemos compreender o mistério do nascimento natural. Deus lançou um véu impenetrável sobre as origens e os processos da vida. Eu sei que vivo, mas não posso dizer exatamente como passei a viver. Este fato não irá, porém, impedir-me de gozar plenamente a vida. O mesmo acontece com o prodígio da minha vida espiritual.

Jesus disse a Nicodemos, com respeito justamente a esta pergunta: "O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito" Jo 3:8). Nos dias tempestuosos as pessoas testemunham o fato do vento estar soprando, mas ninguém jamais o viu. Tudo o que observamos são os resultados da fúria do vento. Do mesmo modo, ninguém pode observar a regeneração da alma humana, mas podemos facilmente notar os resultados aparentes desta operação divina. Sabemos alguma coisa sobre como produzir esta grande experiência, mas não sabemos nem precisamos saber como ela tem realmente lugar.

4. Como se realiza o novo nascimento

Embora digamos que o homem nada pode fazer para regenerar-se, existe algo que devemos fazer para que a obra de regeneração de Deus opere em nossa vida. As duas experiências abaixo são necessárias:

5. Os resultados do novo nascimento

a) Crer na mensagem do evangelho. O pecador deve crer que a obra de Cristo na cruz é suficiente para a salvação. É preciso que haja uma relação íntima entre as doutrinas da cruz e da regeneração. 1 Pe 1:17-23 nos mostra que na base do "precioso sangue" de Cristo (v.19) é que "fostes regenerados" (nascemos de novo) (v.23).

b) Aceitar Jesus Cristo como salvador. A salvação é uma experiência intensamente pessoal. Ao colocar nossa fé em tudo o que Jesus é e fez por nós, nós o recebemos como nosso salvador. "Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; a saber: aos que crêem no seu nome" (Jo 1:12). "Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus" (Gl 3:26).

c) Ele toma o crente um filho de Deus, dando-lhe então o privilégio de chamar Deus de Pai. "Portanto, vós orareis assim: Pai..." (Mt 6:9). Todos os recursos do Pai celestial estão agora franqueados e à sua disposição. "Ora, se vós que sois maus sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está nos céus dará boas coisas aos que lhe pedirem?" (Mt7:11). Por ser agora filho de Deus, ele imediatamente se torna herdeiro de Deus. "O próprio espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo" (Rm

8:16,17).

d) Ele faz do crente uma nova criatura e participante da natureza divina (2 Co 5:17; 2 Pe 1:4). A sua atitude se transforma então inteiramente. Ele agora ama os irmãos. "Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus; e todo aquele que ama ao que o gerou, também ama ao que dele é nascido" (1 [o 5:1). "Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos" (1 [o 3:14). Ele ama agora a Deus de maneira nova e mais profunda: "Nós o amamos porque ele nos amou primeiro" (1 [o 4:19). Tem, outrossim, um amor profundo pela Palavra de Deus: "Quanto amo a tua lei! É a minha meditação todo dia" (51119:97). "Desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que por ele vos seja dado crescimento para a salvação" (1 Pe 2:2). Terá também um amor inato até pelos seus inimigos. "Eu, porém, vos digo: Amai aos vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai Celeste" (Mt 5:44,45).

e) Ele capacita o crente a uma vida de vitória sobre o pecado e o mundo: " ... e vos renoveis no espírito do vosso entendimento, e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade" (Ef 4:23,24). "5e sabeis que ele é justo, reconheci também que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele" (1 [o 2:29). "Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática do pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus" (1 [o 3:9). O tempo do verbo "não vive na prática" (*hamartian* ou *poiei*) usado aqui toma claro que João está dizendo que o filho de Deus nascido de novo não pratica o pecado. Ele não faz do pecado um hábito em sua vida, porque possui em seu íntimo uma nova natureza.⁴²

Verificação de aprendizagem:

1) O que é o novo nascimento?

2) Novo nascimento: negativo e positivo. Explique.

3) Fundamente a necessidade de um novo nascimento.

4) Como o novo nascimento é recebido?

5) Como se realiza o novo nascimento?

6) Quais são os resultados do novo nascimento?

F. ADOÇÃO

A adoção, como doutrina, é uma fase da nossa salvação raramente enfatizada. Todavia, trata-se de uma grande verdade que todo crente deveria compreender e dela apropriar-se. A palavra "adoção" é usada exclusivamente por Paulo em suas epístolas. Ela ocorre cinco vezes em seus escritos. Uma vez o termo é aplicado a Israel como nação: "São israelitas. Pertence-lhes a *adoção* e também a glória, as alianças, a legislação, o culto e as promessas" (Rm 9:4). Em outra passagem, Paulo a emprega para referir-se à plena culminância de nossa experiência na segunda vinda do Senhor: "Igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a *adoção* de filhos, a redenção do nosso corpo" (Rm 8:23). As outras três referências falam dela como um fato presente na vida do cristão: "Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a *adoção* de filhos" (Gl 4:4,5). " ... nos predestinou para ele, para a *adoção* de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade" (Ef 1 :5). "Porque não recebestes o espírito de escravidão para viverdes outra vez atemorizados, mas recebestes o espírito de *adoção*, baseado no qual clamamos: Aba, Pai" (Rm 8:15).

1. Definição

É importante compreender que a maneira pela qual Paulo usa a palavra não tem virtualmente nada em comum com o uso feito pela sociedade de hoje. Segundo o costume humano, a adoção é um meio pelo qual um estranho pode tornar-se membro de uma família. Mas isto não acontece na família de Deus.

A palavra "adoção" significa, portanto, literalmente, "colocar como filho". O crente, depois de tornar-se filho de Deus através do novo nascimento, é imediatamente

promovido a uma posição de maturidade, sendo estabelecido como filho adulto, mediante este reconhecimento de adoção. Não há, desse modo, um período de infância na esfera da responsabilidade cristã. Deus dirige o mesmo apelo à santidade e ao serviço a todo cristão, sem levar em conta o tempo decorrido desde a sua salvação. Segundo Chafer:

"O que Deus diz ao santo antigo e estabelecido, Ele diz a todo crente - inclusive ao que foi regenerado mais recentemente. Não deve haver mal-entendido com respeito à "criança em Cristo", mencionada em 1 Co 3:1, que é uma criança devido à carnalidade e não à imaturidade dos anos na vida cristã. Na experiência humana, nascimento legítimo e adoção não se combinam na mesma pessoa. Não há possibilidade de um pai adotar seu próprio filho. Na esfera da adoção divina, todo filho nascido de Deus é adotado no momento em que nasce. Ele é colocado diante de Deus como um filho amadurecido, responsável. "

Adotar não significa fazer um filho, mas estabelecer um filho.

A criança é estabelecida como filho, o menor como um adulto. Thiessen resume: "Na regeneração recebemos uma nova vida; na justificação, uma nova situação; e na adoção, uma nova posição."⁴⁴ A adoção tem lugar no momento em que nascemos na família de Deus. Ela é simultânea com a regeneração e a justificação. Nos eternos conselhos de Deus, ela teve lugar quando " ... nos escolheu nele antes da fundação do mundo" (Ef 1:4,5). A plena compreensão e gozo da adoção será na hora da ressurreição de nossos corpos, quando o Senhor voltar para buscar os que lhe pertencem (Rm 8:23). Seremos então libertados das cadeias da mortalidade e teremos um corpo "igual ao corpo da sua glória" (Fp 3:20,21).

2. Resultados da adoção

a) O testemunho do Espírito Santo. "Para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos. E, por que vós sois filhos, enviou Deus aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai" (Gl 4:5,6). O Espírito Santo dá testemunho de nossa qualidade de filhos: "O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus" (Rm 8:16). "Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus" (Rm 8:14).

b) Libertação do medo. "Porque não recebestes o espírito de

escravidão para viverdes outra vez atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção" (Rm 8:15). Não mais seremos escravos da lei. "De maneira que a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados por fé. Mas, tendo vindo a fé, já não permanecemos subordinados ao aio" (Gl 3:24,25). O Espírito Santo, habitando em nosso espírito, torna a consciência da aceitação divina tão real que todo o medo desaparece.

c) Herdeiros e co-herdeiros com Cristo. "Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo: se com ele sofrermos, para que também com ele sejamos glorificados" (Rm 8:17). A criança pode ser herdeira de seus pais, mas até que alcance a maioridade não recebe a herança. Ao tornar-se maior, a herança passa a ser sua.

"Digo, pois, que durante o tempo em que o herdeiro é menor, em nada difere de escravo, posto que é ele senhor de tudo. Mas está sob tutores e curadores até o tempo predeterminado pelo pai. Assim também nós, quando éramos menores, estávamos servilmente sujeitos aos rudimentos do mundo; vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos ... De sorte que já não és escravo, porém filho; e, sendo filho, também herdeiro por Deus" (Gl 4:1-7).

Inúmeros filhos remidos do Senhor não compreendem a sua herança e agem como servos em lugar de filhos. O irmão mais velho queixou-se ao pai: "Há tantos anos que te sirvo e nunca me deste um cabrito sequer para alegrar-me com os meus amigos... Então lhe respondeu o pai: Meu filho, tu sempre estás comigo; tudo o que é meu é teu" (Lc 15:29-31). Vamos começar a gozar de nossa herança em Cristo Jesus desde agora!

Verificação de aprendizagem:

1) Fundamente adoção como doutrina.

2) Defina biblicamente adoção.

3) Quais são os resultados da adoção? Explique.

4) Adotar não significa fazer um filho, mas estabelecer um filho. Explique.

G. SANTIFICAÇÃO

A doutrina da santificação é de grande importância porque está ligada à vida diária do cristão, sendo, portanto, uma consideração muito prática. Vários ensinamentos têm sido feitos sob este título. É bom manter-se perto das instruções explícitas das Escrituras, a fim de não adquirir noções falsas sobre este tema. Precisamos participar dos plenos benefícios ao nosso dispor através desta provisão.

1. Significado da santificação

Na Escritura, a santificação tem um sentido primário e outro secundário. É importante que eles sejam mantidos na ordem apropriada. O primeiro pensamento que vem à mente da maioria das pessoas, com respeito a este assunto, é o da purificação; mas este não é o sentido primário.

a) Sentido primário: dedicação, consagração ou separação para algum uso específico e santo. No Antigo Testamento, muitas coisas eram tidas como sendo santificadas. Por exemplo, uma casa: "Quando alguém dedicar a sua casa para ser santa ao Senhor, o sacerdote a avaliará, seja boa ou seja má; como o sacerdote a avaliar, assim será" (Lv 27:14); um campo: "Se alguém dedicar ao Senhor parte do campo da sua herança, então a tua avaliação será segundo a semente necessária para o semear: um ômer pleno de cevada será avaliado por cinquenta ciclos de prata" (Lv 27:16); os objetos do templo: "Também todos os objetos que o rei Acáz no seu reinado lançou fora, na sua transgressão, já preparamos e santificamos" (2 Cr 29:19). Isto significa que estes objetos foram separados para uso na adoração ao Senhor. Não podiam ser utilizados com qualquer outro propósito. O maior pecado de Belsazar, na noite em que Deus o destruiu, foi ter tornado os utensílios que haviam sido reservados para o culto a

Deus e bebido vinho neles para adorar deuses pagãos (Dn 5:3-7). Os primogênitos de Israel foram separados, santificados ao Senhor. "Consagra-me todo primogênito; todo o que abre a madre de sua mãe entre os filhos de Israel, assim de homens como de animais, é meu" (Êx 13:2). Na santificação de cada uma dessas coisas não há implicação de purificação moral. Elas foram simplesmente separadas para o serviço de Senhor. É importante que todo cristão compreenda que é um utensílio escolhido, separado com um propósito muito especial para a glória de Deus. Neste sentido, ele já é santificado. Jeremias foi santificado antes de nascer. "Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e antes que saíesses da madre, te consagrei e te constituí profeta às nações" (Ir 1:5). Isto não poderia significar que Jeremias foi tomado perfeito, mas sim que ele foi separado, consagrado a serviço de Jeová. É dito que Jesus foi santificado. João 10:36 fala "daquele a quem o Pai santificou e enviou ao mundo". "E a favor deles eu me santifico a mim mesmo ..." (Jo 17:19), disse o Senhor. Jesus já era perfeito, mas estes versículos significam que Ele foi separado especialmente para o propósito de vir ao mundo e prover redenção para a humanidade. O termo popular grego para "igreja" é *ecclesia*, com o sentido de "os chamados para fora". Cada membro da igreja é especialmente separado para dar glória a Deus. O indivíduo *p* santificado em Deus, neste sentido inicial da palavra.

Isto aconteceu com um perito em objetos de arte em bronze que estava examinando uma pilha de trastes velhos na periferia de uma cidade oriental, quando de repente descobriu um vaso velho estragado. Ele estava sujo, manchado e surrado, mas seu olhar de conhecedor reconheceu uma peça rara. O homem entrou no monte de lixo e apanhou o velho vaso, separando-o das outras coisas. Ao fazer isso, ele santificou o vaso. Isto é santificação em sua aplicação inicial. É claro que precisará passar muitas horas limpando o vaso antigo, endireitando os amassados e polindo o velho vaso, até que se tome um objeto belo, enfeitando a sua sala de estar. Este processo é a santificação em sua segunda aplicação.

b) Sentido secundário: limpeza e expurgo da corrupção moral.

Esta é uma experiência progressiva. Ao contrário da justificação, que é um acontecimento único (não existe progresso na justificação), a santificação é tanto uma crise como um processo. Em outras palavras: existe na justificação uma questão posicional, mas não um aspecto progressivo. Podemos dizer que existem três elementos de tempo na santificação - três fases ou aspectos distintos.

2. Três aspectos da santificação

a) O ato inicial da santificação: posicional. No momento em que a pessoa nasce de novo, diz-se que ela é *santificada*. "Tais fostes alguns de

vós; mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados, em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus" (1 Co 6: 11). "Entretanto, devemos sempre dar graças a Deus, por vós, irmãos amados pelo Senhor, por isso que Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do espírito e fé na verdade" (2 Ts 2:13). Esta é a santificação posicional. Nesse momento a santidade de Jesus é atribuída ao crente. Ele talvez não seja ainda santo em sua vida diária, mas a santidade de Jesus lhe é imputada, assim como a justiça de Jesus é imputada ao crente quando este é justificado. Cristo é feito em nós justiça e santificação. "Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou da parte de Deus ... justiça, e santificação" (1 Co 1:30). Parece haver uma diferença entre justiça e santidade. Justiça é uma expressão legal e está ligada à retidão. Ela se aplica ao comportamento, ao que o indivíduo faz, enquanto santidade se associa ao caráter, ao que o homem é. Os crentes são chamados "santos" a partir do momento em que são salvos. "À igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos ... " (1 Co 1:2). A frase na IBB é esta: "chamados santos". O "para ser"⁴⁵ está em itálico, significando que estas palavras não se encontram no texto original, mas foram incluídas pelos tradutores. Os cristãos de Corinto não foram chamados para ser santos, eles *eram* santos. Quem quer que leia a epístola de 1 Coríntios percebe muito bem que esta igreja estava longe de ser perfeita. De fato, seus membros foram acusados de serem carnais e cometerem inúmeros pecados graves. Mas eles ilustram este primeiro aspecto da santificação. Eram posicionalmente santos, tendo-lhes sido atribuída a santidade de Cristo. Todavia, não manifestavam absolutamente a santidade dele em sua vida prática. No v.8 do capítulo I, Paulo fala deles como "irrepreensíveis" e a seguir, através do resto do livro, passa a culpá-los de tudo. Os seguintes são também exemplos de cristãos chamados "santos": Ef 1:1; Cl 1:2; [d 1. A base desta santificação é o sacrifício de Jesus Cristo na cruz, "Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas" (Hb 10:10). "Por isso foi que também Jesus, para santificar o povo, pelo seu próprio sangue, sofreu fora da porta" (Hb 13:12),

b) O processo da santificação: prático. Paulo fala dos cristãos em Tessalônica como tendo sido "santificados": "Entretanto, devemos sempre dar graças a Deus, por vós, irmãos amados pelo Senhor, por isso que Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade" (2 Ts 2:13). Mas ele ora também por sua santificação: "O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo, sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Ts 5:23). Ele reconhece que esses cristãos foram santificados, no sentido da santidade de Cristo ter sido atribuída a eles, mas agora necessitavam de que esta santidade imputada se tornasse progressivamente uma parte prática de sua vida cristã diária.

Uma verdade comparável é enfatizada em Colossenses 3:8-12.

Aqui é dito que os cristãos se despiram "do velho homem com os seus feitos" e se revestiram "do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou" (vv.9 e 10). No entanto, na mesma passagem, eles são advertidos: "Agora, porém, despojai-vos, igualmente, de tudo isto: ira, indignação, maldade, maledicência, linguagem obscena do vosso falar ... Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade" (vv.8 e 12). O que possuíam posicionalmente deveriam buscar experimentalmente.

Assim sendo, a santificação é vista como um processo contínuo, através da vida inteira do cristão. Não se trata de algo negativo. O homem não é considerado santo por causa das coisas que não faz. A virtude não pode ser julgada pelos vícios dos quais o indivíduo se abstém. É preciso haver uma conformação positiva à imagem de Cristo. Isto é considerado como um crescimento gradual na graça, e não para a graça: "Antes, cresci na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2 Pe3:18). "E todos nós com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito" (2 Co 3:18). "Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem do seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos" (Rm 8:29). "Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao dia de Cristo Jesus" (Fp 1:6).

Não há promessa na Bíblia de que o cristão irá, nesta vida, chegar um dia ao ponto em que não peque mais. "Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós" (1 Jo 1:8). Alguns ensinam ser possível ter uma "experiência" de santificação que chamam de "segunda obra da graça". Ela é descrita na seguinte citação:

"O coração é purificado, limpo e tornado santo. Ele é purgado da natureza pecaminosa inata e a partir desse momento a tentação só vem de fora, e não de um coração já santificado. Ninguém chega a tal ponto de aperfeiçoamento que não fique sujeito à tentação. Mas o indivíduo tem uma vitória maior e mais gloriosa, depois de ser santificado, porque não tem mais de lutar com a natureza carnal. Esta foi removida."

Como isso seria maravilhoso se fosse verdade! A natureza carnal, a carne,

jamais se torna santificada. "O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito, é espírito" (Jo 3:6). Deus jamais edifica sobre a velha natureza pecadora e carnal. Ele sempre começa com algo novo. Jesus disse: "Importa-vos nascer de novo." A carne jamais se torna espiritual. Não espere que isso aconteça. A carne do indivíduo mais santo é a mesma carne que se encontra no maior dos pecadores.

Paulo compara os dois filhos de Abraão às duas naturezas do crente: a natureza carnal e a nova natureza espiritual que ele recebe no novo nascimento. "Pois está escrito que Abraão teve dois filhos, um da mulher escrava e outro da livre. Mas o da escrava nasceu segundo a carne, o da livre mediante a promessa" (Gl 4:22,23). "Como, porém, outrora, o que nascera segundo a carne perseguia ao que nasceu segundo o Espírito, assim também agora" (v.29). A carne sempre se opõe ao Espírito. O que devemos fazer? "Lança fora a escrava e a seu filho, porque de modo algum o filho da escrava será herdeiro como o filho da livre" (v.30). Ismael não podia ser corrigido, mas devia ser lançado fora (Gn 21:10). "Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus" (Rm 6:11). A carne não pode ser vencida pela *destruição*: ela sempre existirá enquanto vivermos neste corpo terreno. Não podemos também vencê-la pela *anulação*. Alguns tentaram sinceramente obter vitória pelo poder de sua vontade e pela energia da carne. A vitória só pode ser alcançada através da *identificação* com Cristo. Paulo afirmou: "... Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim" (Gl 2:19,20).

O apóstolo vê a si mesmo identificado com Cristo e sua morte na cruz. Ele diz, por assim dizer, "quando Cristo morreu, eu morri", indicando sua velha natureza carnal. "Estou crucificado com Cristo" (Gl 2:19). Mas não só ele foi identificado com Cristo na sua morte como também na sua ressurreição. Ele pode então dizer "todavia, vivo". Esta é uma nova vida vitoriosa, ressurreta. Paulo se apressa, porém, em explicar dois pontos: "Logo, já não sou quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim" (Gl 2:20). Paulo declara claramente os fatos quando diz: "Ou, porventura, ignorais que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida" (Rm 6:3,4).

A explicação para esta maravilhosa verdade encontra-se em Romanos 6:11: "Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus." Este é o ponto prático. Cada crente deve considerar-se morto para o pecado. Se está morto para o pecado, então pode não pecar mais. Mas como alguém pode considerar-se morto para o pecado? Pode considerar que é assim por ser assim. A advertência do v. 11 se baseia nos fatos registrados nos vv.6 e 7: "Sabendo isto, que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e

não sirvamos o pecado como escravos; porquanto quem morreu, justificado está do pecado" (Rm 6:6). Não existe ensino bíblico no sentido de que alguns cristãos morreram para o pecado e outros não. Todos os crentes morreram para o pecado no sacrifício de Cristo, mas nem todos reclamaram as riquezas concedidas a eles através desta morte. Não lhes é pedido que morram experimentalmente; são instados apenas a "considerar-se" mortos de fato para o pecado. Note o tempo do verbo: "foi crucificado com ele o nosso velho homem". Isto é considerar um fato consumado. Não nos esqueçamos de que a morte é seguida pela ressurreição:

"Porque se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente o seremos também na semelhança da sua ressurreição" (v.5). Que triunfo isto sugere? Agora a advertência final, prática, diária:

"Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões; nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado como instrumentos de iniquidade; mas oferecei-vos a Deus como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros a Deus como instrumentos da justiça" (Rm 6:12,13). Esta é uma santificação progressiva!

É verdade que o Novo Testamento fala da perfeição do filho de Deus: "Tendo, pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne, como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus" (2 Co 7:1). "Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste" (Mt 5:48). Temos, porém, a necessidade de compreender o uso bíblico do termo "perfeito". Ele tem o sentido de maturidade e implica crescimento na espiritualidade, e não perfeição irrepreensível. Foi dito que Noé era "homem justo e íntegro (perfeito) entre os seus contemporâneos" (Gn 6:9). Mas sua embriaguez e vergonha mostram que ele não era absolutamente irrepreensível (Gn 9:20-27). Nem era Ió totalmente perfeito, embora fosse descrito como "homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desviava do mal" (Jó 1:1). Ele confessou mais tarde: "Por isso me abomino, e me arrependo no pó e na cinza" (Jó 42:6). A maturidade depende do crescimento constante. A maçã verde pode ser reconhecida como sendo perfeita para esse estágio do seu desenvolvimento, mas não está madura. O mesmo acontece com o fruto do Espírito (Gl 5:22,23); ele pode ser considerado perfeito na vida do novo cristão, embora não tenha chegado ainda à plena maturidade. "Até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo" (Ef 4:13).

A passagem em 1 João 3:9 provocou inúmeros mal-entendidos:

"Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, pois é nascido de Deus." A questão é esclarecida quando notamos que os verbos aqui estão todos no tempo presente e o que João está dizendo é que aquele que é nascido de Deus não pratica o pecado. Esse não é o hábito de sua vida. Pecar é a prática comum do pecador, mas não a do cristão.

c) A santificação completa e final. A perfeição sem pecado e a santificação completa aguardam a vinda do Senhor Jesus. Nessa ocasião seremos libertados "do corpo desta carne". "Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo de sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as cousas" (Fp 3:20,21). "A fim de que sejam os vossos corações confirmados em santidade, isentos de culpa, na presença de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus, com todos os seus santos" (1 Ts 3:13). Fomos salvos do castigo do pecado; estamos sendo salvos do poder do pecado; seremos ainda salvos da presença do pecado. "Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque havemos de vê-lo como ele é" (1 Jo 3:2). Nesse ínterim, somos encorajados a crescer "na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2 Pe 3:18). Contemplando a glória do Senhor como em um espelho, somos "transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito" (2 Co 3:18).

3. Os meios de santificação

Como em tantas fases da experiência cristã, existe um lado divino e outro humano com respeito aos meios da santificação.

a) O lado divino - o Deus Trino.

(1) O Pai. Jesus orou ao Pai pelos seus discípulos:

"Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade" (Jo 17:17). Paulo orou ao Pai: "O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo, sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é o que vos chama, o qual também o fará" (1 Ts 5:23,24). O Pai imputa a

santidade de Jesus aos crentes: "Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou da parte de Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção" (1 Co 1:30). A perfeição do crente é com toda certeza uma obra importante do Pai. "Ora, o Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos a Jesus nosso Senhor, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança, vos aperfeiçoe em todo bem, para cumprirdes a sua vontade, operando em vós o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo sempre. Amém" (Hb 13:20,21). Algumas vezes o Pai acha necessário usar medidas disciplinares a fim de promover a santificação do cristão:

"Além disso, tínhamos os nossos pais segundo a carne, que nos corrigiam, e os respeitávamos; não havemos de estar em muito maior submissão ao Pai dos espíritos, e então viveremos? Pois eles nos corrigiam por pouco tempo, segundo melhor lhes parecia; Deus, porém, nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade" (Hb 12:9,10).

(2) O Filho, o Senhor Jesus Cristo, ao verter seu precioso sangue. "Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas" (Hb 10:10). "Por isso foi também que Jesus, para santificar o povo, pelo seu próprio sangue, sofreu fora da porta" (Hb 13:12). "Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito" (Ef 5:25-27).

(3) O Espírito Santo: "... santificada pelo Espírito Santo" (Rm 15:16). "Eleitos, segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito" (1 Pe 1:2). O poder interior e a unção do Espírito Santo são talvez os maiores agentes para nos dar a vitória sobre a carne. "Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se pelo espírito mortificardes os feitos do corpo, certamente vivereis" (Rm 8:13). "Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito contra a carne" (Gl 5:17). As obras da carne são enumeradas em Gálatas 5:19- 21: "... prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glotonarias, e coisas semelhantes a estas ..." Mas nos versículos 22 e 23 as características do fruto do Espírito são descritas: "... amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio." Que surpreendente contraste! Como é importante que cada cristão aprenda a habitar em Cristo, a videira, a fim de que possa produzir este fruto sobre o ramo de sua vida! (Jo

15:4,5).

Que santificador maravilhoso é o Espírito Santo! Quantos descobriram que ao receberem a plenitude do Espírito as coisas do mundo e da carne simplesmente se afastaram! Acontece o que é chamado de "poder expulsivo de um novo afeto". Quando o Espírito enche o coração, há pouco prazer naquilo que desagrada ao Senhor. " Andai no Espírito, e jamais satisfareis à concupiscência da carne" (Gl 5:16).

b) O lado humano - É absolutamente verdade que Deus é aquele que santifica o crente. Ninguém pode fazer isto por si mesmo. Paulo nos diz: " ... porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (Fp 2:13). Mas, ao mesmo tempo, nos é dito em várias passagens das Escrituras que o cristão deve santificar-se. "Portanto, santificai-vos e sede santos, pois eu sou o Senhor vosso Deus" (Lv 20:7). "Porquanto não a puderam celebrar no devido tempo, porque não se tinham santificado sacerdotes em número suficiente" (2 Cr 30:3). Ezequias descobrira, na lei, que Israel deveria observar a páscoa, no primeiro mês de cada ano. Eles não estavam obedecendo a esta instrução, e o rei ordenou então que a festa fosse observada. Mas os sacerdotes não se haviam santificado suficientemente em tempo para a realização no primeiro mês. O rei deu-lhes, portanto, mais trinta dias para santificar-se. "Disse Josué ao povo: Santificai-vos, porque amanhã o Senhor fará maravilhas no meio de vós" Os 3:5). "Tendo, pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne, como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus" (2 Co 7:1). "Ora, numa grande casa não há somente utensílios de ouro e de prata; há também de madeira e de barro. Alguns, para honra; outros, porém, para desonra. Assim, pois, se alguém a si mesmo se purificar destes erros, será utensílio para honra, santificação e útil ao seu Possuidor, estando preparado para toda **boa obra**" (2 Tm 2:20,21).

O que pode o homem fazer para santificar-se, limpar-se e publicar-se? Ao empregar os meios que Deus colocou à Sua disposição, ele pode aproveitar-se do ministério purificador e santificador de Deus **em seu benefício. Quais são estes meios de que ele pode dispor?**

(1) A fé - " ... a fim de que recebam eles remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim" (AI 26,18). "E não estabeleceu distinção alguma entre nós e eles, purificando-lhes pela fé os corações" (AI 15,9). É pela fé que o crente se apropria do **sangue santificador de Cristo, referido acima.**

(2) Obediência à palavra - A Palavra de Deus é tida como sendo

um grande meio de santificação, "vós já estais limpos, pela palavra que vos tenho falado" (Jo 17:17). "Para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra" (Ef 5,26). "Se porém, andarmos na luz, como ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado" (1 Jo 1,7). Andar na luz é andar de acordo com a Palavra de Deus. "Lâmpada para os meus pés é a tua palavra, e luz para os meus caminhos" (51119,105). A única maneira pela qual a Palavra de Deus Pode ser um agente purificador "Mossas vidas é através da obediência. **Isto somos nós que provemos.**

(3) Rendição ao Espírito Santo - O Espírito Santo jamais faz coação sobre quem quer que seja. É necessário que haja uma entrega e uma rendição de nossos membros à sua unção. Quão graciosamente Ele toma a Palavra e toma a sua mensagem clara, dando ao crente o desejo e o poder de obedece-la! "Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmos, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as cousas que hão de vir" (Jo 16:13).

(4) Compromisso pessoal - Na experiência inicial da santificação, que tem lugar na conversão, Deus separa o crente como um vaso escolhido para seu uso e glória. Mas chega uma hora na vida de todo seguidor sincero do Senhor Jesus Cristo em que ele, mediante um ato de profundo compromisso pessoal, se separa para qualquer serviço que Deus queira que faça. Nessa ocasião, ele se afasta das coisas do mundo e da carne, e se dedica à vontade perfeita de Deus para a vida. O indivíduo reconheceu e recebeu Jesus Cristo como seu Salvador, mas agora ele o coroa como Rei e Senhor da sua vida. Este é um ato real de santificação. Paulo refere-se a isto quando insiste: "Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus que apresenteis os vossos corpos por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus" (Rm 12:1,2).

A rendição da vida em definitivo a Deus constitui a suprema condição para a santificação prática. Isto envolve a entrega de todos os nossos membros à vontade dele. "Nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado como instrumentos de iniquidade; mas oferecei-vos a Deus como ressurrectos dentre os mortos, e os vossos membros a Deus como instrumentos de justiça" (Rm 6:13). "Falo como homem, por causa da fraqueza da vossa carne. Assim como oferecestes os vossos membros para a escravidão da impureza, e da maldade para a maldade, assim oferecei agora os vossos membros para servirem a justiça para a santificação" (Rm 6:19). "Assim, pois, se alguém a si mesmo se purificar destes erros, será utensílio para honra, santificado e útil ao seu possuidor, estando preparado para toda boa obra" (2 Tm 2:21). Quantas vezes oramos: "Senhor, purificai-me." Talvez, se prestássemos atenção, nós o ouviríamos

dizer: "Purifique-se a si mesmo!" Há muito que podemos fazer para manter nossos pés longe dos caminhos que nos levariam ao pecado, e nossos olhos distantes daquilo que traria tentação. Podemos ler e estudar a Palavra de Deus, orar e buscar sua face, mantendo-nos na companhia dos irmãos na fé. Se fizermos todo o possível neste sentido para santificar-nos, é certo que Deus fará mais que a sua parte. "Já que Deus deve tomar o homem santo, se ele tiver de ser santo um dia, este deverá render-se a Deus para que Ele possa realizar esta obra".

Verificação de aprendizagem:

1) Porque a doutrina da santificação é importante?

2) Quais são os significados da santificação?

3) Explique os três aspectos da santificação.

4) Quais são os meios de santificação?

5) O que pode fazer o homem para santificar-se?

H. CERTEZA

A maior necessidade na vida é crer no Senhor Jesus Cristo e encontrar a vida eterna: "E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos" (At 4:12). "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14:6). É igualmente importante que, quando o indivíduo passa a crer, ele tenha uma segurança real e permanente de ter recebido a vida eterna. Muitos estão cheios de dúvidas quanto à sua posição diante de Deus. Acham que estão salvos, mas lhes falta uma certeza positiva. Outros têm medo de ser positivos demais quanto ao assunto, temendo talvez abusar da graça de Deus. Como resultado, sua vida cristã é apologética e carece da realidade da verdadeira comunhão com Deus através de Jesus Cristo.

Deus quer certamente que saibamos que somos salvos. Cremos que uma das principais razões para o plano eterno da salvação de Deus é o restabelecimento da comunhão entre Ele e o homem. O fundamento da comunhão é a certeza. A primeira é absolutamente impossível sem a última. Como você pode ter comunhão com alguém se não tiver confiança ou não compreender sua relação com ele? É imperativo que saibamos que somos salvos. Tudo o mais na vida cristã depende desta segurança.

Se a salvação deve ser obtida nesta vida, como temos a certeza pelo que as Escrituras ensinam, e é impossível recebê-la depois de ter morrido como incrédulo, então deve haver certamente algum meio pelo qual a alma interessada possa saber quando tiver encontrado esse bem precioso. Se a certeza não for possível, então a vida eterna não passa de uma eventualidade.

1. Razões para a falta de segurança

a) Busca através da observância da lei, através de suas próprias obras. A Bíblia diz: "Todas as nossas justiças (são) como

trapo da imundície" (Is 64:6). Se esta é uma descrição da nossa justiça, o que o Senhor deve pensar de nossos pecados? E " ... todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Rm 3:23). A salvação é obtida somente pela graça. "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie" (Ef 2:8,9).

"Ora, sabemos que tudo o que a lei diz aos que vivem na lei o diz, para que se cale toda boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus, visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei" (Rm 3:19,20). Seja na experiência inicial ou na esfera da segurança, devemos sempre desviar os olhos do "eu" e fixá-los em Cristo, no que Ele realizou para nós no Calvário. O evangelho não é uma questão do que fazemos, mas do que Cristo fez.

b) Não nasceram de novo. Eles substituíram uma experiência vital com Deus por uma cerimônia religiosa. Muitos se uniram à igreja sem ter experimentado o milagre da graça em seus corações, através do Espírito Santo. Jesus disse: "Importa-vos nascer de novo", e nenhuma ordenança externa da cerimônia religiosa será suficiente.

Outros perceberam a loucura de seu comportamento pecaminoso e decidiram ter um estilo de vida diferente. Eles se aperfeiçoaram muito moralmente, mas este não é o novo nascimento que leva a uma certeza positiva e duradoura de nossa posição espiritual.

c) Não enfrentaram a questão do pecado em suas vidas e não trataram dela. Um grande número de pessoas procura a salvação apenas como um alívio para a tristeza, o desapontamento ou a frustração. O que precisa ser tratado, no entanto, é a culpa da alma que transgrediu as leis de Deus. O homem precisa reconciliar-se com Deus, e Jesus veio para realizar essa reconciliação.

João Batista, apresentando Jesus ao mundo no início do seu ministério público, disse: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!" (Jo 1:29). Até que saiba que seus pecados foram perdoados, depois de ter aceito Jesus Cristo como seu Salvador pessoal, a pessoa não pode ter uma verdadeira certeza da vida eterna.

d) Falta de fé no que Deus diz e na sua Palavra. Alguns ficam com medo de confiar na promessa de

Deus. Eles olham para dentro de si mesmos a fim de descobrir se sentem que estão salvos, em vez de ler a Palavra de Deus e sua declaração positiva nesse sentido. Examinam sua conduta para assegurar-se de que estão vivendo o que julgam ser uma vida cristã. Se o seu comportamento for correto, sentem-se seguros, mas, se encontram fraquezas e falhas, sua certeza se vai. Se Deus ficou satisfeito e decidiu receber-nos, devemos alegrar-nos em crer que fomos recebidos e descansar na sua Palavra.

e) Pensar que é impossível ter uma absoluta segurança da salvação nesta vida. Alguns nos dizem que não poderemos saber até o dia do juízo. Graças a Deus, esta espera não é necessária. O julgamento do pecado já passou quando aceitamos Jesus como Salvador. "Em verdade, em verdade vos digo: Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, não entra em juízo, mas já passou da morte para a vida" Jo 5:24).

2. Meios positivos de certeza

a) Pelo testemunho do Espírito. Quando o pecador nasce de novo, entra em seu coração um testemunho de que algo definitivo aconteceu entre ele e Deus. O fato de esse testemunho interior ser uma experiência verdadeira e bíblica é apoiado fartamente pelas seguintes passagens: "Aquele que crê no Filho de Deus tem em si o testemunho" (1 Jo 5:10). "O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus" (Rm 8:16). "E nisto conhecemos que ele permanece em nós, pelo Espírito que nos deu" (1 Jo 3:24). "E, porque vós sois filhos, enviou Deus aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai" (Gl 4:6).

O que é este "testemunho do Espírito"? Como ele se manifesta?

Como é sentido? Não é fácil colocar em palavras exatas como este testemunho se manifesta, pois trata-se de um testemunho no espírito e não na carne. Não é uma questão de sentimentos, mas o testemunho de uma nova relação. Em Romanos 8:15, lemos: "Porque não recebestes o espírito de escravidão para viverdes outra vez atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai." O testemunho dado a nós é que estamos na família de Deus. Somos filhos de Deus. Um novo relacionamento foi estabelecido e não há necessidade de enganar-nos a respeito. É possível imaginar um filho tomando outra mulher por sua mãe? Embora não a tenha visto há anos, e ela possa ter mudado com a passagem do tempo, existe algo dentro dele que reage e ele seria

capaz de distingui-la entre centenas de outras. Existe um parentesco, um testemunho que jamais falha. Do mesmo modo, o Espírito Santo testemunha dentro de nosso ser quando a nova relação com Deus torna-se uma realidade em nossa vida.

Note que não é a nossa relação com Deus, mas - muito melhor - a relação dele conosco que o Espírito testemunha. A verdade bendita testemunhada aos nossos corações é que Deus, o poderoso Senhor da glória, é nosso Pai.

b) Pelo testemunho da Palavra de Deus. Em João 3:36 lemos: "Por isso quem crê no Filho tem a vida eterna." Esta é a declaração simples da verdade de Deus. Se você crê no Filho, tem a vida eterna. O Pai o diz. Afinal de contas, a salvação é de Deus e vem de Deus, e se Ele diz que estou salvo, isso deve bastar. Sua santidade é que foi ultrajada pelo meu pecado e, quando Ele fica satisfeito, eu também fico.

Note Romanos 10:9,10: "Se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para justiça, e com a boca se confessa a respeito da salvação." Existem duas exigências aqui. É preciso haver uma confissão externa da fé que habita no coração. Note também que a fé não está na cabeça, mas no coração. Isso implica entrega àquele em quem cremos.

Outro versículo que dá fé positiva ao crente é João 5:24: "Em verdade, em verdade vos digo: Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida." Existem condições a serem cumpridas aqui; e, quando elas são cumpridas, a promessa é certa. Observe especialmente o tempo presente: "tem a vida eterna", "passou (tem passado) da morte para a vida". Aqui se trata de algo experimentado e assegurado agora; não é uma bênção futura, mas nossa desde já.

Talvez o versículo mais exato de todos seja 1 João 5:13: "Estas cousas vos escrevi a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus."

c) Por sentir amor pelos irmãos. Se alguém ama os filhos do Senhor, essa é uma verdadeira prova de que Deus operou uma obra de graça em seu coração.

"Porque a mensagem que ouvistes desde o princípio é esta, que nos amemos uns aos outros; não segundo

Caim, que era maligno e assassinou a seu irmão; e por que o assassinou? Porque as suas obras eram más, e as de seu irmão, justas. Irmãos, não vos maravilheis, se o mundo vos odeia. Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos; aquele que não ama permanece na morte" (1 Jo 3:11-14).

Existe um princípio fundamental apoiando esta indicação da salvação. Ele é destacado na referência feita a Caim e sua atitude para com seu justo irmão Abel, nesses versículos. Por que Caim odiava, ou não amava, seu irmão? É-nos dito que isso aconteceu porque "as suas obras eram más, e as de seu irmão, justas". Em outras palavras, se as obras de Caim tivessem sido justas, ele teria amado seu irmão Abel; mas por serem más, a própria presença de Abel o condenava e o tornava infeliz e, como é natural, o ódio contra o irmão tomou conta dele. O indivíduo só pode amar os filhos do Senhor quando sua própria vida foi transformada através de Jesus Cristo; caso contrário, a vida e a experiência do cristão tornam-se uma fonte de condenação para a sua alma e ele não goza da companhia, nem gosta da comunhão com aqueles que se purificaram mediante o Calvário.

Este pensamento transparece claramente nas palavras de Jesus:

"O julgamento é este: Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más. Pois todo aquele que pratica o mal, aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem argüidas as suas obras. Quem pratica a verdade aproxima-se da luz a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque feitas em Deus" (Jo 3:19-21).

Novamente, então, o amor é uma coisa positiva, sendo obtido apenas daquele que é a fonte do amor. Se temos esse amor, isso prova que estamos em comunhão com Ele. "Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus, e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor" (1 Jo 4:7,8).

d) Pelo desejo de obedecer aos mandamentos de Deus. "Ora, sabemos que o temos conhecido, por isto: se guardarmos os seus

mandamentos. Aquele que diz: Eu o conheço, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade. Aquele, entretanto, que guarda a Sua palavra, nele verdadeiramente tem sido aperfeiçoado o amor de Deus. Nisto sabemos que estamos nele" (1 Jo 2:3-5).

Note as declarações definidas no texto: "Ora, sabemos que o temos conhecido por isto ... Nisto sabemos que estamos nele." Esta é a exata certeza que desejamos. Se guardarmos os "seus mandamentos", se guardarmos a "sua palavra", saberemos que o conhecemos: o amor de Deus será aperfeiçoado em nós.

Por que a obediência deve ser um teste de relacionamento? Não é possível obedecer a Deus em uma transformação espiritual de nossa vida - sem ser salvo? Que princípio fundamental está em jogo? Sem a graça transformadora de Deus, é impossível ao homem obedecer adequadamente aos mandamentos do Senhor. Não se trata de ser improvável que o homem não regenerado cumpra a vontade de Deus; é absolutamente impossível. Paulo nos diz em Romanos 8:7: "Por isso o pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar." O fato é que o homem carnal não pode de maneira alguma guardar a lei de Deus. Isso é absolutamente impossível para ele.

Existem várias razões para isso. Em primeiro lugar, o homem não tem por si mesmo o poder de guardar os mandamentos do Senhor. Os israelitas da antigüidade, ao receberem a lei, disseram com toda boa fé: "Tudo o que falou o Senhor, faremos" (Êx 24:3). Todavia, eles superestimaram sua capacidade, pois mal se passaram 40 dias e eles já haviam quebrado o mais importante desses mandamentos e estavam adorando uma imagem de ouro feita com suas próprias jóias. O homem não pode fazer a vontade de Deus por si mesmo. Se a alma perdida decidisse obedecer aos mandamentos de Deus, logo teria de enfrentar as palavras de 1 João 3:23: "Ora, o seu mandamento é este, que creiamos em o nome de seu Filho Jesus Cristo ... " Caso se recusasse a isso, não estaria obedecendo às ordens de Deus. Trata-se então de um caso de render-se em fé salvadora a Jesus ou admitir que não é possível submeter-se à vontade de Deus.

Outra razão para o homem carnal não poder cumprir a vontade de Deus é que os mandamentos do Senhor são espirituais. Existem princípios espirituais por trás de tudo que Deus nos pede para fazer, e o homem natural é absolutamente cego quanto a eles. "Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las porque elas se discernem espiritualmente" (1 Co 2:14). Ele deixa então de apreciar a vontade de Deus e não pode, desse modo, obedecê-la.

Avançando um pouco mais, lemos em João 14:23: "Se alguém me ama, guardará a minha palavra." A manifestação do amor será a obediência. O inverso é igualmente verdade, a base da obediência é o amor. "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama" (Jo 14:21). Assim sendo, quando o cristão se comprazem fazer a vontade de Deus, existe uma evidência positiva de que ele ama o Senhor. Como diz o texto no início desta seção: "Nele verdadeiramente tem sido aperfeiçoado o amor de Deus" (1 Jo 2:5).

Essa pessoa descobre que "os seus mandamentos não são penosos", e pode dizer: "Agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus." Concluimos, então, que " ... aquele que guarda os seus mandamentos permanece em Deus, e Deus nele" (1 Jo 3:24).

e) A transformação da vida e dos desejos. "E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas" (2 Co 5:17). É difícil explicar como o processo se realiza, mas sabemos quando acontece. "O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito" (Jo 3:8).

A pessoa sabe que o vento está soprando, não porque o tenha visto, mas por ver o resultado do vento. O mesmo acontece com o Espírito na regeneração. Não podemos vê-lo realizar sua obra prodigiosa de regeneração, mas podemos ver o seu resultado; e sabemos que a salvação veio pela transformação gloriosa da vida e dos desejos. Quais são algumas dessas indicações que mostram que a salvação chegou?

(1) Arrependimento - um afastamento real do pecado. O arrependimento é tanto uma obra do Espírito de Deus no coração humano como o influxo final da graça salvadora que transforma a vida do pecador. Nem toda a fé existente no mundo irá proporcionar segurança sem um afastamento real do pecado; e o homem precisa da ajuda de Deus para isso.

Se alguém estiver disposto a afastar-se do pecado e a arrepender-se verdadeiramente, poderá conhecer a realidade e a segurança eterna da salvação de Deus. "Se sabeis que ele é justo, reconheci também que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele" (1 Jo 2:29).

(2) Paz - a alma remida pode esperar uma paz profunda estabelecida em sua alma. "Justificados, pois, mediante a fé, tenhamos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo ... "

(Rm 5:1). O homem foi feito para Deus. Foi colocada em seu ser uma faculdade espiritual capaz de comunhão com Deus. Desde que o pecado faz separação e o homem fica afastado de Deus, ele não pode esperar uma paz real e duradoura em sua alma. "Mas os perversos são como o mar agitado, que não se pode aquietar, cujas águas lançam de si lama e lodo. Para os perversos, diz o meu Deus, não há paz" (Is 57:20,21). Que paz inexplicável surge no momento em que o peso do pecado se afasta " ... uma paz que excede todo o entendimento" (Fp 4:7). A inimizade de nosso coração rebelde desaparece, e nos achamos reconciliados com Deus através do Senhor Jesus Cristo. (Veja Rm 5:1,11,21; 6:11,23.)

(3) Poder - um novo poder para resistir e vencer o pecado.

Quando a culpa e a condenação do pecado se vão, a sujeição aos hábitos do pecado também desaparece, e no seu lugar se instala um novo poder e alegria na justiça. Pela primeira vez, a alma compreende que está livre. O pecador supõe que é livre por poder fazer o que deseja; mas o fato é que ele age desse modo por não conseguir resistir à tentação. Ele está preso e deve submeter-se. O cristão, por outro lado, é livre. Ele tem liberdade de dizer "Não!" para aquilo que não é proveitoso, e é livre para escolher o que sabe que é reto e agradável a Deus.

(4) Removido o medo da morte - o medo da morte será completamente removido, e uma expectativa de ver o Salvador glorioso ocupará o seu lugar. A questão do pecado foi resolvida. O juízo e a condenação passaram, e ficar ausente do corpo é agora "estar presente com o Senhor". A terra torna-se a sala de espera do céu, e a vida eterna começou.

"Sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos da parte de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos céus. E, por isso, neste tabernáculo gememos, aspirando por ser revestidos da nossa habitação celestial; se, todavia, formos encontrados vestidos e não nus. Pois, na verdade, os que estamos neste tabernáculo gememos angustiados, não por quisermos ser despidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida" (2 Co 5:1-4).

3. O que esta segurança significa para o cristão?

a) Estabilizará toda a sua experiência cristã. Sempre que existe

dúvida e incerteza surge a instabilidade. Até que compreendamos que nossa experiência está baseada naquilo que é certo e imutável, seremos como o homem da parábola que construiu sobre a areia movediça. A exultação emocional e a evidência egocêntrica não constituem um bom fundamento para a vida eterna, mas, uma vez que obtenhamos a segurança da salvação baseados na Palavra de Deus e na sua obra eterna, isso se torna como uma rocha sob as colunas da alma e podemos construir bem e eternamente.

Um conhecimento positivo e a certeza da salvação estabilizarão o cristão ao ser tentado. Quando outros poderiam olhar para trás e voltar, ele será mantido pelo poder divino. Sem uma certeza estabelecida, a bênção da vida cristã vacilará diante de cada circunstância temporária, mas o conhecimento seguro de uma comunhão eterna com Deus servirá de âncora segura e firme para tudo. Note as palavras de Hebreus 6:17- 20:

"Por isso Deus, quando quis mostrar mais firmemente aos herdeiros da promessa a imutabilidade do seu propósito, se interpôs com juramento, para que, mediante duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, forte alento tenhamos nós que já corremos para o refúgio, a fim de lançar mão da esperança proposta; a qual temos por âncora da alma, segura e firme, e que penetra além do véu, aonde Jesus, como precursor, entrou por nós, tendo-se tornado sumo sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque."

b) Irá capacitá-lo a gozar de uma vida de oração positiva, dando-lhe a fé que se apropriará das promessas de Deus.

A oração que consegue as coisas no reino é baseada na comunhão com Deus. Jesus disse: "Quando orardes, dizei: Pai", colocando-nos então num lugar seguro na família de Deus, através da sua graça.

c) Concederá poder sobre Satanás. O sucesso em um conflito depende muito do terreno em que é combatido. Se o diabo puder levar o cristão a abandonar a "fortaleza" do nome de Jesus e a lutar com suas próprias forças, esse arquiinimigo da justiça com certeza vencerá; pois, se puder causar pelo menos uma dúvida em meio à refrega, ele sabe que tem o controle da situação. Mas, se esse mesmo cristão insistir que sua vida está "oculta com Cristo em Deus" e recusar-se firmemente a enfrentar o tentador em separado de sua relação com o Poderoso Conquistador, o diabo será um inimigo derrotado. Há uma batalha de fé em que o cristão deve reivindicar ousadamente sua posição em Cristo e recusar-se a recuar quando o inimigo ataca. Para isto, ele deve

estar certo de sua relação com Deus.

d) Dará poder ao seu testemunho e à sua influência sobre outros. Já existem incertezas suficientes no mundo de hoje. A religião já ofereceu demasiadas filosofias vãs e inúteis. Os homens estão procurando algo positivo e real. Eles querem um Cristo que satisfaça às suas necessidades, que possa revelar-se e tornar conhecida a sua presença na vida deles, um Cristo que possa salvar e fazer com que o indivíduo saiba que foi remido.

A igreja de hoje precisa da ação conjunta de homens e mulheres dedicados a Deus, que conhecem a sua posição, que não temem avançar para Deus. Quem sabe quantos, num mundo de pecado, estão apenas esperando por esse chamado sincero e urgente, por parte daqueles que sabem que a salvação é real, para fazê-los abandonar as fileiras do pecado e entregar-se a Jesus Cristo?

O primeiro fato essencial e insubstituível que deve soar em cada coração com segurança indiscutível é este - você deve saber que nasceu de novo. Tudo o mais brota deste conhecimento glorioso. Eis o início da eternidade: "Porque sei em quem tenho crido, e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia" (I Tm 1:12).

Verificação de aprendizagem:

1) Qual a maior necessidade na vida de um Cristão?

2) Cite razões pela falta de segurança do Cristão. Fundamente e explique biblicamente.

3) Quais são os meios positivos de certeza do Cristão? Fundamente e explique biblicamente.

4) Cite indicações que mostram que a salvação chegou?

5) O que esta segurança significa para o Cristão?

I. A SEGURANÇA DO CRENTE

1. O problema

Um fato lamentável em nosso país hoje em dia é a multidão de homens e mulheres que nos rodeiam, os quais antes serviram o Senhor na igreja, confessaram uma experiência vital de salvação, deram evidência de ter recebido o batismo com o Espírito Santo _ muitos tendo até pregado a Palavra de Deus - e que hoje não mais aparecem nos cultos, nem sequer simulam servir ao Deus que anteriormente afirmavam amar de todo o coração.

Quanto mais se observa esse estado de coisas, tanto mais nos convencemos de que devemos estar na época que o apóstolo Paulo mencionou ao escrever: "Isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia, e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição" (2 Ts 2:3). Isto não é dirigido ao que gostamos de nos referir como as "denominações tradicionais".

Esta idéia pode ser talvez posta de lado, dizendo que essas pessoas jamais foram salvas, afinal de contas; ou acreditando que algum dia, mesmo no último momento da vida, elas irão se arrepender e voltar ao Senhor. Não duvidamos de que essas afirmações se apliquem a muitos. Mas não podemos alegremente descartar todo o problema de maneira tão simples. Um grande pregador, que acreditava firmemente na segurança eterna incondicional, admitiu este vasto grupo de ex-testemunhas de Cristo e inventou um purgatório virtual onde elas poderiam ser punidas e purificadas de seus desvios antes de serem admitidas à recompensa eterna dos santos.

2. A segurança do crente

Note cuidadosamente que este assunto não está sendo discutido sob o título “A insegurança do crente”, mas sim “A segurança do crente”. Acima de tudo, em nossa vida cristã, devemos ter uma certeza positiva de nossa salvação. É certamente da vontade de Deus que todos os homens sejam salvos e saibam disso. Toda experiência espiritual, todo conflito com o inimigo, toda oração pronunciada, toda promessa suplicada baseiam-se numa certeza de nossa posição em Cristo. Toda vez que um cristão se empenha em fazer algo para Deus, deve apoiar-se no fundamento firme da segurança positiva de que é um filho de Deus. Ele pode ter esta segurança agora! “Porque o nosso evangelho não chegou até vós tão-somente em palavra, mas sobretudo em poder, no Espírito Santo e em plena convicção ... ” (1 Ts 1:5).

3. Dois aspectos da questão

Este tema constitui um campo de batalha antigo. A controvérsia vem sendo travada há anos e houve alguns que chegaram aos extremos em ambos os lados desta questão. Amigos se separaram. Igrejas se dividiram. Denominações se iniciaram. Escolas inteiras de teologia foram formuladas. Somente existe um meio de resolver o problema pela Palavra de Deus. A única coisa errada com essa afirmação é que ambos os lados dizem exatamente a mesma coisa. O calvinista apresenta uma longa lista de textos de prova, cada um deles afirmando que a salvação é uma obra eterna e, uma vez operada no coração do indivíduo, jamais pode ser desfeita. Mas o arminiano aparece com uma lista igualmente longa de passagens que provam justamente o oposto. “Ó, mas”, diz o securitista, “você interpreta as passagens erroneamente”; e o não securitista diz: “Você também”.

O fato de esta diferença ter continuado por tantas centenas de anos, e de que tantos indivíduos excelentes se achem de cada lado da questão, prova que deve haver passagens e um bom raciocínio para ambas as posições. Não há um modo fácil e simples de provar que um lado está certo e o outro errado - caso fosse possível, isso teria sido feito há muito tempo. A Bíblia deve ser a resposta. Mas a Bíblia deve ser interpretada pela Bíblia. A conclusão a ser alcançada é que existe verdade em ambas as posições, mas levar qualquer delas ao extremo é destruir o senso de segurança e certeza do crente, ou consolar o apóstata em sua apostasia. Existem dois lados em cada questão teológica. Isto porque toda doutrina está ligada a Deus e ao homem.

A salvação - e toda bênção espiritual - vem de Deus. Mas ela tem a ver com o homem, e em vista de Deus tê-lo feito um agente moral livre, ele tem uma parte a desempenhar em cada transação espiritual. Se Deus tivesse feito dele um mero autômato, sem vontade ou mente própria, isto não aconteceria. Mas acontece. Assim, em cada

problema teológico há o lado de Deus e o do homem. Este simples fato nos ajuda a compreender porque é possível citar duas listas de Escrituras. Elas parecem contradizer uma a outra, mas na realidade não o fazem. Uma delas se refere ao que Deus promete fazer; a outra, ao que o homem deve fazer. Elas na verdade não se contradizem, mas se completam.

4. O equilíbrio da Escritura

Note essas promessas benditas do poder protetor de Deus: "Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, eternamente, e ninguém as arrebatará da minha mão. Aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo; e da mão do Pai ninguém pode arrebatar. Eu e o Pai somos um" (Jo 10:28-30). "Porque eu estou bem certo de que nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem coisas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor" (Rm 8:38,39).

Essas promessas gloriosas não devem ser minimizadas, mas compreendidas em sua relação certa com passagens tais como:

"Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal, e ele mesmo a ninguém tenta. Ao contrário, cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. Então a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte" (Tg 1:13-15).

"É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados e provaram o dom celestial e se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento, visto que de novo estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus, e expondo-o à ignomínia. Porque a terra que absorve a chuva que freqüentemente cai sobre ela, e produz erva útil para aqueles por quem é também cultivada, recebe bênção da parte de Deus; mas, se produz espinhos e abrolhos, é rejeitada, e perto está da maldição; e o seu fim é ser queimada" (Hb 6:4-8).

Uma das regras hermenêuticas básicas é que o significado óbvio de uma passagem é provavelmente o mais próximo do verdadeiro sentido. Dificilmente podem-se ler os vv.4 e 5 desta passagem sem crer que essas expressões estejam descrevendo alguém que experimentou a salvação.

Embora esta passagem alerte contra o perigo de afastar-se de Cristo, ela não deve ser usada para ensinar que não há esperança para alguém que se desvia. As Escrituras tornam claro que, se a pessoa que voltou as costas a Cristo, isto é, rejeitou-o, humilhar-se e voltar a fé em Cristo, haverá perdão.

"Ou supondes que em vão afirma a Escritura: É com ciúme que por nós anseia o Espírito, que ele fez habitar em nós? Antes, ele dá maior graça; pelo que diz: Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes. Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós. Chegai-vos a Deus e ele se chegará a vós outros. Purificai as mãos, pecadores; e vós que sois de ânimo dobre, limpai o coração. Afligi-vos, lamentai e chorai. Converta-se o vosso riso em pranto, e a Vossa alegria em tristeza. Humilhai-vos na presença do Senhor, e ele vos exaltará" (Tg 4:5-10).

"Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo; pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado. Porque nos temos tomado participantes de Cristo, se de fato guardarmos firme até ao fim a confiança que desde o princípio tivemos. Enquanto se diz: Hoje, se Ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações como foi na provocação. Ora, quais os que, tendo ouvido, se rebelaram? Não foram, de fato, todos os que saíram do Egito por intermédio de Moisés? E contra quem se indignou por quarenta anos? Não foi contra os que pecaram, cujos cadáveres caíram no deserto? E contra quem jurou que não entrariam no seu descanso, senão contra os que foram desobedientes? Vemos, pois, que não puderam entrar por causa da incredulidade" (Hb 3:12-19). "Meus irmãos, se algum entre vós se desviar da verdade, e alguém o converter, sabeis que aquele que converte o pecador do seu caminho errado, salvará da morte a alma dele, e cobrirá multidão de pecados" (Tg 5:19,20).

Quero lembrar que esta última passagem foi escrita a cristãos (veja Tg 1:2). Dizer que eram judeus não vem ao caso, porque em Cristo não há judeu, nem grego. Ela fala a um cristão que comete pecado, mas se alguém "o converter (lit., tirá-lo do seu pecado), ... salvará da morte a alma dele". É possível então que a alma, e não apenas o corpo, do cristão morra. Note também 1 João 5:16: "Se alguém vir a seu irmão cometer pecado não para morte, pedirá, e Deus lhe dará vida, aos que não pecam para morte. Há pecado para morte e por esse não digo que rogue."

É dito claramente ao cristão: " ... desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor" (Fp 2:12). Mas a Escritura se apressa em acrescentar: "porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (v. 13). Deus colocou dois grandes princípios nesses versículos, e a Bíblia diz: "O que Deus ajuntou não o separe o homem." A Bíblia apresenta e reforça ambas as verdades e jamais diminui a ênfase de uma temendo entrar em conflito com a outra. Exatamente a este respeito, Alexander McLaren afirma: "O curto cordão de minha sonda não vai até o fundo do abismo, e não confesso compreender a Deus ou ao homem, o que gostaria de fazer antes de tomar conhecimento do mistério de sua ação conjunta." Temos aqui o estabelecimento positivo dessas duas linhas de verdade - o que Deus diz, Ele fará; e o que Ele diz, nós devemos fazer. "Desenvolvi a vossa salvação ... porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar" (Fp 2: 12,13).

Não é certamente da vontade de Deus que qualquer de seus filhos se perca. É-nos também assegurado que Ele tem poder para impedi-los de cair. Mas essas coisas não são automáticas. Deus não salva o indivíduo nem o guarda contra a sua vontade. Assim como a fé e o arrependimento são necessários para a salvação, são importantes também para a continuidade dessa salvação na vida do cristão. A condição bíblica para a salvação é crer. "Quem crê no Filho tem a vida eterna" (Jo 3:36). "Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus" (Jo 3:18). "Em verdade, em verdade, vos digo: Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida" (Jo 5:24). "Em verdade, em verdade vos digo: Quem crê tem a vida eterna" (Jo 6:47). É importante notar que a palavra "eterna" nesses dois últimos versículos não é um advérbio, mas um adjetivo. A vida é que é eterna, e não a nossa posse dela. O termo "crer" nessas e em outras passagens (veja Jo 3:16; 6:40) está no presente, e significa "crer e continuar crendo". É o tempo presente contínuo ou progressivo e não inclui apenas um ato inicial de fé, mas uma atitude permanente. A certeza da segurança, portanto, é para os crentes. Os eleitos são "guardados pelo poder de Deus, mediante a fé" (1 Pe 1:5). Moody chama a atenção para a tradução literal de João 10:28, e diz:

"Nem por um momento duvido dessa tradução literal: 'Minhas ovelhas se mantêm ouvindo a minha voz, e eu continuo a conhecê-las, e elas continuam me seguindo; eu continuo a dar-lhes a vida eterna e elas jamais perecerão, e ninguém irá arrebatá-las da minha mão.' Alguns lêem a passagem como se dissesse: 'Minhas ovelhas ouviram a minha voz, eu

as conheci e elas me seguiram, e eu lhes dei a vida eterna.' Os verbos estão no presente linear, indicando ação contínua por parte das ovelhas e do pastor, e não o raciocínio falso e meticuloso do verbo no passado."

Não existe promessa na Bíblia de que Deus guardará o homem que deliberadamente se afasta das provisões da salvação que Cristo fez. De fato, é-nos dito claramente: "Porque, se vivermos deliberadamente em pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados; pelo contrário, certa expectativa horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários" (Hb 10:26,27). Esses versículos descrevem um apóstata que deliberadamente se afasta de Cristo ou O rejeita. "Sem misericórdia morre pelo depoimento de duas ou três testemunhas quem tiver rejeitado a lei de Moisés. De quanto mais severo castigo julgais vós será considerado digno aquele que calcou aos pés o Filho de Deus, e profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado, e ultrajou o Espírito da graça?" (Hb 10:28,29). Aquele que volta as costas a Cristo certamente não tem esperança, porque por sua própria vontade se afasta da única fonte de perdão e purificação.

5. Advertências bíblicas

A Palavra de Deus contém advertência suficiente para evitar qualquer idéia de abusar da graça de Deus. Os seguidores de Cristo são exortados: "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação ... " (Mt 26:41); " ... acautelai-vos; não suceda que, arrastados pelo erro desses insubordinados, descaiais da vossa própria firmeza" (2 Pe 3:17); " ... procurai, com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição ... " (2 Pe 1:10); "mantendo a fé e a boa consciência" para não "naufragar na fé" (1 Tm 1:19); " ... sejam solícitos na prática de boas obras" (Tt 3:8); "Permanecei ... firmes no Senhor" (Fp 4:1).

O cristão é advertido do perigo mortal: através do sal, ao perder o seu sabor(Lc 14:34,35); através da falha em permanecer em Cristo (Cl 1:23); ao afastar-se da esperança do evangelho (Cl 1:23); ao desviar-se da fé (1 Tm 6:10); ao sujeitar-se ao diabo (2 Tm 2:24-26); ao negligenciar tão grande salvação (Hb 2:3); ao abandonar o Deus vivo (Hb 3:12); ao endurecer o coração mediante o engano do pecado (Hb 3: 13); ao pecar deliberadamente (Hb 10:26-31); ao afastar-se da verdade (Tg 5:19,20); ao deixar-se vencer pelo mundo (2 Pe 2:20-22); e ao abandonar seu primeiro amor (Ap 2:4,5).

6. A responsabilidade do crente

Todavia, ao reconhecer a possibilidade da união com Cristo desfazer-se, não devemos pensar na volta a uma posição legalista em que somos mantidos pelos nossos próprios esforços. O cristão não pode mais manter-se no poder da carne, assim como não pode salvar-se por esse meio. Somos "guardados pelo poder de Deus, *mediante a fé* para salvação" (1 Pe 1:5). Nossa parte é crer nele; a parte dele é guardarmos. A responsabilidade do crente é aproveitar-se continuamente dos meios da graça que Deus proveu para seus filhos. O cristão não pode guardar a si mesmo, mas deve submeter-se ao poder imenso do Deus que nele habita e pode guardá-lo. A única maneira de desenvolver a sua salvação é ter Deus operando nele (Fp 2:12,13). A parte do crente é alimentar-se constantemente da Palavra de Deus, render-se ao ministério do Espírito Santo e manter comunhão permanente com Deus através da oração. Mediante a fé, a obediência e rendição à vontade divina, ele tem acesso a toda a graça suprida por Deus. Não somos salvos por causa da nossa fé e obediência, nem somos mantidos salvos por elas. Mas a fé e a obediência nos conservam em comunhão com Cristo, que é fiel para guardar o depósito que entregamos a Ele. "Porque sei em quem tenho crido, e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia" (2 Tm 1:12).

Se o seguidor de Cristo fizer essas coisas, estará eternamente seguro. Se mediante incredulidade manifesta, pecado ou apostasia não confessados, deliberados, ele não permanecer em Cristo, não tem a promessa de que será mantido. Em ponto algum da Escritura nos é dada licença para abusar da graça de Deus. Temos um Sumo Sacerdote que se "compadece das nossas fraquezas" (Hb 4:15) e que " ... pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles (nós)" (Hb 7:25). Mas recebemos ordem de aproximar-nos, "com sincero coração, em plena certeza de fé", e de guardar "firme a confissão da esperança, sem vacilar" (Hb 10:22,23). Manter a nossa salvação não é um ato de equilíbrio que devemos desempenhar enquanto nos esforçamos para andar por um caminho estreito, com um profundo abismo de cada lado. É certo que existe um abismo; mas, pela fé, obediência e comunhão fiel Com o Senhor, temos o privilégio de nos afastarmos cada vez mais dele, à medida que subimos para as montanhas em direção à cidade de Deus.

7. Uma ilustração

Há alguns anos um grande avião a jato estava atravessando uma tempestade, sacudido e golpeado pelos elementos. Finalmente, depois de passar pela zona de turbulência, uma passageira deu um grande suspiro de alívio e se acomodou no assento para descansar, dizendo: "Que bom, *nós* conseguimos!" Ela tinha feito a sua parte. Não pensou, ou possivelmente nem sequer sabia, do planejamento por trás daquela grande

aeronave: os anos de experiência com modelos mais antigos, as milhares de horas que técnicos especializados passaram sobre as suas pranchetas, os testes praticamente intermináveis nos túneis de vento com todo tipo de modelo concebível, os milhares de homens que haviam trabalhado em todas as partes componentes do enorme avião, a habilidade e a precisão com que ele foi construído, com cada peso calculado meticulosamente. Ela não considerou a experiência do piloto e sua equipe, com talvez um milhão de quilômetros de vôos bem-sucedidos em sua folha de serviço. Ela deveria estar cheia de preocupação e aflição. Precisava fazer alguma coisa. Descanse, senhora. A sua segurança não está no seu medo e preocupação. Ela se encontra no avião e em sua tripulação habilitada.

O mesmo acontece com o destino eterno de nossas almas!

Quando as tempestades da tentação, dúvida e medo golpeiam a nave da sua experiência, não se esqueça da fidelidade amorosa de seu Pai celestial, que, antes de o mundo existir, estabeleceu o fundamento da sua salvação. Não se esqueça de toda a habilidade divina, trabalho e sacrifício que fazem parte dela. Lembre-se de que o Piloto já fez muitas almas atravessarem tempestades piores do que aquelas que você talvez venha a enfrentar e experimentou todas essas tempestades Ele mesmo. "Porque convinha que aquele, por cuja causa e por quem todas as coisas existem, conduzindo muitos filhos à glória, aperfeiçoasse por meio de sofrimentos o Autor da salvação deles ... para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote" (Hb 2:10,17). Foi Ele quem a fez! E é capaz de ajudar a todos que nele confiam.

Não abandone, porém, a nave. Não saia e confie no seu para-quedas, nem tente fazer voar o seu frágil avião através da tempestade. Fique na nave da sua salvação. Aperte o cinto das suas promessas um pouco mais. Anime seu coração com atos de adoração e louvor àquele que está no controle. Fique perto de Jesus. Lembre-se da sua fidelidade - "Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao dia de Cristo Jesus" (Fp 1:6). Mantenha-se perto dele e você terá a melhor, mais macia e perfeita aterrissagem nas praias da eternidade! Fique perto de Jesus!

Verificação de aprendizagem

1) Por que devemos ter uma certeza positiva de nossa salvação?

2) Explique os dois aspectos da segurança do crente.

3) Explique e fundamente sobre o equilíbrio dado pela escritura sagrada.

4) Quais são as advertências bíblicas sobre o assunto tratado neste capítulo?

5) Fundamente biblicamente sobre a responsabilidade do Cristão sobre o assunto tratado neste capítulo.

ESTÁGIO PRÁTICO

O estágio supervisionado visa favorecer a relação teoria-prática a partir da interação entre a reflexão oriunda da academia e atuação em situações concretas da realidade sócio-econômico religioso-cultural do país.

Moraes Bianchi afirma ainda mais que “o estágio quando visto como uma atividade que pode trazer imensos benefícios para aprendizagem, para a melhoria do ensino e para o estagiário, no que diz respeito a sua formação, certamente trará resultados positivos. Estes tornam-se ainda mais importantes quando se tem consciência de que as maiores beneficiadas serão a sociedade e, em especial, a comunidade a que se destinam os profissionais egressos da Faculdade.

ESTRUTURA DO ESTÁGIO DA FATEC

A partir do ano de 2006, o curso Bacharel em Teologia passou a ser tutelado pelo CFT (Conselho Federal em Teologia). Para adequar o mesmo às exigências da legislação atual, foi necessário organizar o Projeto Pedagógico dentro dos novos parâmetros. Um dos itens importantes que consta na formação do/a aluno/a diz respeito ao estágio supervisionado.

CARGA HORÁRIA TOTAL

Carga horária total a cumprir 210 horas.

ÁREAS DO ESTÁGIO

- Administração eclesial.
- Educação cristã.
- Missiologia.

- Teologia sistemática.
- Ministério da música.

A COORDENAÇÃO GERAL DO ESTÁGIO

A coordenação oferece o suporte necessário aos/as alunos/as e aos supervisores locais no seguintes dias: segunda a sexta feira das 13hrs as 22hrs.30. Contato através do fone (17)3421-5653. E-mail: secretaria@fatecc.com.br Site: www.fatecc.com.br

MODELO DE DECLARAÇÃO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Votuporanga-SP, dia mês e ano.

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que,

aluno(a) do 4º ano de ***Bacharel em Teologia***, da FATEC – FACULDADE DE
TEOLOGIA E CIÊNCIAS estagiou no (a) _____, no
período de (***data de início***) a (***data de término***), num total de _____ horas no
(a) _____, na área de _____.

Sem mais para o momento.

Atenciosamente,

Carimbo do líder Institucional e assinatura

OBS:

A declaração de estágio deve ser feita em ***papel timbrado***, assinada e carimbada pela direção. Deverá ser entregue na Secretaria Acadêmica da FATEC.

TRABALHOS MONOGRÁFICOS

ELEMENTOS DO PRÉ-TEXTO

Capa - instituição a qual é submetido, título do trabalho, contendo: nome do autor, local e ano.

FATEC – Faculdade de Teologia e Ciências
Identificação do autor
TITULO DA MONOGRAFIA Subtítulo (quando houver)
VOTUPORANGA-SP 2010

Folha de Rosto ou Página de Rosto contém os elementos essenciais à identificação do trabalho:

- a) autor (es): quando houver mais de um, relacioná-los em ordem alfabética;
- b) título – claro e preciso, contendo palavras que identifiquem o seu conteúdo e possibilitem a indexação e recuperação da informação;
- c) substituto, se houver, claramente subordinado ao título principal, precedido de dois pontos(:);
- d) número do volume, quando houver mais de um, em algarismos arábicos;
- e) nota indicando a natureza acadêmica do trabalho (grau, área e/ou disciplina), a unidade de ensino (departamento, curso, setor, escola ou instituição, entre outros), e a instituição em que é apresentado;
- f) nome do(s) orientador (es) ou professor da disciplina;
- g) local (cidade) da instituição na qual o trabalho foi defendido;
- h) ano em algarismo arábico (para trabalhos acadêmicos recomenda-se colocar o mês e o ano).

Em tese e dissertações recomenda-se a inclusão de ficha catalográfica no verso da folha de rosto.

MODELO DE FOLHA DE ROSTO DE MONOGRAFIA

<p>ANA MARIA ANNONI BINOTTO</p> <p>COLEÇÃO DE SERIADOS DA BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE TRATAMENTO E CRIAÇÃO DE UMA BASE DE DADOS REFERENCIAL</p> <p>Monografia apresentada FATEC – Faculdade de Teologia e Ciências como requisito à obtenção do título de Bacharel em Teologia, área de concentração _____.</p> <p>Orientadora(o): Prof. _____</p> <p>VOTUPORANGA-SP 2010</p>

Termo de Aprovação

A tese, a dissertação e a monografia, depois de aprovadas e corrigidas, devem trazer o termo de aprovação, em folha distinta, inserido após a folha de rosto. Consta o termo de aprovação o autor, o título, o texto da aprovação, o nome do professor orientador e dos

examinadores com as respectivas assinaturas, bem como as instituições a que são filiados, além do local e da data de aprovação.

A inclusão do termo de aprovação em teses, dissertações e monografias depende das normas de cada instituição.

TERMO DE APROVAÇÃO	
NOME E SOBRENOME DO ALUNO (SEM NEGRITO)	
TÍTULO E SUB-TÍTULO DA MONOGRAFIA (SEM NEGRITO, ESPAÇO SIMPLES)	
Monografia aprovada como requisito para obtenção do grau de Bacharel no Curso de Teologia, FATEC – Faculdade de Teologia e Ciências, pela seguinte banca examinadora:	
Orientador:	Prof. Dr./Msc. Curso, Departamento e Instituição onde atua o professor.
Membros:	_____ _____

Dedicatória (opcional)

Dedicatória é a menção em que o autor presta homenagem ou dedica o trabalho a alguém. É colocada em folha distinta, logo após o termo de aprovação, no caso de teses dissertações e monografias, ou após a folha de rosto, no caso de e trabalhos acadêmicos

Quando pouco extensa, a dedicatória pode figurar na mesma folha dos agradecimentos.

EXEMPLO:

“Dedico este trabalho à ortopedia e ao futebol, que foram as sementes das minhas amizades. A ortopedia me concedeu a ventura e a alegria de aprender a tratar lesões ósseas e articulares e o futebol, a conhecer o lazer e o divertimento, nesta minha breve passagem pelo mundo dos homens”.

Agradecimentos (opcional)

Agradecimentos são menções que o autor faz a pessoa e/ou instituição das quais eventualmente recebeu apoio e que concorreram de maneira relevante para o desenvolvimento do trabalho. Os agradecimentos aparecem em folha distinta, após a dedicatória, em teses, dissertações e monografias.

Sumário

Sumário¹ é a enumeração dos capítulos, seções ou partes do trabalho, na ordem em que aparecem no texto, indicando suas subordinações, bem como as folhas em que se iniciam.

Se o trabalho for apresentado em mais de um volume, em cada um deles deve constar o sumário completo do trabalho, especificando os capítulos, seções ou partes de cada volume. É desnecessário em trabalhos pouco extensos ou pouco divididos.

O sumário deve ser apresentado da seguinte maneira:

¹ Para o sumário ver Normas Brasileiras Registrada (NBR) 6027, Da Associação Brasileira de Normas Científicas (ABNT)

- a) em folha distinta, após a folha de rosto, o termo de aprovação, a dedicatória, os agradecimentos, epígrafe e o resumo.
- b) relacionando os títulos dos elementos pré-textuais, que aparecem após o sumário, com exceção da dedicatória, dos agradecimentos da epígrafe e do resumo, sem indicativo de numeração;
- c) relacionando os títulos de todos os elementos pós-textuais, sem indicativo de numeração;
- d) relacionando os títulos dos elementos pré-textuais, dos elementos textuais (dos capítulos, das seções ou das partes) e dos elementos pós-textuais com o mesmo padrão empregado no texto;
- e) cada capítulo, seção ou parte deve apresentar os seguintes dados:
 - indicativo numérico², que quando houver;
 - título;
 - número da folha inicial, ligado ao título por uma linha pontilhada.

O sumário não deve ser confundido com:

- a) índice, que é a relação detalhada dos assuntos, nomes (de pessoas, geográficos e outros) e títulos, em ordem alfabética, que aparece ao final do documento, localizando e remetendo para as informações contidas no texto.;
- b) resumo, que é a apresentação concisa do texto, destacando os aspectos de maior relevância, e que figura nas folhas pré-textuais;
- c) lista, que é a relação de elementos de apresentação de dados e informações (gráficos, mapas, tabelas, lâminas, fotografias, abreviaturas e símbolos) utilizados no trabalho, e que figura nas folhas pré-textuais.

O sumário é também denominado de *contents*, em inglês, *contenido*, em espanhol, *table des matières*, em francês, *sommario*, em italiano, e *inhalt*, em alemão.

² Para a numeração progressiva das seções de um documento, ver Norma Brasileira Registrada (NBR) 6024, da Associação Brasileira de Normas Científicas (ABNT).

SUMÁRIO	
	Página
1. INTRODUÇÃO	11
2. TÍTULO DE CAPÍTULO	17
2.1.Sub-divisão do capítulo	18
2.2.Sub-divisão do capítulo	21
2.3.Sub-divisão do capítulo	25
3. TÍTULO DE CAPÍTULO	30
3.1.Sub-divisão do capítulo	33
3.2.Sub-divisão do capítulo	37
3.3.Sub-divisão do capítulo	40
3.4.Sub-divisão do capítulo	48
3.5.Sub-divisão do capítulo	57
4. CONCLUSÃO	60
5. REFERÊNCIAS	64
6. ANEXOS	70
6.1.Anexo A – Título do anexo A	71
6.2.Anexo B – Título do anexo B	72

Resumo

Resumo³ é a apresentação concisa do texto, destacando seus aspectos de maior relevância.

Na elaboração do resumo, deve-se:

- a) Apresentar o resumo precedendo o texto, em entrelinhamento menor e em folha distinta.

³ Para o resumo ver Norma Brasileira Registrada (NBR) 6028, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

- b) Escrever o resumo na língua do texto, sendo aconselhável incluir versão em uma ou mais línguas de difusão internacional, na folha seguinte, no caso de dissertação e teses;
- c) incluir obrigatoriamente um resumo em português no caso de trabalhos em língua estrangeira;
- d) redigir em um único parágrafo;
- e) em teses e dissertações, apresentar o resumo com, no máximo, 500 palavras e em monografias e outros trabalhos acadêmicos, com 250 palavras;
- f) redigir com frases completas e não com seqüência de títulos;
- g) empregar termos geralmente aceitos e não apenas os de uso particular;
- h) expressar na primeira frase do resumo o assunto tratado, situando-o no tempo e no espaço, caso o título do trabalho não seja suficientemente explícito;
- i) dar preferência ao uso da terceira pessoa do singular;
- j) evitar o uso de citações bibliográficas;
- k) ressaltar os objetivos, os métodos, os resultados e as conclusões do trabalho;
- l) indicar, se for o caso, as novas diretrizes de teorias, processo, técnicas e aparelhos, bem como o nome de todos os novos elementos, minérios e compostos;
- m) citar com rigor o domínio de aplicação, grau de exatidão e o princípio básico de novos métodos;
- n) mencionar os nomes geográficos (município, estado e país) ou a circunscrição (região, distrito, condado), quando necessário.

O resumo é denominado *abstract*, em inglês, *resumen*, em espanhol, *résumé*, em francês, *riassunto*, em italiano, e *Zusammenfassung*, em alemão. Não de ser confundido com o sumário, que é a lista dos capítulos, seções ou partes. No sumário, o conteúdo é descrito por títulos e subtítulos, enquanto no resumo, que é um síntese, o conteúdo é apresentado em forma de texto reduzido.

- a) estabelecer o assunto, definindo-o sucinta e claramente, sem deixar dúvida quanto ao campo e período abrangidos e incluindo informações sobre a natureza e a importância do problema;
- b) indicar os objetivos e a finalidade do trabalho, justificando e esclarecendo sob que ponto de vista é tratado o assunto;
- c) referir-se aos tópicos principais do texto, dando o roteiro ou a ordem de exposição (entretanto, na introdução não são mencionados os resultados alcançados, o que acarretaria desinteresse pela leitura integral do texto).

Estrutura de um trabalho científico

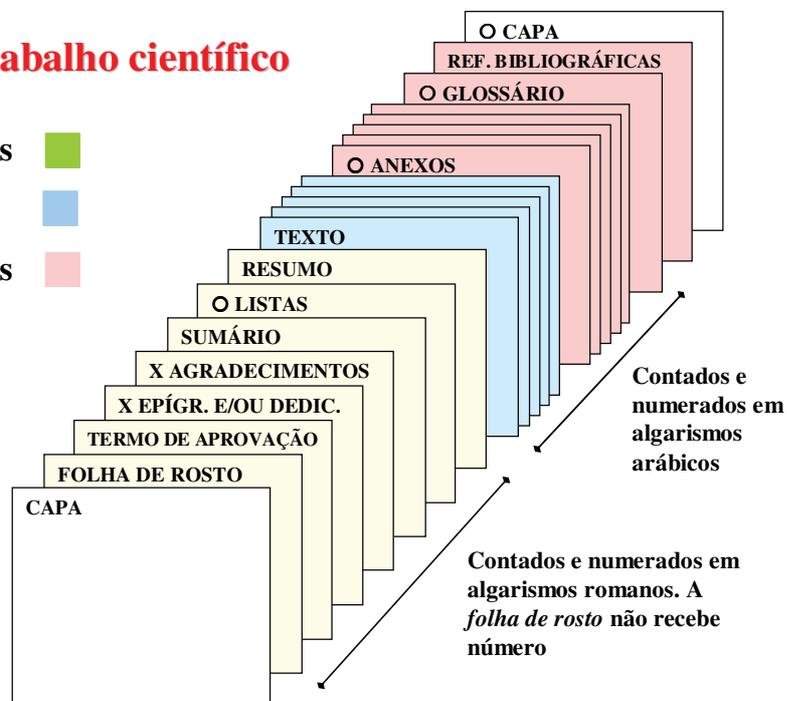
Elementos Pré-textuais ■

Texto ■

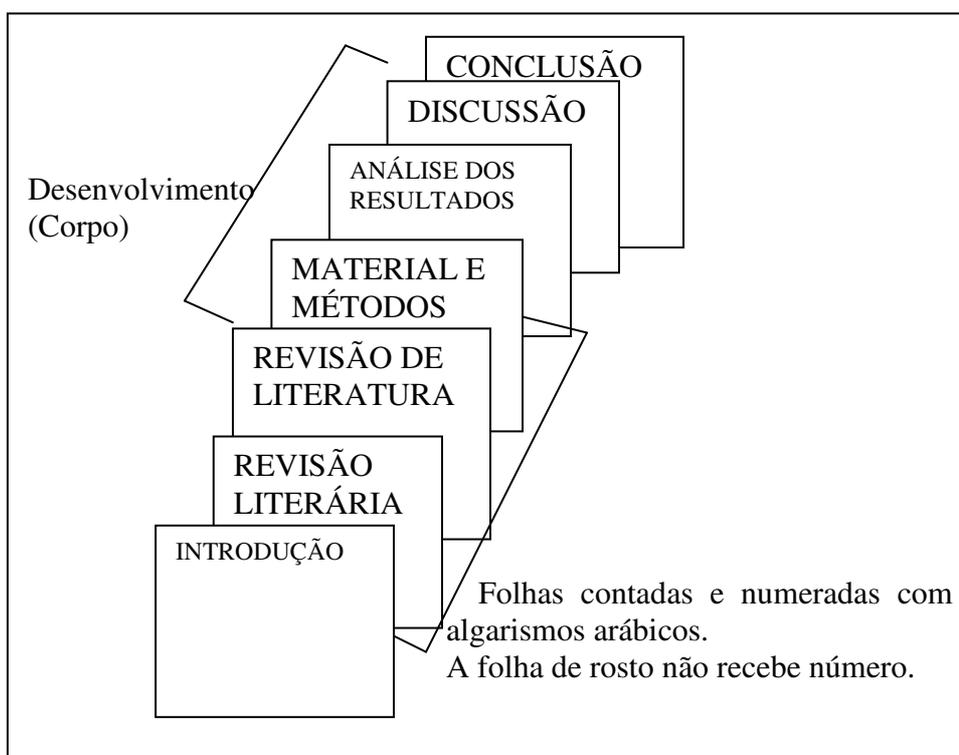
Elementos Pós-textuais ■

X Elementos opcionais

○ Elementos condicionados à necessidade



ESTRUTURA DE TEXTO DE TRABALHOS MONOGRÁFICOS



Desenvolvimento ou corpo

O desenvolvimento ou corpo, como parte principal e mais extensa do trabalho, visa a expor o assunto e demonstrar as principais idéias. É, em essência, a fundamentação lógica do trabalho.

Não existe padrão único para a estrutura e desenvolvimento dos trabalhos, o qual depende essencialmente da natureza do estudo (experimental, não-experimental, de campo, de revisão bibliográfica e outros), da lógica e do bom senso do autor. Recomenda-se que as palavras **desenvolvimento** ou **corpo** não sejam usadas como título de parte do trabalho.

As principais partes de uma tese, dissertação, monografia ou trabalho acadêmico podem ser:

a) **Revisão de literatura**, que é o elemento essencial em teses e principalmente em dissertações, e na qual se deve ter:

- Fazer referência a trabalhos anteriormente publicados, situando a evolução do assunto.

- Limitar-se às contribuições mais importantes diretamente ligadas ao assunto.
- Mencionar o nome de todos os autores, no texto ou em notas e, obrigatoriamente, nas referências.
- Oferecer base para a derivação das hipóteses e a explicação de suas fundamentação, quando for o caso.

b) **Material e métodos**, para os quais pode-se levar em consideração os seguintes aspectos:

- A descrição precisa dos métodos, materiais, técnicas e equipamentos utilizados deve permitir a repetição do experimento ou estudo com a mesma exatidão por outros pesquisadores.
- Os métodos inéditos desenvolvidos pelo autor devem ser justificados e as suas vantagens em relação a outros devem ser apontadas.
- Os processos técnicos a que foram submetidos os produtos e os tratamentos empregados devem ser citados.
- Às técnicas e aos métodos já conhecidos pode-se fazer apenas uma referência e não descrições; neste caso, é suficientemente a citação do seu autor.
- Técnicas novas podem ser descritas com detalhes, e novos equipamentos, ilustrados com fotografias e desenhos.
- Hipóteses e generalizações que não estejam baseadas nos elementos contidos no próprio trabalho devem ser evitadas.
- Os dados utilizados na análise estatística devem figurar no texto ou ser anexadas ao trabalho.

c) **Análise dos resultados** ou, simplesmente, **resultados**, na qual são apresentados os dados obtidos de forma precisa e clara, considerando-se que:

- A análise dos dados, sua interpretação (resultados) e a discussão teórica podem ser conjugadas ou separadas, conforme for mais adequado aos objetivos do trabalho.
- Os diversos resultados obtidos, sem interpretações pessoais, devem vir agrupados e ordenados convenientemente, podem do eventualmente ser acompanhados de tabelas, gráficos, quadros ou figuras com valores estatísticos, para maior clareza.
- Os dados experimentais obtidos podem ser analisados e relacionados com os principais problemas que existam sobre o assunto, dando subsídios para a conclusão.

d) **Discussão**, para a qual recomenda-se:

- Justificar a escolha do tema da pesquisa.
- Relacionar causas e efeitos.
- Esclarecer exceções, contradições, modificações, teorias e princípios relativos ao trabalho.
- Indicar as aplicações e limitações teóricas e práticas dos resultados obtidos
- Ressaltar os aspectos que confirmem ou modifiquem de modo significativo as teorias estabelecidas, apresentando as novas perspectivas para continuidade da pesquisa.

Nem todos os trabalhos requerem uma seção ou capítulo dedicado à revisão de literatura. Há casos em que os autores preferem incorporá-la à introdução, principalmente se a revisão for breve. Assim como nem todos os trabalhos requerem uma seção específica dedicada a metodologia (material e método ou causuística e métodos), podendo a mesma constar também da introdução.

Conclusão

É a recapitulação sintética dos resultados e da discussão do estudo ou pesquisa. Pode apresentar deduções lógicas e correspondentes aos objetivos propostos, ressaltando o alcance e as conseqüências de suas contribuições, bem como seu possível mérito. Pode conter a indicação de problemas dignos de novos estudos, além de recomendações, quando for o caso. Deve ser breve e basear-se em dados comprovados.

ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS

É a terceira fase da estrutura redacional do trabalho científico, corresponde a:

- Bibliografia.
- Glossário.
- Apêndice.
- Anexos.

Avaliação final (Provão)

 Faculdade de Teologia e Ciências Instituto de Ciências Humanas e Sociais Campus Votuporanga-SP	Curso: Disciplina: Prof(a): Prova:	NOTA
---	---	-------------

Nome do aluno:	RM:	Turma:
Assinatura do aluno:	Data da Prova:	

QUESTÕES

a) Fundamente e explique biblicamente sobre o capítulo "A morte de Cristo".

b) Explique fundamentando biblicamente sobre o capítulo "A ressurreição de Jesus Cristo".

c) Explique e fundamente biblicamente sobre o capítulo "Ascensão e exaltação de Jesus Cristo".

d) Explique e fundamente biblicamente sobre: Eleição, arrependimento e fé para o amadurecimento do Cristão.

e) Justificação, regeneração, adoção e santificação: São pontos fundamentais para a salvação? Explique e fundamente biblicamente?

f) Santificação, certeza e segurança do crente: São pontos fundamentais da fé Cristã? Explique e fundamente biblicamente.
